



CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
MESTRADO EM ENSINO

**MOVIMENTOS SOCIAIS, APRENDIZAGEM E MULHERES DO
POVOADO DE COQUELÂNDIA/IMPERATRIZ/MARANHÃO**

Rosyjane Paula Farias Pinto

Lajeado, Outubro de 2015

Rosyjane Paula Farias Pinto

**MOVIMENTOS SOCIAIS, APRENDIZAGEM E MULHERES DO
POVOADO DE COQUELÂNDIA/IMPERATRIZ/MARANHÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino, na área de Alfabetização Científica e Tecnológica, na linha de pesquisa Ciência, Sociedade e Ensino.

Professora Orientadora: Dra. Neli
Teresinha Galarce Machado

Lajeado, outubro de 2015

Rosyjane Paula Farias Pinto

MOVIMENTOS SOCIAIS, APRENDIZAGEM E MULHERES DO POVOADO DE COQUELÂNDIA/IMPERATRIZ/MARANHÃO

A Banca examinadora _____ a Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do grau de Mestre em Ensino, na área de Alfabetização Científica e Tecnológica, na linha de pesquisa Ciência, Sociedade e Ensino.

Profa. Dra. Neli Teresinha Galarce
Machado
Orientadora
Centro universitário UNIVATES

Profa. Dra. Angélica Vier Munhoz
Centro universitário UNIVATES

Prof. Dr. André Jasper
Centro universitário UNIVATES

Profa. Dra. Nikelen Acosta Witter
Centro Universitário Franciscano -
UNIFRA

Lajeado, outubro de 2015

Dedico à minha amada mãe Rosimar Pinto, que representa minha vida e minha essência, meu pai João Paulo (in memoria) pelo exemplo que deixou de honestidade e amor, ao meu companheiro Alex Lopes pela compreensão, incentivo e, apoio em todos os momentos, especialmente, nos mais difíceis e angustiantes. Aos meus irmãos João Paulo e Luciano pelas alegrias compartilhadas.

AGRADECIMENTOS

Muitos são os envolvidos que direta ou indiretamente participaram no processo que derivou nessa dissertação, fruto de dias com sentimentos variados de expectativas, ansiedades, cansaços e alegrias. É, portanto, impossível não lembrar os familiares e amigos que acompanharam por dois anos parte dessa trajetória pessoal e profissional.

Sem dúvidas, cabe evidenciar o significado e valor dos meus pais João Paulo (in memoria) e Rosimar Pinto, que mesmo diante de todas as dificuldades e obstáculos da vida conseguiram proporcionar aos filhos a maior herança que os pais poderiam oferecer a seus filhos: oportunidade de estudar.

Meus agradecimentos ao meu companheiro Alex Lopes que no decurso de suas palavras de incentivo e de compreensão total aos meus momentos de ausência me possibilitou sentir a segurança, o carinho e o amor.

À Eliene Costa e Lindoracy Maciel, amigas de muitos anos, com a qual divido utopias, sonhos e uma enorme vontade de ser uma pessoa a cada dia mais humana e justa.

À professora Dr^a: Orleane Santana que mesmo tendo chegado de forma recente em minha vida, têm me permitido aprender e sentir a segurança de uma convivência saudável e harmoniosa.

Um agradecimento muito especial a minha orientadora Professora Dr^a. Neli Terezinha Galarce Machado, que de forma rigorosa e paciente, soube dosar e fazer críticas assertivas, assim como, trazer palavras de estímulo à reflexão.

Agradecimentos especiais também, as mulheres quebradeiras de coco do povoado de Coquelândia, que por intermédio da simplicidade, e dos saberes compartilhados, me permitiram adquirir uma nova visão de mundo, me possibilitando perceber o seu humano em sua essência.

RESUMO

Este trabalho notabiliza os movimentos sociais como espaços não-formais de ensino e aprendizagem, tornando-se ambientes propícios para a construção paulatina de novos e significativos saberes de luta e conscientização de mulheres quebradeiras de coco babaçu na busca de conquista de direitos, autonomia e qualidade de vida. Essa dissertação intitulada *Movimentos Sociais, Aprendizagem e Mulheres do Povoado de Coquelândia / Imperatriz / Maranhão* tem como objetivo geral verificar se os movimentos sociais, enquanto espaços não-formais de ensino e de aprendizagem possibilitam o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia no município de Imperatriz – MA. Os sujeitos da pesquisa foram dezessete mulheres quebradeiras de coco babaçu, moradoras do povoado de Coquelândia, pertencente ao município de Imperatriz/MA, inseridas no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB). A pesquisa delineada neste trabalho é de caráter etnográfico, com análise qualitativa, sendo que todos os registros foram feitos a partir da observação participante nos espaços do cotidiano das mulheres, em suas atividades de coleta e quebra do coco, assim como nos mais variados espaços de movimentação social, fruto da participação direta ou indireta no MIQCB. Para alcançar os objetivos fez-se também o uso de entrevista semi-estruturada e da história de vida. Os resultados obtidos demonstram que o movimento social, enquanto espaços não-formais de ensino e de aprendizagem, propiciam às mulheres quebradeiras de coco babaçu a garantir um identidade coletiva, elaborada e ressignificada a partir das construções coletivas, possibilitando que essas mulheres garantam a identidade de ser mulher e quebradeira de coco e, principalmente, possibilitando-lhes a busca pelo empoderamento.

Palavras chaves: Movimentos Sociais. Ensino e Aprendizagem. Identidade. Empoderamento.

ABSTRACT

This work makes notable social movements and non- formal spaces for teaching and learning , making it conducive environments for the gradual construction of new and significant knowledge of struggle and awareness breakers women babaçu coconut in seeking rights achievement, autonomy and quality life. This dissertation entitled: Social Movements, Learning and Women of the Village of Coquelândia / Imperatriz / Maranhão, The study has the general objective to verify if the social movements, while non- formal spaces for teaching and learning enable the empowerment of women babaçu coconut breakers Coquelândia of the village in the municipality of Imperatriz - MA. The research subjects were seventeen women babaçu coconut breakers, village residents of Coquelândia , in the municipality of Imperatriz / MA, inserted into the Interstate Movement of Babaçu Coconut breakers (MIQCB). The research outlined in this paper is ethnographic, qualitative analysis, and all records were made from the participant observation in women's everyday spaces in their collection and Coconut break activities, as well as in various spaces social movement, the result of direct or indirect participation in the MIQCB. To achieve the objectives was also made using semi -structured interviews and life history. The results show that the social movement, while non- formal spaces for teaching and learning, to provide breakers women babaçu coconut to ensure a collective identity, drafted and a new means from collective constructions, enabling these women to ensure the identity of being a woman and coconut crash and, above all, enabling them to search for empowerment.

Key words : Social Movements . Teaching and Learning .Identity. Empowerment.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Quadro elaborado pela autora da pesquisa de acordo com as categorias identificadas durante análise dos resultados	38
Figura 2: Mapa do Estado do Maranhão e esta dos limítrofes	56
Figura 3: Vista aérea da cidade de Imperatriz com destaque ao Rio Tocantins	68
Figura 4: Moradias da rua principal do povoado de Coquelândia, ainda empiçarradas.....	72
Figura 5: Paisagem geográfica do povoado de Coquelândia marcada pela floresta amazônica e o cerrado e com forte presença das palmeiras de babaçu....	73
Figura 6: Fazenda particular às margens da Estrada do Arroz, com presença das palmeiras de babaçu e das cercas de arames.....	76
Figura 7: Realização do transporte do eucalipto realizado por uma empresa de celulose dentro do povoado de Coquelândia no município de Imperatriz/MA.	80
Figura 8: Primeira reunião das lideranças das quebradeiras de coco no povoado de Coquelândia para discutir a importância da participação delas no MIQCB 86	
Figura 9: Mulheres no auditório do CESIR participando do VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu realizado nos dias 23 a 25 de setembro em São Luís/MA.....	114
Figura 10: Palestra realizada pelas quebradeiras de coco babaçu do MIQCB em uma faculdade particular do município de Imperatriz em que estive presente na composição da mesa a pedido das quebradeiras de coco com a finalidade de defenderem sua identidade e seu movimento	117
Figura 11: Seminário realizado por acadêmicos para as mulheres quebradeiras de coco babaçu no povoado de Coquelândia sobre os tipos de violência e o poder dos movimentos	124
Figura 12: Debate sobre a temática Cultura e Juventude na área externa do CESIR durante VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu	131
Figura 13: Cartaz confeccionado durante VII Encontro das Quebradeiras de Coco no CESIR para socialização da oficina realizada sobre a temática Cultura e Juventude	134
Figura 14: Material produzido durante socialização da oficina Território e Resistência durante realização do VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu	135
Figura 15: Quebradeira de coco em um dia de trabalho extraíndo as amêndoas do coco babaçu	159

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CESIR – Centro de Estudo Sindical Rural

PGC – Programa Grande Carajás

PCNSA – Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

PROMARANHÃO – Programa de Incentivo às Atividades Industriais e Tecnológicas no Estado do Maranhão

MIQCB – Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	19
2.1 Caracterização da pesquisa	19
2.2 Delineamento da Pesquisa e dos Sujeitos	22
2.3 Instrumentos da coleta de dados e suas respectivas descrições	25
2.4 Técnica da análise de dados	37
3 MOVIMENTOS SOCIAIS: UMA HISTÓRIA E MUITOS SIGNIFICADOS	40
3.1 Um breve histórico dos antigos discursos dos movimentos sociais	40
3.2 A história dos movimentos sociais no Brasil	47
3.3 Os novos movimento sociais na contemporaneidade.....	50
4 DESCRREVENDO A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DO MARANHÃO NO MOVIMENTO SOCIAL	55
4.1 Localização	56
4.2 Maranhão: terra de luta.....	56
4.3 O movimento de mulheres camponesas e agroextrativistas nas terras maranhenses	59
4.4 Imperatriz: apresentação, contextualização e problemas	65
4.5 Um olhar para o povoado de Coquelândia.....	70
4.6 Os caminhos percorridos pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia dentro do movimento	82
5 MOVIMENTO SOCIAL COMO ESPAÇO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	92
5.1 O Movimento Social como espaços não-formais de aprendizagem.....	93
5.2 Os espaços de aprendizagens no movimento.....	104
5.3 A significação da formação para as mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia.....	109
5.4 A importância do ensinar e aprender	138

6 MOVIMENTO SOCIAL E IDENTIDADE.....	140
6.1 Identidade ressignificada: caminhos para o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia	140
6.2 Saberes, Cultura e Identidade das Mulheres Quebradeiras de Coco	147
6.3 Identidade, poder e gênero.....	160
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS	175
APÊNDICES	186

1 INTRODUÇÃO

A história da humanidade tem sido marcada por constantes mudanças que se devem a inumeráveis fatores, dentre eles destacamos os movimentos sociais, evidenciados como instrumentos de transformação, detentores de uma dinâmica, sobre os quais nem sempre há teorização e, conseqüentemente, suas descrições acompanham essa complexidade.

Assim, os movimentos despontam como os mais eloquentes indicadores para a análise do funcionamento da sociedade, pois traduzem o persistente movimento das forças sociais, possibilitam identificar as tensões entre os diferentes grupos de interesses, bem como manifestam as veias abertas das complexas estruturas de desenvolvimento das sociedades.

Em cada contexto histórico, os movimentos sociais se evidenciam como um medidor das tensões da sociedade, das áreas de carência estrutural, dos focos de insatisfação, dos desejos coletivos, permitindo a efetivação de um genuíno mapeamento das relações sociais. Além disso, possui aspectos peculiares quanto às suas constituições e as motivações para a construção do seu objeto.

Tanto seus aspectos como objeto são condicionados pelas diferentes constelações históricas, razão pela qual não podemos percebê-los sem remissão direta às determinações históricas, ou seja, sem um olhar holístico para as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais da sociedade.

Em vista disso, os movimentos sociais apresentam uma conjectura mais exata da realidade vivida pelos sujeitos, apresentando, com maior grau, as carências e as demandas dessas realidades, o que permite, de fato, perceber e compreender as injustiças e anseios que envolvem esses atores sociais.

O ideário de movimento social remete, de forma constante, à problemática vivida pelas classes sociais como reflexos da sociedade capitalista. Nesse modelo de sociedade, em que para uns é ambígua e para outros contraditório, os movimentos sociais se apresentam como expressão viva na luta por melhores condições de vida humana, de valorização e respeito do ser humano, consequentemente, de viver com dignidade e com melhor qualidade de vida.

De modo igual, é essencial destacar que a humanidade sempre viveu e continuará vivendo um permanente processo de ensinar e aprender, essa realidade humana se confirma, tendo em vista que o ensinar é um exercício compartilhado no cotidiano dos sujeitos sociais.

A dinâmica da relação existente entre o ensino e a aprendizagem surge em toda a extensão da vida humana, pois a obtenção e produção de conhecimento não ocorrem tão somente nos espaços formais de aprendizagem como muito se propagou, mas nas moradias, nos locais de trabalho, nas organizações, ou seja, nos espaços coletivos que caracterizam, por alguma motivação, espaços de pertencimento e que caracterizamos aqui de espaços não formais de aprendizagens, espaço gerador de novos e constantes aprendizados e saberes.

A conexão dos novos saberes adquiridos nos espaços não formais de aprendizagem vividos na coletividade e, também, na luta pela afirmação de direitos sociais e culturais contemporâneos como: meio ambiente, sexo, raça, segurança, gênero, qualidade de vida, liberdade, justiça social e direitos humanos, só é possível, quando os novos saberes permitem, que os atores sociais desenvolvam competências e habilidades para participar de forma mais ativa da vida em sociedade, bem como de adquirir um pensamento reflexivo que qualifique ainda mais sua ação política na busca por direitos.

São mulheres inseridas de forma direta ou indireta em importante movimento social, com destaque, para o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB), que busca lutar, de forma incessante, pelo acesso à terra, reconhecimento de uma identidade cultural, valorização do ser humano, defesa de um meio ambiente sustentável, garantia de direitos, bem como a construção de novos e importantes saberes.

A relevância deste estudo se dá por compreendermos que os temas que envolvem movimento social, espaços não-formais de aprendizagens, identidade cultural e empoderamento mostram-se, nas últimas três décadas, sempre atuais no contexto e no modelo econômico que vive a sociedade capitalista.

A pesquisa em pauta possui relevância científica, tendo em vista que as quebradeiras de coco babaçu do Maranhão e, de forma mais específica do povoado de Coquelândia do município de Imperatriz, sujeitos dessa pesquisa, mesmo fazendo parte do contexto histórico, veem suas atividades em face à globalização, tornando-se cada vez mais raras.

Esse fato é motivo de inquietação desta pesquisadora, uma vez que se reconhece que essas mulheres merecem ter sua história registrada para que sua cultura não se perca e, principalmente, que sejam evidenciadas como mulheres fortes e aguerridas, que lutam, décadas afins, para se manterem vivas e realizando suas atividades e, conseqüentemente, serem reconhecidas e respeitadas enquanto identidade de quebradeiras de coco.

Nesse contexto, revelar essas histórias e valorizar sua cultura é possibilitar a essas mulheres o direito de continuarem sendo quebradeiras de coco, ofício passado de geração a geração e que, a cada dia, o sistema vigente do capital, bem como de parte significativa da sociedade contribuem para que suas histórias de vida sejam esquecidas e que suas manifestações de luta sejam silenciadas.

A motivação pessoal para pesquisar essa realidade se deu pela convivência firmada com mulheres quebradeiras de coco no povoado de Petrolina, também município de Imperatriz, desde o ano de 2009. Enquanto historiadora e professora de uma faculdade particular de Imperatriz esta pesquisadora ministrou, no ano de

2009, a disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino de História e, nesse período, desenvolveu um projeto acadêmico com uma turma de V período do curso de Pedagogia, que envolvia a necessidade de explorar a história local com o objetivo de notabilizar história de vida de mulheres que, em contexto geral da sociedade, sempre tiveram suas histórias ocultadas.

Pela observação dos aspectos analisados a partir dessa atividade pedagógica, e com o consentimento dessas mulheres quebradeiras de coco, passamos a conhecer, cada vez mais, suas histórias de vida, que envolvidas nos movimentos sociais foram, ao longo dos anos, lutando pelo fortalecimento de suas identidades e pela garantia de seus direitos.

No cenário brasileiro, o Maranhão é considerado um dos estados com maior índice de conflitos envolvendo trabalhadores rurais, entretanto são conflitos que foram e continuam sendo, em sua maioria, causados por processos de privatização de terras e grilagem. Os movimentos sociais, nesse sentido, sugerem a existência de dinâmicas na sociedade, o que significa asseverar que, independentemente do tempo ou espaço, as sociedades humanas produzem novas formas de organização social.

Assim, os movimentos se tornam ações sociais motivadas pelos sujeitos que compõem uma sociedade em seu respectivo contexto, com vistas a reivindicar ou alvitrar mudanças, avanços e projetos que permitem a sociedade transformar-se constantemente.

A relevância desse objeto de pesquisa se justifica também por desenhar-se em um cenário no qual poucos estudos têm sido realizados envolvendo a temática dos movimentos sociais e sua relação com o ensino e aprendizagem, procurando evidenciar que os sujeitos sociais aqui pesquisados adquiriram e adquirem, no interior de suas relações cotidianas, enquanto movimento social e conseqüentemente vivendo o sentimento de pertença e coletividade, saberes que possibilitam significativas mudanças em seus cotidianos.

Esse contexto é possível quando se percebe que os espaços de ensino e aprendizagem envolvem-se em um universo que ultrapassa a instituição escolar, ou

seja, que ocorrem extramuros da escola, o que recebe a denominação de espaços não-formais de aprendizagem, vivenciados nos espaços de reuniões, debates e discussões, o que muito é proporcionado também pela presença desses sujeitos nos movimentos sociais.

A aprendizagem é discutida nesta dissertação como sendo um processo de formação humana, criativo e de aquisição de saberes, considerando que os aprendizados adquiridos ao longo do tempo histórico e nas relações sociais, nunca são exatamente os mesmos transmitidos por um indivíduo, meio ou instrumento tecnológico, porque o indivíduo reestrutura o que adquire segundo sua cultura.

Dado o exposto, a dissertação aqui delineada é de caráter etnográfico com análise qualitativa, rica em descrições das mulheres quebradeiras de coco babaçu, em que citações são frequentemente usadas para subsidiar uma afirmação ou esclarecer um ponto de vista, dando total atenção ao significado que os sujeitos desta pesquisa dão às coisas, às pessoas, ao movimento, seus conceitos de identidade, gênero e empoderamento, bem como suas aprendizagens e saberes.

Os registros etnográficos foram feitos a partir da observação participante, no cotidiano da comunidade, nos encontros realizados no povoado e fora do povoado, nas reuniões realizadas enquanto movimento social, em seus ambientes familiares e nas viagens em que estivemos presentes. Os eventos foram todos fotografados, alguns deles fotografados e também gravados, tudo com o consentimento das quebradeiras de coco.

Para a coleta de dados além da observação participante, também utilizamos a entrevista semiestruturada e da história de vida, bem como dos discursos pronunciados nos mais diversos espaços que estivemos com essas mulheres. Todos esses momentos depois de gravados foram transcritos.

Nessa concepção, o presente trabalho objetiva verificar se os movimentos sociais, enquanto espaços não-formais de ensino e de aprendizagem, possibilitam o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia no município de Imperatriz – MA.

Os Movimentos Sociais são anseios coletivos que falam de si próprios, de igualdade socioeconômica, político e cultural, de justiça social, de empoderamento individual e coletivo, e sua relação se dá com a educação a partir da interação com os movimentos e em contato com as instituições educacionais no interior do próprio movimento social, dado seu caráter educativo e suas ações dentro das representatividades.

Nessa perspectiva, o problema norteador da pesquisa é “Os movimentos sociais como espaços não-formais de aprendizagem possibilita o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia, no Município de Imperatriz-MA?”.

Com foco na análise de conhecer o ensino e aprendizagem das mulheres quebradeiras de coco, dentro do movimento social nesse universo empírico, objetivamos verificar se os movimentos sociais, enquanto espaços não-formais de ensino e de aprendizagem possibilitam o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia, no município de Imperatriz - MA.

Assim, os objetivos específicos propostos foram a identificação no movimento social, o ensinar e o aprender como possibilidades de empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia; a verificação se o movimento social enquanto espaço não-formal de aprendizagem constrói a identidade cultural das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia; e conhecimento das concepções das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia em relação ao movimento social nos aspectos de ensino e aprendizagem.

As hipóteses aqui defendidas permitem afirmar que: Os movimentos sociais, enquanto espaços não formais de ensino e de aprendizagem possibilitam o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia; O movimento social enquanto espaços não formais de aprendizagem garante a identidade cultural das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia; As concepções que as mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia possuem de movimento social nos aspectos de ensino e aprendizagens possibilitam-nas à busca pelo empoderamento.

Para fundamentar esta pesquisa utilizamos os seguintes teóricos: para tratar dos movimentos sociais, optamos por Gohn (2007, 2008, 2012, 2013), Touraine (1989), Tarrow (2009) e Scherrer-Warren (1996); para abordar os saberes adquiridos nos espaços não-formais de aprendizagens, utilizamos as teorias de Freire (1999), Gohn (2012, 2013, 2014), Gadotti (2005), Vercelli (2013), Stravracas (2013); para fundamentar a identidade cultural usamos os autores Castells (1999) e Hall (2011), e por fim, no empoderamento recorremos a Barqueiro (2012), Freire (1999) e Oakley e Clayton (2003).

Organizamos esta dissertação em sete capítulos, os quais objetivam melhor estruturar as teorias e ideias dos autores que discutem as temáticas dos movimentos sociais, os espaços não-formais de ensino e aprendizagem, a identidade cultural e o empoderamento, procurando estabelecer uma relação direta com a história das mulheres quebradeiras de coco babaçu.

O primeiro capítulo é a introdução, que abordamos a temática e a natureza do trabalho, com destaque para a contextualização do tema, a justificativa, o problema, os objetivos, bem como uma síntese da metodologia utilizada na realização da pesquisa. O segundo capítulo apresentamos de forma detalhada os passos metodológicos empregados durante a realização da pesquisa etnográfica, os objetivos, bem como os instrumentos que contemplaram cada um dos objetivos específicos propostos, a coleta e a análise dos dados obtidos.

O terceiro capítulo apresentamos uma breve contextualização da história dos movimentos sociais em uma perspectiva mais geral do cenário mundial, procurando evidenciar as grandes transformações, pelas quais passaram os movimentos sociais, bem como o surgimento dos novos formatos de movimentos sociais, os quais podem ser exemplificados pelo movimento das mulheres quebradeiras de coco babaçu.

O quarto capítulo apresentamos a construção dos novos movimentos sociais, fazendo a relação direta com o cenário das mulheres quebradeiras de coco babaçu do Maranhão e, conseqüentemente, das quebradeiras de Imperatriz do povoado de Coquelândia, evidenciando o contexto histórico da criação e relevância do

Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB) na vida de mulheres extrativistas.

O quinto capítulo apresentamos de forma mais contundente as percepções das mulheres quebradeiras de coco inseridas no movimento social sobre o ensino e a aprendizagem, e de que maneira suas vidas são transformadas e ressignificadas a partir dos conhecimentos adquiridos a partir das relações coletivas vividas e compartilhadas no MIQCB, em busca de maior autonomia, liberdade e emancipação.

O sexto capítulo apresentamos a caracterização da identidade de ser mulher e quebradeira de coco babaçu, evidenciando a partir das observações e das histórias das quebradeiras de coco, os cotidianos das atividades de coleta e quebra do coco, bem como do sentimento de pertença existente entre as mulheres com história de lutas e conquistas comuns.

Por fim, o último capítulo (conclusão) apresentamos considerações acerca dos resultados alcançados, sintetiza as constatações mais significativas a cerca da importância da participação das mulheres quebradeiras de coco no movimento social e na construção de uma identidade coletiva; sendo que a partir dos saberes adquiridos no interior do movimento social conseguem se empoderar para conquistar maior autonomia, vencer a discriminação e o preconceito, assim como ocupar espaços sociais e políticos de onde sempre estiveram excluídas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os caminhos percorridos ao longo da investigação, conforme a necessidade de delineamento deste estudo. Partindo das vivências da pesquisadora, em diversos espaços do cotidiano das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia, e em decorrência da realização de uma pesquisa etnográfica e de observação participante, na descrição dos procedimentos metodológicos deste estudo, justificamos a utilização da primeira pessoa do singular em vez da primeira do plural, como costumeiramente se faz em textos de caráter científico. Esta investigação buscou compreender o processo do ensinar e aprender de mulheres extrativistas inseridas no movimento social e de que forma os conhecimentos adquiridos nesses espaços tem fortalecido o cotidiano dessas quebradeiras de coco.

Os caminhos percorridos neste trabalho foram: a caracterização da pesquisa, o campo de investigação, os participantes envolvidas na pesquisa, os instrumentos de coleta de dados e as percepções advindas das experiências das quebradeiras de coco babaçu sobre movimento social, identidade, empoderamento, bem como os aprendizados adquiridos e ensinados nos espaços do movimento.

Para tanto, a análise dos dados com base nas observações, anotações do diário de campo, conversas informais e entrevistas, deu-se por meio de uma aproximação de análise de conteúdo.

2.1 Caracterização da Pesquisa

A presente pesquisa respalda-se na busca por significados, valores e sentidos para um grupo de mulheres quebradeira de coco militantes e atuantes no Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MIQCB).

A pesquisa que tem como tema “O papel dos Movimentos Sociais no processo de empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu no povoado de Coquelândia, município de Imperatriz-MA” foi realizada no Povoado de Coquelândia, distante 36 Km da cidade de Imperatriz, com mulheres que, vivendo da coleta e quebra do coco, travam diariamente uma luta incansável em defesa das palmeiras de babaçu, assim como na garantia do reconhecimento e valorização de sua identidade como mulheres quebradeira de coco.

O espaço do MIQCB é, nesse contexto, um espaço de difusão de novos e significativos saberes os quais, a partir das discussões e estudos realizados, permitem às mulheres reivindicar por uma sociedade que saiba respeitar e valorizar a vida de sujeitos, que vivem e desejam sua permanência no campo, bem como por maior garantia da dignidade humana.

Assim, no sentido de estudar o conceito de mundo da mulher trabalhadora e quebradeira de coco e compreender o significado desta experiência, optei pela pesquisa de abordagem qualitativa.

A relevância da pesquisa qualitativa ocorre por buscar estudar os aspectos da realidade que não é possível ser quantificados, haja vista que a pesquisa de cunho qualitativo está na interpretação, com ênfase na subjetividade, merecendo destaque pela própria natureza do conhecimento em ciências humanas e sociais.

Agrosino (2009, p. 9) salienta que a pesquisa qualitativa visa a abordar o mundo “lá fora [...] e entender, descrever e, às vezes, explicar os fenômenos sociais de dentro de diversas maneiras diferentes”.

O tipo de pesquisa aqui apresentado tem grande relevância, porque busca esmiuçar a maneira como as diferentes pessoas constroem o mundo em torno de si, o que estão fazendo ou mesmo o que lhes acontece de forma significativa e, conseqüentemente, ofereçam uma visão rica da realidade; “preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais” (GERHARDT, 2009, p. 32).

Minayo (2007), defende que a pesquisa qualitativa trabalha com a natureza dos significados [...], crenças, valores e atitudes, o que obedece a um espaço mais intenso das relações, dos processos e dos acontecimentos que não podem ser reduzidos a variáveis.

A opção por essa abordagem se deve em função da viabilidade de uma análise alicerçada no parecer dos envolvidos de forma mais detalhada, proporcionando um direcionamento mais resistente ao processo, além de conferir maior autonomia ao pesquisador.

Dessa maneira, a pesquisa aqui ilustrada tem enfoque de cunho etnográfico, pois representa um método para a área do ensino e das ciências humanas, que nos incita a repensar o caminho qualitativo das experiências relativas ao processo ensino-aprendizagem em ambientes não formais.

Para Agrosino (2009, p.30), a etnografia “é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”, utilizada para fazer o estudo de questões ou comportamentos sociais que não são claramente compreendidos.

A pesquisa etnográfica tem o papel de esmerar pelo conhecimento profundo de atributos subjetivos específicos, que não podem ser mensurados em um determinado grupo ou comunidade; assim, a pesquisa etnográfica na medida em que não se atém em apenas um aspecto do social, mas principalmente, em buscar compreender sua totalidade, promove um entendimento mais abarcante da realidade.

A etnografia lida com gente no sentido coletivo da palavra, e não com indivíduos. [...] é uma maneira de estudar pessoas em grupos organizados, duradouros, que podem ser chamados de comunidades ou sociedades. O modo de vida peculiar que caracteriza um grupo é entendido como a sua cultura. Estudar a cultura envolve um exame dos comportamentos, costumes e crenças aprendidos e compartilhados do grupo (AGROSINO, 2009, p. 16).

Agrosino (2009, p. 43) notabiliza que, “a verdadeira etnografia depende da capacidade de um pesquisador de observar e interagir com as pessoas enquanto elas essencialmente executam suas rotinas do dia a dia”.

Portanto, o universo da pesquisa passou a ser todos os ambientes de encontros, reuniões, estudos, ensino, aprendizagens, moradia e outros das mulheres quebradeiras de coco babaçu integrantes da comunidade do povoado de Coquelândia, o qual representa a força das mulheres em movimentação cotidiana em defesa da sobrevivência dos babaçuais e da garantia por uma identidade de quebradeira de coco, bem como espaço propício para a aquisição de novos saberes.

2.2 Delineamento da Pesquisa e dos Sujeitos

Os sujeitos dessa pesquisa foram quatorze mulheres quebradeiras de coco babaçu, do povoado de Coquelândia, no município de Imperatriz-MA, pertencentes a um cotidiano coletivo e privado, que reúne saberes diversos com consciência ecológica, sentimento de pertença e coletividade, que estão inseridas em um movimento social com o objetivo de alcançar o reconhecimento como quebradeiras de coco, ter seu trabalho valorizado, proteger os babaçuais e, conseqüentemente, serem respeitadas enquanto sujeitos sociais.

Com a intenção de melhor compreender o contexto histórico dos movimentos sociais em seu tempo e espaço, assim como sua importância, sua dinâmica e, principalmente conhecer a história dos movimentos sociais, enquanto ações vividas na coletividade, foi imprescindível fazer um levantamento bibliográfico com base nos acervos já existentes sobre essa temática.

A relevância do levantamento bibliográfico se dá com o intuito de munir o pesquisador de condições cognitivas mais aperfeiçoadas com a finalidade de impedir que pesquisas sejam duplicadas, tal como inteirar-se de recursos necessários para o levantamento de um estudo com características específicas.

É muito importante buscar esclarecer-se acerca dos principais conceitos que envolvem o tema de pesquisa, procurar um contato com trabalhos de natureza teórica capazes de proporcionar explicações a respeito, bem como com pesquisas recentes que abordaram o assunto (GIL, 2002, p. 61).

Na direção de coletar informações prévias e relevantes do universo e dos sujeitos da pesquisa, foi necessário, em abril de 2014, fazer um primeiro contato por

telefone com a sede do MIQCB, localizada no município de Imperatriz, com o objetivo de marcar um primeiro contato físico com as dirigentes do movimento, com a finalidade de me apresentar enquanto pesquisadora, para o grupo das quebradeiras de coco.

O contato prévio realizado por telefone com as dirigentes do MIQCB me permitiu uma conversa, agendada em maio de 2014, o que me possibilitou fazer uma apresentação, e assim esclarecer meu interesse enquanto pesquisadora em retratar o cotidiano de mulheres agroextrativista e quebradeiras de coco e os objetivos do referido estudo.

Durante apresentação foi explicado às quebradeiras de coco que a pesquisa era requisito final para a conclusão do Mestrado em Ensino em uma instituição de ensino superior do município de Lajeado no estado do Rio Grande do Sul, e que o trabalho científico era de grande relevância com a finalidade de levar as vozes das mulheres quebradeiras de coco de Coquelândia aos mais diversos espaços da sociedade, bem como permitir que suas histórias fossem reveladas e refletidas pela sociedade vigente, no sentido de contribuir com a construção e fortalecimento de uma sociedade democrática, que tem no movimento social os caminhos para a construção de uma sociedade em que as mulheres passam a ter vez e voz.

Durante breve apresentação, com tempo de duração de 30 minutos, dei destaque para a relevância de uma pesquisa com suas histórias de vida e resistência, atribuindo um significado ainda maior ao fato de no campo científico, existirem poucos estudos que retratam as aprendizagens e os saberes de mulheres do campo em movimentos sociais.

Foi relevante pontuar também como os conhecimentos assimilados a partir do movimento contribuem com a formação de mulheres mais conscientes, críticas e participativas na sociedade e, principalmente, como os conhecimentos adquiridos dentro do MIQCB contribuíam no fortalecimento da formação de suas identidades e no processo de empoderamento delas, tanto nos espaços abertos quanto nos fechados por elas frequentados.

Ao falar o termo empoderamento, e imaginando que teria que explicar o significado dessa nomenclatura em seu contexto de vida, fui surpreendida pela fala imediata da presidente da Regional do MIQCB de Imperatriz, afirmando que elas discutiam muito a necessidade do empoderamento delas e, que era uma luta constante do movimento a fim de que todas as mulheres conseguissem adquirir sua liberdade e conquistar seus espaços.

Portanto, é oportuno destacar que conhecer, reescrever e refletir histórias de mulheres quebradeiras de coco a partir do seu cotidiano e das suas relações sociais e, conseqüentemente das aprendizagens adquiridas em diferentes espaços do saber diante de uma sociedade que silenciou a mulher em diferentes tempos históricos é, contudo, possibilitar um novo tipo de conhecimento. Assim, Gebara (2000, p. 117), defende que “um conhecimento que despreza a contribuição das mulheres não é apenas um conhecimento limitado e parcial, mas um conhecimento que mantém um caráter de exclusão”.

Com o parecer de aceite pelas mulheres quebradeiras de coco do MIQCB, para realizar a pesquisa de campo nos diversos espaços em que elas estivessem reunidas, igualmente durante realização de suas atividades de trabalho e em seus cotidianos familiares, tratei de imediatamente agradecer a oportunidade que cada uma estava me concedendo de pesquisar espaço tão significativo, que é o universo das quebradeiras.

Posteriormente aos agradecimentos, mais uma vez fui surpreendida ao receber o convite da presidente do MIQCB com o intuito de participar da reunião mensal que aconteceria ainda na mesma manhã para planejamento de suas atividades, o que me possibilitou conhecer parte das mulheres quebradeiras de coco informantes dessa pesquisa, já que a reunião contou com a presença de quatro das mulheres quebradeiras de coco do povoado de Coquelândia, que fazem parte da direção do MIQCB da Regional de Imperatriz.

Tendo sido aceita a minha proposta de realizar a pesquisa de campo e de já ter tido a oportunidade de participar de um dos momentos de planejamento da direção do MIQCB busquei providenciar em caráter de urgência a autorização para realizar pesquisa de campo; porém, no dia seguinte, tratei de levar o Termo de

Concordância para a sede do MIQCB da regional de Imperatriz, o que de forma imediata já saí com o documento devidamente carimbado e assinado.

2.3 Instrumentos da coleta de dados e suas respectivas descrições

Para a realização da coleta de dados do presente estudo e munida de autorização para realizar a pesquisa e, assim, conhecer a história do MIQCB e das mulheres quebradeiras de coco babaçu foi indispensável recorrer, em um primeiro momento, a documentos da ata de fundação com o intuito de adquirir subsídios mais precisos da finalidade, objetivos e metas da criação do MIQCB.

Outros instrumentos de pesquisa etnográfica também foram essenciais para o levantamento do referido estudo, foram eles: observação participante, entrevista não estruturada, história de vida e diário de relato de campo, sendo estas descritas em passos seguintes de acordo com os objetivos da pesquisa.

Nas palavras de Agrosino (2009, p. 74), “observar o mundo à nossa volta constitui a base da nossa capacidade de tecer bons raciocínios sobre as coisas em geral”. Desse modo, o uso da observação participante tornou-se fundamental para ajudar a pesquisadora a integrar-se ao ambiente investigado, e adquirir maior identificação com os sujeitos e do contexto da pesquisa.

Destaco que foi fundamental, em todo o processo de observação, o uso do diário de campo, que teve o objetivo de descrever de forma minuciosa o cenário e os sujeitos da pesquisa, como: características gerais do universo das mulheres, idades das quebradeiras, comentários e reflexões pertinentes sobre as observações e das conversas informais, bem como sistematizar as informações colhidas.

Todos os registros foram feitos em bloco de notas, com comentários precisos do dia, hora, mês e ano das anotações; porém estas foram feitas em forma de rascunho, o que exigiu da pesquisadora sistematizar de forma mais organizada as observações, sendo necessário que todos os registros fossem digitados culminando em um quantitativo de 60 laudas, o que facilitou, por conseguinte, a revisitação

dessas informações e percepções no momento de estruturar os resultados coletados da pesquisa.

Ainda convém lembrar que, o processo de observação tem início com a absorção e o registro com a maior riqueza de detalhes e com o mínimo possível de interpretação por parte do pesquisador, com a consciência de que a observação deve ter seu início na ocasião em que este entra em contato com os sujeitos da pesquisa. Como salienta Agrosino (2009, p. 56), a observação “é o ato de perceber as atividades e os inter-relacionamentos das pessoas no cenário de campo através dos cinco sentidos do pesquisador”.

Na afirmativa de Gerhardt (2009, p. 76), o diário de campo “é um instrumento muito complexo, que permite o registro das informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação ou no momento observado”.

É fundamental clarificar, que o primeiro contato que tive com as mulheres quebradeiras de coco no povoado de Coquelândia ocorreu em maio de 2014 e foi possível pelo convite que recebi por meio de uma ligação da assessoria da regional do MIQCB de Imperatriz, ainda em abril de 2014, a fim de participar de uma reunião que já estava agendada para maio com as mulheres do povoado.

O objetivo da reunião, de acordo com o convite recebido, foi de que as mesmas precisavam fazer uma avaliação interna do movimento dentro da comunidade e, também, passar alguns informes, assim essa ação seria uma excelente oportunidade para que eu pudesse me apresentar à comunidade de quebradeiras de coco.

Na reunião realizada pelo MIQCB no mês de maio, no povoado de Coquelândia, estavam presentes quatorze mulheres, sendo que logo após minha apresentação ao grupo, ouvi de algumas mulheres o receio de fazerem parte desse estudo, tendo em vista a necessidade dos depoimentos e entrevistas; contudo, tive o parecer favorável de oito mulheres, sendo seis delas dirigentes da regional do MIQCB, e as demais fortes lideranças do povoado. Dado o exposto, fica claro que a escolha dos sujeitos dessa pesquisa, não ocorreu de forma aleatória, mas acima de tudo de um desejo dessas mulheres de participar do estudo.

Finalizada a reunião, fiz uma conversa em exclusivo com as oito mulheres que aceitaram participar de forma mais direta da pesquisa. Nessa circunstância, tratei de fazer a leitura do termo de consentimento livre esclarecido, considerando o que dita a Resolução 196/96, que trata das diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa com seres humanos e do direito de participar ou não do estudo; e, assim, informar-lhes de que o consentimento significava que concordavam em conceder entrevistas, serem fotografadas e terem seus cotidianos filmados, contudo ficava assegurado o anonimato dos seus respectivos nomes.

Com o intuito de assegurar o anonimato das mulheres quebradeiras de coco durante pesquisa, optou-se pela identificação com as iniciais dos seus nomes e suas respectivas idades. Assim, as informações coletadas durante a pesquisa, através das observações, conversas informais, imagens e entrevistas, retratando as vozes das mulheres participantes desta pesquisa estão identificadas da seguinte maneira: J.T.S. (65 anos); F.L. (64 anos); R.N.B.O. (62 anos); T.J.C.P. (59 anos); E.C.C. (52 anos); E.C.S. (35 anos); E.C.S. (35 anos) e R.S.G. (30 anos).

É relevante esclarecer que as demais mulheres presentes na reunião não me negaram a fornecer informações ou fazer parte desta pesquisa, elas tão somente expuseram que não concederiam entrevistas, mas que eu poderia acompanhá-las e fazer conversas informais.

Ao elaborar-se um projeto de pesquisa deve-se ter em pauta que o estudo seja desenvolvido de acordo com os pressupostos éticos de modo a preservar tanto os envolvidos (sujeitos e pesquisadores) quanto os dados alcançados. Deve-se considerar os pressupostos éticos quando da publicação dos resultados certificando-se de manter os acordos estabelecidos no início do estudo (CASTRO, 2011, p. 56).

Em virtude dos fatos mencionados e com o intuito de contemplar o primeiro objetivo alvitrado nessa pesquisa, o de “identificar, no movimento social, o ensinar e o aprender como possibilidades de empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia”, foi necessário participar como observadora em: reuniões mensais, que aconteceram de maio de 2014 a julho de 2015, na sede da Regional do MIQCB de Imperatriz; encontrinhos¹ nas comunidades com as

¹Para as quebradeiras de coco há uma diferença grande entre o “encontrinho”, que ocorre nas comunidades, do “encontrão”, que ocorre com quebradeiras de vários locais, e não somente de uma comunidade específica.

quebradeiras de coco no povoado de Coquelândia; VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu, que aconteceu nos dias 23 a 25 de novembro de 2014; palestra realizada em uma faculdade particular pelas quebradeiras de coco, ocorrida no dia 10 de abril 2015; Seminário promovido por acadêmicos de uma faculdade particular para as mulheres quebradeiras de coco no povoado de Coquelândia, no dia 16 de maio de 2015.

Em relação à sede² do MIQCB de Imperatriz, sua localização está centralizada, facilitando o deslocamento de lideranças do movimento de outros povoados, haja vista que as reuniões mensais contam com a participação de mulheres quebradeiras de coco de município e povoados próximos jurisdicionados à Regional do MIQCB de Imperatriz, sendo esses: municípios de João Lisboa, Senador La Roque, Buritirana, Amarante e Cidelândia.

Participar das reuniões foi fundamental para que eu tivesse condições de observar de que modo às mulheres quebradeiras de coco discutiam e se posicionavam diante do grupo, bem como vivenciavam suas agendas de reuniões, planejamentos, elaboração das estratégias de intervenção junto às suas comunidades, e assim ter acesso aos relatórios das reuniões e dos materiais elaborados pelo movimento como panfletos, livros e jornais.

Meu interesse pelos relatórios ocorreu pela sistematização das informações, que tem por objetivo permitir que por meio dessas anotações todas as representantes do MIQCB possam levar esses registros às suas comunidades e, assim, compartilhar com suas companheiras de luta, coleta e quebra do coco.

Os panfletos, jornais e livros têm o mesmo grau de importância, tendo em vista que esses são materiais produzidos pelo próprio MIQCB, com o objetivo de divulgar nas comunidades as campanhas, projetos e outros assuntos de grande interesse das quebradeiras de coco.

² A sede do movimento é uma residência alugada, com espaço suficiente e adequado para as mulheres que, ao chegarem de suas comunidades com a finalidade de cumprir com suas agendas de reuniões, tenham um ambiente para se acomodarem, fazerem suas refeições e até pernovernarem quando necessário.

Um olhar atento foi necessário durante as falas e posicionamentos das mulheres durante as reuniões na sede do MIQCB, considerando-se que era o espaço oportuno para conhecer os aprendizados que elas faziam uso, com o intuito de pensar os planejamentos e estratégias de fortalecimento do movimento junto à sociedade, poder público e em suas comunidades.

As reuniões também serviram para compreender como as mulheres tomavam conhecimento das demandas encaminhadas da Direção Geral do MIQCB, que tem sede na capital São Luís-MA, distante 628,9 Km de Imperatriz e, assim, pensar os novos planejamentos e metodologias com o objetivo de atender as demandas, que chegam a elas através de e-mail ou documentos impressos.

Visualizar o campo das reuniões com a participação de lideranças do movimento das quebradeiras de coco de diferentes realidades foi de grande significado para compreender como elas: socializavam os eventos que participavam em seus municípios; a organização e realização de suas reuniões; a movimentação política que efetivavam com a finalidade de fortalecer o movimento; as demandas de suas comunidades e, por último, os discursos e posicionamentos das mulheres participantes de um movimento social.

Outro relevante contexto na direção de responder o primeiro objetivo da pesquisa foi participar, como observadora dos encontrinhos. Porém, saliento que participei como observadora de dez encontrinhos nas comunidades de quebradeiras de coco; todavia, destaco somente das quatro realizadas com a comunidade do povoado de Coquelândia.

Lopez (2008) afirma que a observação participante implica a integração do investigador ao grupo investigado, ou seja, o pesquisador admite deixar de ser somente um observador dos acontecimentos externos e passa a fazer parte ativa deles.

Ressalto que participar dos “encontrinhos” em outras comunidades de quebradeiras de coco se deu por eu ter recebido o convite persistente dessas mulheres para acompanhá-las. De acordo com suas falas, minha presença seria

muito importante a fim de fortalecer e incentivar essas mulheres a se manterem firmes no movimento.

As observações também foram de grande necessidade para perceber, por intermédio de suas alocações e posicionamentos, os conhecimentos adquiridos dentro do movimento, seus saberes, pontos de vistas, visão de mundo e como esses eram administrados e repassados às demais quebradeiras de coco ligadas ao MIQCB do povoado de Coquelândia.

Os “encontrinhos”, nas comunidades, tiveram finalidades diversas, sendo tratado temas pontuais como: a importância das mulheres fazerem parte do MIQCB, como garantia para que através da luta conquistassem o direito ao acesso aos babaçuais, realizada em outubro de 2014; a valorização da identidade de quebradeira a partir do MIQCB e cobrança da postura de não aceitação de qualquer quebradeira, que faça parte do movimento, de participar de atividades de empresas localizadas na região que represente os problemas existentes com a destruição dos babaçuais, realizada em dezembro de 2014; melhorias na qualidade de vida por meio da participação efetiva delas no movimento, no sentido de trabalharem unidas e com ideais coletivos em torno da forrageira³, realizada dia fevereiro de 2015; ações de movimentação para cobrar políticas públicas de reconhecimento do direito das quebradeiras e reconhecimento da sociedade em geral e, estímulo à participação das mulheres em eventos fora da comunidade, realizada em abril de 2015.

É válido ressaltar que não estive nos encontrinhos somente como observadora, pois durante esses ambientes fui convidada a fazer uso da palavra; entretanto, com o intento de não interferir nas ideias e posicionamentos das mulheres e me permitir observar com melhor vigilância e não comprometer a pesquisa, acordei com as lideranças do MIQCB, que minha intervenção seria feita sempre no final dos encontros.

Nesse sentido, reconheço minha participação como observadora participante no cenário da pesquisa, bem como na construção amistosa de relações e do

³ Máquina que serve para processar as amêndoas do coco babaçu.

reconhecimento dado pelas quebradeiras de coco à minha presença e, principalmente, do significado dos meus posicionamentos, pois segundo R.S.G. (30 anos), minhas palavras, enquanto professora, fortalecia ainda mais o trabalho que elas realizavam junto às comunidades.

Ressalto que as reuniões, tanto na sede quanto nos encontrinhos nas comunidades, foram determinantes para perceber e reconhecer os tipos de informações e conhecimentos que as mulheres inseridas nesses espaços de luta, discussão e debate estão se apoderando, e como os novos saberes têm interferido na maneira de ser e fazer dessas mulheres.

Ainda com o intuito de verificar os saberes adquiridos das quebradeiras de coco no MIQCB, participei como ouvinte, a convite das lideranças da Regional de Imperatriz, do VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu, realizado na capital São Luís, no Centro de Estudo Sindical Rural (CESIR), realizado entre os dias 23 a 25 de setembro de 2014.

Minha chegada à cidade de São Luís/MA, no dia da abertura do VIII Encontro, foi marcada por calorosa recepção por parte das mulheres quebradeiras de coco da Regional de Imperatriz e, mais ainda das mulheres do povoado de Coquelândia, que se encontravam no local do evento, desde o dia 22 de setembro de 2014.

Cheguei ao local do encontro às 07:40 horas da manhã e já fui convidada a tomar café no refeitório na companhia da R.S.G.(30 anos) e da E.C.C. (52 anos), que demonstrando muito entusiasmo, apresentaram-me como a professora que estava contribuindo bastante com o movimento na Regional de Imperatriz. Achei essa fala fantástica, pois tive a certeza de que uma relação de respeito e reciprocidade se construía a cada dia junto a essas mulheres.

Após o café da manhã, fui encaminhada para o mesmo alojamento das quebradeiras de coco da Regional de Imperatriz e já segui ao local do credenciamento, que era no próprio Auditório onde aconteceria a abertura do evento. Todos os espaços com presença de quebradeiras de coco era marcado com grande alegria e entusiasmo, o que foi confirmado com maior visibilidade durante

abertura do VII Encontro. As mulheres, antes da abertura, cantavam e dançavam suas músicas, além de estarem vestidas com camisetas do encontro.

Uma situação me chamou bastante atenção durante a abertura, que foi perceber as vaidades dessas mulheres, que procuraram investir no visual, estando bem maquiadas, algumas com cabelos soltos com faixas na cabeça, outras com cabelos presos com panos, característica das mulheres no exercício de seu trabalho quando saem para o mato para coletar e quebrar coco; assim, todas as manifestações aqui apresentadas me permitiram concluir que é evidente a valorização que as mulheres atribuem a si, e, principalmente, de se identificarem como quebradeiras de coco e de serem reconhecidas por essa identidade.

Dado o exposto, muitas foram às oportunidades de fazer uma observação detalhada das mulheres durante os dias que participei, na condição de ouvinte, do VII Encontro, pois estas discutiram, emocionaram-se, sorriram e choraram, bem como ensinaram e aprenderam. Foram três dias de muitos aprendizados para as quebradeiras de coco, que participaram de mesas redondas, palestras e oficinas.

Assim, o olhar atento às suas inferências foram fundamentais para identificar como, no movimento social, o ensinar e o aprender eram possibilitados às trabalhadoras do coco inseridas no MIQCB, uma vez que suas intervenções são a prova cabal de demonstração das habilidades que estão sendo desenvolvidas no movimento por intermédio da construção de novos conhecimentos e ressignificação de outros, que servem como ferramenta de intervenção dessas mulheres no mundo natural e no mundo social.

Nas atividades do VII Encontro, procurei observar com atenção os comportamentos e falas das mulheres, pois muitas intervenções feitas por elas, nos três dias, permitiu-me reconhecer as quebradeiras de coco como mulheres possuidoras de sede pelo conhecimento, tendo em vista que as palestras, oficinas e mesas redondas tiveram um alto nível de formação. Os convidados, ao ministrarem as palestras durante os três dias do VII Encontro, possibilitaram que as quebradeiras de coco babaçu tivessem acesso a diferentes temáticas, como: A conjuntura social dos movimentos rurais; Território e Resistência; Violência Doméstica e Acesso ao Mercado Institucional.

Um terceiro e importante momento, ainda com a finalidade de contemplar o primeiro objetivo, foi acompanhar a palestra realizada pelas mulheres quebradeiras de coco, para quase 150 acadêmicos, em uma faculdade particular de Imperatriz, em 10 de abril com o tema: “Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu: vida em luta”, que em mais um novo cenário me possibilitou observar e identificar os saberes presentes das quebradeiras de coco.

Destaco que as temáticas ministradas pelas mulheres surpreendeu parte dos presentes no auditório, fato esse observado através das expressões e sussurros de acadêmicos e professores da instituição presentes durante palestra.

As quebradeiras de coco, durante realização da palestra, falaram sobre o que representava na vida delas o MIQCB e da importância do movimento para a sobrevivência delas, bem como destacaram os saberes que tinha sobre identidade cultural e identidade de quebradeira de coco e a importância do sentimento de pertença para a sobrevivência delas enquanto mulheres trabalhadoras e mães de famílias; assim como se empoderavam a partir das informações que adquiriam no movimento e em outros espaços frequentados e divididos entre elas. Para Oakley e Clayton (2003, p. 11), “o conhecimento pode oferecer legitimidade e autoridade e sua construção e disseminação são ferramentas poderosas”.

É relevante pontuar que a organização das temáticas a serem discutidas pelas quebradeiras de coco foi executada por um professor historiador que a convite da instituição de ensino superior mediou as falas das mulheres.

Contudo, sinto-me no dever de informar que, para iniciar a palestra no auditório, fui convidada por E.C.C. (52 anos) a estar na mesa juntamente com elas, enquanto faziam suas falas; em vista disso, afirmo que não estive na condição de mediadora na mesa, mas tão somente como uma figura conhecida dessas quebradeiras frente ao mundo desconhecido.

Porém, no decorrer dos posicionamentos das mulheres fui informada pelo professor mediador que teria três minutos de fala; dessa maneira, combinei com ele que minha intervenção ficaria para o final, pois assim estaria garantindo que meu posicionamento não iria interferir nas falas das quebradeiras de coco.

Um quarto momento foi necessário e imprescindível para perceber de que forma o movimento das quebradeiras de coco fortalece as aprendizagens das mulheres dentro do MIQCB; assim, mais uma vez participei, na comunidade do povoado de Coquelândia, de um seminário organizado por acadêmicos da mesma instituição onde as quebradeiras de coco haviam realizado palestra.

A realização do seminário contou com duas significativas temáticas, a primeira foi “Tipos de Violência da Mulher” e, a segunda, “O poder dos movimentos sociais”. Nesse sentido, é válido reafirmar que a realização do seminário foi uma iniciativa dos acadêmicos do 4º período do curso de Direito.

Com o intuito de atender o segundo objetivo de “Conhecer as concepções das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia em relação ao movimento social nos aspectos de ensino e aprendizagem” foi necessário realizar entrevista semiestruturada.

Realizar as entrevistas foram essenciais para conhecer a importância e o significado do ensinar e do aprender das mulheres quebradeiras de coco antes e após sua militância dentro do MIQCB, nesse sentido destaco que os espaços que me foram possibilitados participar junto às quebradeiras de coco, como observadora, foram fundamentais para a realização das entrevistas, tendo em vista que alguns direcionamentos foram necessários durante a entrevista a fim de compreender o significado do ensino e da aprendizagem não mais baseado em minhas observações, mas, principalmente, através de suas concepções.

Participaram das entrevistas oito mulheres quebradeiras de coco, dentre elas as seis militantes que fazem parte da direção da Regional de Imperatriz e duas que participam das reuniões juntamente com a direção, por representar grande força dentro da comunidade junto às demais quebradeiras de coco do povoado de Coquelândia.

De acordo com Gerhardt (2009, p. 72), a entrevista “é uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação”. As oito mulheres que deram entrevista fazem parte do povoado de Coquelândia e são as mesmas

que aceitaram assinar termo de livre consentimento, autorizando-me a acompanhá-las em suas idas aos babaçuais, fotografar e gravar suas falas.

A entrevista é, para Agrosino (2009, p. 61), “um processo que consiste em dirigir a conversação de forma a colher informações relevantes”. O tipo de entrevista que primeiro se aplica ao objetivo explicitado é o da entrevista semiestruturada, que é para Ludke e André (2008) a que melhor se desdobra seguindo um esquema básico, mas que permite adaptações de acordo com as necessidades observadas ao longo do processo.

Dessa maneira, a entrevista etnográfica é “de natureza aberta – flui interativamente na conversa e acomoda digressões que podem bem abrir rotas de investigação novas, inicialmente não aventadas pelo pesquisador”. (ANGROSINO, 2009, p. 62).

A entrevista etnográfica, segundo Trivinos (2008) é, por eminência, a entrevista semiestruturada, pois esta permite a aquisição de mais informações, ao longo da entrevista, acerca do tema a ser pesquisado. A utilização da entrevista etnográfica faz-se importante por buscar sondar significados, explorar nuances, capturar as áreas obscuras que o questionário ou mesmo a observação não daria conta de fazê-lo.

Nesse contexto, foi necessário fazer o uso do aparelho Celular 1020 Nokia, com 16GB de capacidade e 41 mega pixel, com a finalidade de realizar gravações das falas e entrevistas, bem como fazer filmagens e fotografias com resolução em HD. A gravação “é um modo de assegurar a exatidão do que é dito e, no caso de histórias de vida, é essencial ter a fala verdadeira pronta para ser ouvida novamente”. (AGROSINO, 2009. p. 68).

Todas as oito entrevistas foram marcadas com antecedência, o que permitiu que cinco entrevistas fossem realizadas, em maio de 2015, na sede do MIQCB da Regional de Imperatriz, e as demais nas residências das mulheres quebradeiras de coco, no mês de junho de 2015. Destaco que todas as entrevistas foram gravadas, pois foi essencial ter a fala verdadeira pronta para ser ouvida novamente.

Relato que as cinco entrevistas realizadas na sede do movimento foram as que me proporcionaram melhores resultados, pois o local contou com o silêncio necessário para a realização da entrevista, o que me permitiu aprofundar mais contextos essenciais durante a entrevista, e assim atingir o objetivo da pesquisa.

Contudo, as que foram realizadas nas residências foram menos produtivas, pois as interrupções foram constantes, com motivações distintas como: hora para fazer o almoço, crianças que chamavam a atenção das entrevistadas (netos), familiares que também chegaram na residência e outros.

Cada entrevista teve uma duração entre 40 a 60 minutos, o que na descrição dessas vozes gerou um quantitativo de 43 laudas digitadas, facilitando fazer uma análise das concepções, pensamentos, conceitos e importância do movimento na vida familiar e coletiva dessas mulheres quebradeiras de coco babaçu.

Com o propósito de pesquisar o terceiro objetivo que é de “Verificar se o movimento social, enquanto espaço não-formal de aprendizagem, constrói a identidade cultural das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia”, foi necessário fazer uso da entrevista história de vida.

Paralelamente à observação realizada em todo o âmbito da pesquisa, a história de vida tem sua relevância por entendermos que o conhecimento de qualquer realidade só vai fazer sentido se for entendido no ambiente de seu fenômeno social, tendo em vista que, é por meio dessas histórias de vida individuais, que teremos melhores condições de caracterizar o cotidiano social de um indivíduo ou grupo.

Conseqüentemente, ao contar suas histórias, as mulheres quebradeiras de coco babaçu também tiveram a oportunidade de evidenciar o contexto e o processo por elas experimentados nos seus espaços sociais e não-formais de aprendizagem, e que estão intimamente ligados ao ambiente social em que se encontram inseridas. Para Spindola e Santos (2003, p. 121), “a história de vida trabalha com a estória ou o relato de vida, ou seja, a história contada por quem a vivenciou”.

Assim, a história de vida por intermédio de uma troca de diálogos entre a pesquisadora e as entrevistadas permitiu que as mulheres quebradeiras de coco rebuscassem em suas memórias sua: infância; dores e alegrias; conquistas e perdas; sonhos e lutas, tudo de forma organizada com base nas vivências e conhecimentos presentes, isso porque para se “compreender o sujeito é antes preciso ouvir e analisar sua fala a partir dela mesma” (CASTRO, 2011, p. 53).

2.4 Técnica da análise de dados

Os dados coletados durante a pesquisa de campo foram examinados por meio de uma aproximação com a técnica de análise de conteúdo. Bardin (2011) afirma que esta técnica consente em atividades científicas e se utiliza de categorizações que admitem a classificação dos elementos do significado, com conhecimentos advindos da mensagem, procurando aquilo que se encontra por detrás do significado das palavras; da mesma maneira, adverte ser esta uma análise que autoriza realizar uma leitura do que está por trás do conteúdo.

A análise de conteúdo para Gerhardt (2009, p. 84) “é uma técnica de pesquisa e, como tal, tem determinadas características metodológicas: objetividade, sistematização e inferência”.

Na análise de conteúdo, a matéria-prima pode instituir-se de diversos tipos de materiais derivados de comunicação verbal ou não-verbal; dessa maneira, foi necessário fazer uso nesta pesquisa de: fotografias, vídeos, gravações, entrevistas história de vida e diário de campo. Os dados advindos dessas múltiplas fontes chegam ao pesquisador em estado bruto, necessitando, então ser processados para, assim, facilitar o trabalho de assimilação, interpretação e indução a que almeja a análise de conteúdo.

O interesse pela análise de conteúdo se deu por proporcionar que qualquer comunicação, seja ela verbal ou não, esteja atrelada a um conjunto de significados que parte de um locutor para um receptor, o que engradece e possibilita a descrição sistemática e qualitativa, que auxilia na reinterpretação de dados, na inferência e na

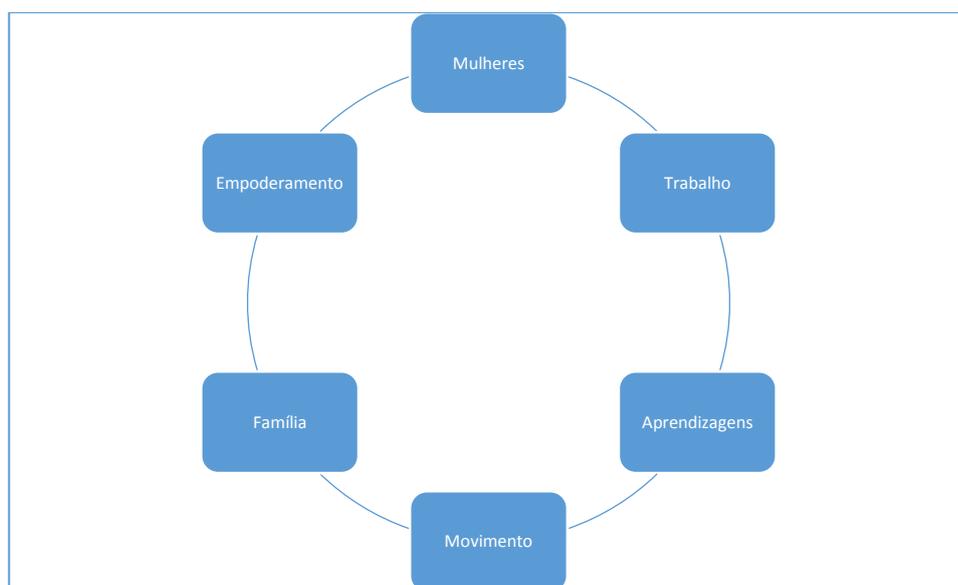
compreensão dos seus significados, em uma condição bem mais compreensiva do que uma leitura comum.

Por todos esses aspectos, os dados coletados durante pesquisa de campo foram averiguados a partir do que foi extraído das mulheres quebradeiras de coco babaçu, seguido da leitura de todas as observações, diálogos, conversas informais e entrevistas. Nesse sentido, a análise dos dados coletados foi efetuada pela leitura das falas, realizada por meio das observações registradas no diário de campo, transcrições de entrevistas, depoimentos e documentos.

Nas palavras de Caregnato e Mutti (2006, p. 682), o texto, na análise de conteúdo, é “um meio de expressão do sujeito, onde o analista busca categorizar as unidades do texto (palavras ou frases) que se repetem, inferindo na expressão que as representam”.

Nesse sentido, para melhor sistematizar as informações coletadas durante a pesquisa foi utilizado uma divisão por categorias de análise que se concretizou na construção de um quadro identificando com maior clareza e grau de importância as categorias nesta pesquisa que são elas: mulheres, trabalho, aprendizagens, movimento, família e empoderamento.

Figura 1: Quadro elaborado pela autora da pesquisa de acordo com as categorias identificadas durante análise dos resultados.



Fonte: Elaborado pela autora da Dissertação, 2015.

Para a efetivação das análises dos resultados, alguns passos foram ilustrados para a concretização, para tanto foi necessário ter bem claro os objetivos que se pretendeu alcançar e, em seguida, iniciar a exploração do material. Conforme Bardin (2011), nem sempre estes são evidenciados em ordem cronológica, apesar de estarem em estreita ligação.

Tendo sido concluída todas as fases, o passo seguinte foi a realização das inferências, ou seja, a construção de raciocínios através dos indícios que surgiram com a leitura oriunda das categorizações. Sobre esse aspecto Bardin (2011) explica que inferir é um termo utilizado também para designar a indução (raciocínio que vai do particular ao geral) a partir dos fatos e, deste modo, investigar as causas a partir dos efeitos.

3 MOVIMENTOS SOCIAIS: UMA HISTÓRIA E MUITOS SIGNIFICADOS

Consideramos importante uma breve abordagem histórica das transformações pelas quais têm passado os indivíduos em sociedades distintas, para uma compreensão mais cuidadosa da evolução dos movimentos sociais e, dos seus avanços no processo de garantia de direitos.

3.1 Um breve histórico dos antigos discursos dos movimentos sociais

Os discursos e debates do mundo contemporâneo, gerados em torno da figura do homem enquanto sujeito dinâmico, têm sido permeados em torno das grandes modificações provocadas pela velocidade das informações, e das mudanças que impactam, cada vez mais, os mais diversos contornos da vida humana; desse modo, faz-se imprescindível avaliar e refletir as transformações sociopolítica, econômica e cultural, que vêm passando as sociedades nos mais diferentes tempos e espaços.

É suficiente destacar, que as grandes transformações por que têm passado a humanidade, no que se refere à consolidação do processo de globalização em face do fortalecimento do modelo capitalista, bem como dos grandes avanços científicos e tecnológicos, das políticas de abertura política e econômica e da maior organização e reivindicações de grupos sociais e étnicos, têm sido alguns dos fatores que têm levado nas últimas décadas, o movimento social a alargar um papel

de destaque nas discussões socioeconômico e cultural, e adquirir ainda um status científico (GOHN, 1997).

Assim, na necessidade de um levantamento histórico, nota-se que a ideia de luta por direitos não é discurso atual, mas foi fortemente impulsionada a partir das novas concepções da figura humana pregadas pelos teóricos do Iluminismo⁴: Charles-Louis de Secondat conhecido por barão de Montesquieu (O espírito das leis – 1748), Jean-Jacques Rousseau (Contrato Social – 1762), Emmanuel Kant (Crítica da razão pura – 1781, A doutrina do direito – 1795), e aos empiristas ingleses John Locke (Tratado sobre o governo – 1689) e David Hume (Tratado da natureza humana – 1739-1740), em que o homem deveria enquanto sujeito dotado de razão, ocupar um lugar central nas transformações por que passavam as sociedades, afastando-se assim, dos discursos de que o divino, é que deveria ocupar lugar central.

A filosofia iluminista nas ideias assertivas de Melo e Donato (2011) centrava no progresso por meio do apotegma crítico e construtivo da razão, em que o homem era o detentor de seu próprio destino e formulador do pensamento racionalista. Esses ideais, no entanto, influenciaram momentos importantes da história da humanidade, como a Revolução Francesa, em 1789, fazendo “nascer os ideais representativos dos direitos humanos⁵, quais sejam a igualdade, a liberdade e a fraternidade” (OLIVEIRA, 2011, p. 18); e as revoluções dos movimentos da França, passando o povo europeu a enxergar os monarcas e as autoridades que não se submetiam as leis, como tiranos.

Para Hobsbawn (2001), o século XIX é considerado a Era das Revoluções, em que grupos organizados na Europa, disseminaram ideais de liberdade,

⁴ Um entendimento mais apurado sobre o Iluminismo pode ser evidenciado na obra de Rouanet. Segundo o autor, para o pensamento iluminista a razão deveria apresentar características de uma razão sábia, que fosse capaz de crítica e autocrítica, apta a devassar em suas estruturas as leis e instituições. Esse pensamento iluminista também proclama sua crença no pluralismo e na tolerância e combate a todos os tipos de fanatismo, sabendo que eles se originam da manipulação da ação de mecanismo sociais e psíquicos (ROUANET, 1987, p. 31-32). O movimento iluminista para Oliveira foi acentuado na razão, no espírito crítico e na fé na ciência. Procurou também compreender a essência das coisas e das pessoas e a observar o homem natural (OLIVEIRA, 2011).

⁵ Existe três marcos históricos considerados fundamentais para o tema direitos humanos, foram eles, o iluminismo, a Revolução Francesa e o término da II Guerra Mundial (OLIVEIRA, 2011).

defendendo o alvedrio entre os cidadãos, a soberania da população e direitos humanos.

Nesse cenário, é criada na França, no ano de 1789, a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, que em seu artigo primeiro afirmava que “Os homens nascem e vivem livres e iguais perante as leis”. Esse documento definiu os direitos individuais e coletivos dos homens como sendo universais.

Para tanto, HOBBSAWN (2001, p. 77) assevera que esse é “um manifesto contra a sociedade hierárquica de privilégios nobres, mas não um manifesto a favor de uma sociedade democrática e igualitária”. Contudo, foram ideais que se propagaram em várias nações e fortaleceram os discursos de muitos movimentos por direitos.

Vários países assistiram contemporânea à Revolução Francesa o estabelecimento de economias industrializadas, que iniciadas na Grã-Bretanha, espalharam-se para várias partes do mundo. “Sob qualquer aspecto, este foi provavelmente o mais importante acontecimento na história do mundo, pelo menos desde a invenção da agricultura e das cidades” (HOBBSAWN, 2001, p. 45).

No entanto, as consequências dessa revolução industrial se deram principalmente nas questões sociais, em que a transição de uma economia agrária para a industrial, a transferência das ferramentas pelas máquinas, da energia humana pela motriz e do modo de produção doméstico pelo fabril, criou as grandes desigualdades sociais e, por conseguinte, o descontentamento de uma grande parcela da população.

O fortalecimento dos capitalistas por meio do processo industrial levou os donos do capital a se mostrarem mais preocupados com as máquinas, enquanto investimento, do que com o bem estar de homens, mulheres e crianças trabalhadoras. Desta maneira, “pagavam os menores salários possíveis. Buscavam o máximo de força de trabalho pelo mínimo necessário para pagá-las” (HUBERMAN, 1986, p. 164).

Essa situação de miséria levou a sociedade a viver uma onda de levantes espontâneos dos trabalhadores das indústrias, das populações pobres da cidade e dos pequenos comerciantes (HOBBSAWN, 2001). Esse contexto socioeconômico surgido com a indústria foi tratado por Magnoli e Barbosa, como o caminho para a expansão ilimitada da produção da riqueza e da prosperidade humana, revelou-se capaz de produzir também um novo tipo de pobreza, mais chocante e concentrada do que aquela vista em pequenas doses nos vilarejos (MAGNOLI; BARBOSA, 2011, p. 18).

É desse modo, com o fortalecimento da economia do capital, e conseqüentemente, com o pensamento do capitalista em extrair o máximo a mais-valia, que surgem as primeiras formas de organização dos proletariados, com a criação de associações e sindicatos.

As associações de trabalhadores modificaram seu caráter, passando do tipo de corporação para o sindicato de hoje, ou seja, um corpo de trabalhadores de um determinado ramo organizado com o objetivo de conseguir melhores condições, de defender seus interesses, de depender apenas de si mesmo (HUBERMAN, 1986, p. 174).

Notamos, que o surgimento desses movimentos se dá como consequência do esforço natural dos operários para evitar ou atenuar a exploração da mão de obra vivida por homens, mulheres e crianças. Contudo, a movimentação dessa classe, é vista para alguns, como uma necessidade dos trabalhadores que precisavam lutar por melhores condições de trabalho, já para outros, vistos como subversivos⁶.

Assim, os ideais da Revolução Francesa influenciaram também uma onda de movimentos voltados para as questões políticas, econômicas e sociais vividas nas mais diversas partes do planeta, sendo considerado o século XIX como o século das grandes mudanças, em decorrência do surgimento das novas teorias políticas, dos avanços tecnológicos, bem como dos movimentos de unificação da Itália e Alemanha, entre outros.

⁶ Subversivo deve ser entendido nesse cenário como aquele que pretende destruir ou até mesmo transformar uma ordem econômica, política e social. Foram também chamados de revolucionários.

Na América do Norte, os Estados Unidos dão início, nesse século, a uma política de expropriação⁷ de terras indígenas, povoamento através da imigração europeia, que cria as condições necessárias para os Estados Unidos de participarem da segunda revolução industrial, bem como do avanço do capitalismo como forma econômica.

Em contraste com os avanços dos Estados Unidos, a Rússia⁸ torna-se um país industrialmente atrasado, fruto das sucessivas derrotas provocadas pelas batalhas e guerras da Primeira Guerra Mundial, não conseguindo acompanhar a velocidade dos avanços tecnológicos provocados pelo sistema econômico capitalista do século XIX e início do século XX; o que acende uma onda de movimentos pela população contra a situação tétrica de pobreza.

A primeira metade do século XX ainda é marcada pela organização de movimentos políticos de ideologias etnocêntricas e racistas que chegaram ao poder, como é o exemplo do Nazismo, na Alemanha, baseado nas doutrinas de Adolf Hitler (1889-1945), em que defendia o racismo e a superioridade da raça ariana, bem como a negação das instituições da democracia liberal e o totalitarismo⁹.

Além disso, na Itália, Benito Mussolini implantava também um governo de atitude autoritária, tendo como características de seu governo o totalitarismo e o nacionalismo, que têm na Nação a configuração suprema de desenvolvimento, subordinando os interesses dos indivíduos à figura do Estado, além do corporativismo, em que sindicatos patronais e trabalhistas são os mediadores da relação entre trabalho e capital.

⁷ Para os Estados Unidos fortalecerem suas estruturas capitalistas, enquanto país jovem foi necessário tornar-se grande, para isso, investiu na expansão do seu território. Essa expansão custou milhares de vidas indígenas, já que milhares deles foram exterminados e suas terras foram invadidas e, conseqüentemente, expropriadas por colonos e desbravadores. Era a Lei do Povoamento de 1862.

⁸ Na Rússia, após a Primeira Guerra Mundial, faltava alimentos, empregos, salários dignos e, principalmente, democracia. Os gastos adquiridos durante a guerra e seus prejuízos levaram uma grande parcela da sociedade, tanto do campo como da cidade, a se vincularem em movimentos, e assim participarem de greves e de manifestações pedindo democracia. Para melhor compreender o significado dos movimentos na Rússia ler Marc Ferro (2004).

⁹ O totalitarismo segundo Arendt (1989), estabeleceu-se como um regimento político completamente novo, diferenciando-se de toda a política adotada no mundo ocidental, e fundamentando-se na ideologia e no terror. Ainda segundo a autora, os governos totalitários estão fundamentados na ideologia do domínio total por meio do terror, distante de toda e qualquer tipo de humanidade e, conseqüentemente, de racionalidade.

Esse período histórico também é cenário da grande guerra, em que países como Estados Unidos e a União Soviética fortalecem suas economias, o que leva o surgimento de novas concepções políticas, como também as grandes disputas entre capitalismo e socialismo.

No contexto histórico aqui delineado, observamos que até o início do século XX falar de movimentos é relacionar a uma série de mudanças nas questões de ordem política, econômica e social, marcada por disputas de poder, bem como a organização da classe operária em suas mobilizações.

Para Doimo (1995), em seu livro “A vez e a voz do popular”, até a década de 1960 falar de movimentos sociais era fazer relação direta com a classe operária, sendo que a forma mais apropriada de organização era por intermédio dos partidos e sindicatos.

Dos anos 1930 a 1960, a sociologia lançou baldes de água fria nas teorias da revolução. Autores muito heterogêneos, como Riesman e Adorno, por exemplo, confluíram para teorias da desmobilização política, cuja chave explicativa estava na cultura, em correlações entre estrutura da personalidade e estrutura da sociedade. O argumento disseminado era que o individualismo exacerbado da sociedade moderna teria produzido personalidades narcísicas, voltadas para a autossatisfação e de costas para a política (ALONSO, 2009, p. 50).

Entretanto, a década de 1960, o aparecimento de mobilizações que se espalharam em vários cenários, chamou a atenção por apresentar características que as diferenciavam dos movimentos operários vividos em vários países, que não estavam baseadas em luta de classe, e muito menos tinha o objetivo de tomar o Estado. Assistiam-se assim, o início dos chamados novos movimentos sociais.

Os novos movimentos sociais que se apresentaram, não representavam somente a mobilização do proletariado por melhores condições de trabalho, mas também as forças econômicas em busca de poder político. Foram movimentos que tiveram bandeiras bem distintas dos anteriores, como melhores condições de vida, qualidade de vida, redistribuição de recursos, formação de identidades, fortalecimento dos direitos das mulheres, dos homossexuais, dos animais, a terra, direitos humanos, cidadania, liberdade de pensamento e tantos outros, que fizeram do século XX, sem dúvida, o século dos movimentos sociais e da luta contra toda e

qualquer forma de opressão e discriminação relacionada à dignidade humana, mais ainda, da busca pela superação das formas de dominação capitalista na construção de uma nova sociabilidade¹⁰.

De acordo com Gohn (1997), nos anos 70 e 80 do século XX, o tema dos movimentos sociais constituiu-se como uma das grandes novidades no coração da sociologia brasileira, sendo considerada por alguns críticos, como fonte de renovação nas ciências sociais e na forma de fazer política.

Porém, no mundo ocidental, a partir da década de 60, inúmeras teorias procuravam explicar os movimentos sociais. A autora acresce que um dos critérios fortemente utilizados como recurso pedagógico foi o geográfico-espacial, procurando posicionar os movimentos sociais enquanto corrente teórico-metodológico, formulando teorias a partir de realidades específicas. É entendimento da autora que esta visão originou os paradigmas Americano, Europeu e da América Latina, aceitando que estes povos viveram contextos históricos específicos de lutas e conflitos particulares.

No entanto, os movimentos sociais, sejam eles tradicionais ou novos, encontram-se contextualizados em meios às diferentes transformações econômicas, como a expansão de mercado, apontada pela deficiência estrutural da economia mundial e pela mudança nos modelos de organização do trabalho e da produção.

3.2 A história dos movimentos sociais no Brasil

A história do Brasil sempre foi marcada pelo fortalecimento de uma política vinculado aos interesses dos grupos capitalistas internacionais, o que leva o país na divisão internacional do trabalho, a desempenhar um papel de submissão diante dos países detentores de poder econômico, sujeitando grande parte da população brasileira à condição de marginalização e opressão.

¹⁰ Para melhor compreensão do termo sociabilidade, esta é utilizada tendo como base os movimentos sociais, devendo ser percebida como instituinte de práticas em busca de afirmação da cidadania e da luta por direitos para setores excluídos da sociedade do capital.

Nos três primeiros séculos de colonização portuguesa, não se registra no Brasil um crescimento interno significativo, e muito menos o desenvolvimento de uma economia futura nos moldes industriais, fato que já ocorria em várias outras economias; assim, os movimentos sociais surgidos nesse período estavam preocupados e concentrados em combater a opressão política e econômica preconizadas por Portugal.

Já no período regencial, tem-se o fortalecimento da aristocracia rural, garantindo assim seus interesses econômicos; no entanto, leva a sublevação de importantes movimentos de resistência, como a Cabanagem no Pará (1835-1840) e a Balaiada no Maranhão (1838-1841), o que resultou em morte para um grande número da população. “O esmagamento desses movimentos revolucionários que apresentavam um claro conteúdo social e uma evidente ameaça à ordem escravocrata, consolidou o poder desta aristocracia” (MIRANDA; CASTILHO; CARDOSO, 2009, p. 180); assim, a repressão severa a esses movimentos sociais leva a uma estabilidade política, ou melhor, uma aparente paz social.

O início da República no Brasil também é marcado pela repressão de notáveis movimentos de resistência de populações sertanejas em combate aos abusos dos grandes latifundiários e da luta pela permanência em suas terras, como é o exemplo do Movimento de Canudos ou Guerra de Canudos¹¹ (1839-1897) e da Guerra do Contestado¹² (1912-1916); desse modo, o tratamento dado pelos governos aos movimentos sociais desse período marca o modelo e o tratamento dessas políticas para os mais diversos movimentos que se seguiram.

Para tanto, nas primeiras décadas do século XX, surge um modelo diferenciado de movimentos sociais no cenário brasileiro influenciado de forma expressiva pelas convicções anarquistas que chegaram através dos imigrantes europeus. Dá-se início, nesse período, aos movimentos de greve, os quais procuravam fazer reivindicações por melhores condições de trabalho e salário,

¹¹A Guerra de Canudos ou o Movimento de Canudos tem sido contado de forma incansável ao longo dos últimos cem anos. Esse episódio marcou de forma trágica o processo de transição política que originou o regime republicano brasileiro (HERMANN, 1996).

¹²A origem do nome Contestado se dá inicialmente pelas disputas judiciais envolvendo os territórios entre Brasil e Argentina e, em seguida, entre os estados de Santa Catarina e Paraná. Foi considerado um dos maiores e mais sangrentos movimentos de camponeses da História.

redução das exaustivas jornadas de trabalho, bem como pela normatização do trabalho infantil e feminino e outros.

Contudo, os fortes ataques de violência e repressão por parte do governo com o intuito de coibir essas manifestações no início da década de 20, leva a uma fase de retrocesso dessas lutas, o que passa a ter uma nova configuração no final dessa mesma década, com a influência das ideias comunistas que chegavam ao país e que tiveram grande repercussão nos movimentos operários daquele momento em diante. Nas palavras de Groppo (2008, p. 139) o comunismo “foi um fenômeno transnacional tanto do ponto de vista político como no plano cultural”.

A entrada de um projeto liberal industrializante marca a década de 1930, que apresenta um modelo político em que a figura do Estado tem forte relação com a classe trabalhadora, institucionalizando assim, as relações entre trabalho e capital. O Estado a partir desse modelo político e econômico atende parte das reivindicações dos trabalhadores, principalmente os operários, o que facilita a construção de uma imagem em que o governo dialoga com a sociedade, o que leva a controlar e restringir grande parte dos movimentos em suas ações políticas. De acordo com Bem (2006, p.1147), o final dessa década leva vários movimentos sociais a serem abafados, com a criação de uma política de censura.

Os movimentos sociais fomentados principalmente pela classe operária voltam a crescer entre as décadas de 1940 a 1960 como consequência da promulgação da Constituição Liberal de 1934, mas que vigorou até os anos de 1964, em um contexto de liberdade aparente, mas que representou uma crescente participação popular nas discussões dos problemas nacionais, pois “é a partir da década de 1940 que emergem no cenário urbano brasileiro as classes populares” (BEM, loc. cit.).

No entanto, o golpe militar de 1964 interrompe de forma drástica o processo de participação popular sob a alegação de proteger o país das ideologias comunistas, o que leva a restrição da participação dos cidadãos na sociedade, e mais ainda, proibindo todo e qualquer tipo de manifestação que representasse ameaça para o país. A Ditadura Militar (1964-1985), criando mecanismos cada vez

mais eficazes de impedir o livre direito do cidadão de exercer sua liberdade e seus direitos políticos, desmobilizou os movimentos sociais.

Contudo, para Brant (1983, p.13), toda essa repressão criada pela ditadura, cria entre os mais diversos grupos sociais o sentimento de solidariedade, o que leva o surgimento dos movimentos de base, como os grupos de oposição política e sindical, as associações comunitárias, os movimentos culturais, os clubes de jovens e de mães e outros.

Destacamos ainda que, as motivações dessas lutas lograram, principalmente na tentativa de resistir o avanço do modelo de desenvolvimento capitalista industrial, proporcionados pelas alianças entre militares, capital estrangeiro, empresariado nacional e das novas tecnologias (GONH, 1995, p. 101).

Porém, o final da década de 70 e 80, ocorre o reaparecimento de movimentos voltados para a classe operária, fato esse que surge com as greves dos Metalúrgicos no ABC paulista, bem como da organização de centrais sindicais e partidos políticos, como a Central Geral dos Trabalhadores (CGT) e Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Todas essas manifestações criaram os mecanismos necessários para as eleições diretas para presidente da República, e a promulgação da Constituição de 1988, que apresentou grandes avanços em relação aos direitos de cidadania, o que leva o aparecimento de novos movimentos centrados nas questões éticas e, principalmente, na valorização da vida. Para Colbari (2003), no Brasil esse período é compreendido como a “idade do ouro”, pois o contexto de insatisfação nacional com o fracasso dos planos econômicos, a pobreza da população e principalmente os anseios pela redemocratização, alavancaram um clima de emoção nacional.

Entretanto, na década de 1990, quando se descortina um novo contexto (com o Brasil pós-ditadura, com mudanças na economia e com a globalização), vemos tais mudanças afetarem os movimentos sociais com focos de discussões voltados para questões fundamentais como: excluídos, fome, violência, miséria, desemprego, exploração, qualidade de vida, posse de terra, direitos, justiça, etc., o que nos faz compreender e reconhecer que os movimentos sociais sempre estiveram presentes

nas sociedades, em tempos e espaços distintos; porém, com conjunturas diferenciadas para os contextos sociais, políticos, econômicos e culturais da sociedade em questão.

3.3 Os novos movimento sociais na contemporaneidade

O discurso dos novos movimentos sociais iniciados na década de 1990 tem na contemporaneidade a participação de “novos sujeitos sociopolíticos e culturais” (GOHN, 2013a); com focos de mobilização para lutas voltadas às questões étnicas, culturais, criação de fóruns e ONGs, assim como lutas voltadas para o acesso à moradia, a terra, escolas, meio ambiente sustentável, gênero, etc., o que altera de forma significativa o modelo vigente dos movimentos, assegurando outro cenário que é o de crescimento em grande expressividade desses espaços de luta, levando os antigos movimentos a ganharem mais amplitude (SOUZA, 2009).

Assim, é importante evidenciarmos que os movimentos se caracterizam pela imprescindibilidade de posicionar a sociedade de forma dinâmica, ou seja, de estabelecer perspectivas sociais que estão além das estabelecidas pelo Estado; no entanto, é preciso assimilar que, historicamente, o Estado, na condição de mediador das relações sociais no modo de produção capitalista e na correlação de forças favoráveis à classe detentora do poder econômico, acaba por favorecer os grupos que representam o capital.

Outro aspecto importante que devemos mencionar são os movimentos que, em sua luta constante e contínua por significados, costumam ficar em desvantagem se suas motivações de luta tiverem como foco principal competir com a figura do Estado, pois estes “não apenas controlam os meios de repressão, mas têm à sua disposição instrumentos importantes para a construção de significados” (TARROW, 2009, p. 41).

Em vista disso, os movimentos sociais “buscam de forma coletiva estabelecer uma nova perspectiva social a partir das contradições da sociedade” (SOUZA, 2009, p. 82), procurando organizar as classes sociais mais atingidas pelas políticas de favorecimento do capital, para que estas tenham suas reivindicações conquistadas

e, assim, estabeleçam um diálogo mais intenso com a sociedade e com o Estado. Esse modelo de movimento social está:

[...] desafiados a contestar a inevitabilidade do desemprego, o imperativo da competitividade e da produtividade, a necessidade das concessões ao capital financeiro, à impossibilidade das políticas sociais de promoção da cidadania, e assim por diante (VÉRAS, 2000, p. 50).

Todavia, os movimentos sociais, enquanto tema central de uma reflexão em constante mudança constituem-se em um objeto que atravessa diversos campos de espaços e forças simbólicas¹³, e que dão sustentação à trama da vida social.

Os novos movimentos reorientam seu modelo de atuação no sentido de propiciar uma participação dos sujeitos envolvidos com maior grau de pressão e resistência (BASTOS, 2000, p. 33), permitindo que estes se situem melhor no tempo e no espaço, enquanto pessoas e grupos em suas competências e limites, em suas identidades e diferenças, em seus valores culturais, bem como em seus interesses e perspectiva, sobrepondo-se em uma posição mais autoafirmada diante da sociedade e da vida.

Na concepção de TOURAINE (1989), os movimentos sociais também podem ser entendidos como ações coletivas compatibilizadas à luta por interesses associados à organização social e, principalmente, às mudanças no contexto social e cultural, frutos de uma aspiração coletiva, tornando-se agentes pela defesa da liberdade, igualdade e justiça social, em um mundo de legado de preconceitos para uns e de privilégios para outros.

Para tanto é importante enfatizarmos que os movimentos sociais não são projetos para a construção de uma nova sociedade, mas surgem a partir de um contexto social específico que contestam dimensões peculiares da vida em sociedade. É nessa perspectiva que destacamos a opinião de Tarrow sobre o conceito de movimentos sociais que segundo ele ocorrem:

Quando as lutas giram em torno de grandes divisões na sociedade, quando reúnem pessoas em volta de símbolos culturais herdados e quando podem ampliar ou construir densas redes sociais e estruturas conectivas [...]

¹³ A ideia de forças simbólicas pode ser mais bem compreendida através da obra de Bourdieu (2009), quando aborda que o campo de produção simbólica está ligada diretamente por meio das relações de forças entre os agentes, e que são essas relações que levam a um sentido.

resultam em interações sustentadas com opositores (TARROW, 2009, p. 38).

Dessa maneira a mudança social só ocorre através da opção da ação coletiva, ou seja, dos movimentos e são eles os maiores estímulos de transformações, pois a opção de permanecerem em grupo e nas mesmas redes sociais¹⁴ favorece para que esses se tornem ativos e encontrem possibilidade de se manterem, já que são os “recursos culturais, organizacionais e práticos que constituem a base dos movimentos sociais” (ibidem, p. 181).

Assim, a existência de um movimento social exige certo grau de organização, além de mobilização de recurso e de pessoas comprometidas, não se limitando simplesmente a manifestações eventuais, mas enquanto ação organizada de caráter permanente por uma determinada bandeira de luta, com o objetivo de “romper os limites daquilo que os seguimentos dominantes de uma determinada sociedade pretendem que seja permitido pensar, dizer, sonhar e fazer” (SOBOTKA, 2010, p. 27).

De acordo com GONH (2011a, p. 4), os movimentos também criam situações com a finalidade de realizar diagnósticos da realidade social, isso se deve, principalmente, por representar forças sociais organizadas que agregam pessoas não como força-tarefa, que podem ser quantificadas, mas sobretudo como fonte geradora de criatividade e inovações socioculturais, pois as práxis não são resultados de forças congeladas do passado e sim de memórias¹⁵, que quando resgatadas dão um sentido às lutas do presente.

Na afirmativa de Scherer-Warren (2012, p. 124), “os movimentos sociais são movidos para a busca de soluções alternativas para a busca de soluções”. É nesse sentido que os movimentos sociais constroem ações coletivas e apresentam características magistrais de uma identidade, pois fazem oposição, articulam ou buscam fundamentar-se em projetos de sociedade e de vida, contribuindo para metodizar, organizar e clarificar a sociedade, bem como apresentam conjuntos de

¹⁴ Nas palavras de Sherrer-Warren (2006, p. 113), as redes de movimento social “pressupõe a identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos comuns”.

¹⁵ Memória tem aqui um sentido de contexto histórico, e essa memória está intimamente ligada ao ideário de identidade, ou seja, como um fenômeno com nuances coletivas e sociais que nasce das inconstâncias e transformações (POLLACK, 1992).

reivindicações legítimas de pressão e mobilização e, principalmente, lutam pela inclusão social e a preservação da vida no planeta.

É relevante destacarmos que a construção dos movimentos sociais são, conseqüentemente, os reflexos da sociedade do diverso, ou seja, que as necessidades dos sujeitos se multiplicam. Assim, a ideia de compromisso desse novo tempo, exige transformações profundas da sociedade, logo, falar de sociedade civil se faz necessário, compreendendo que esta não é uma esfera homogênea, mas tem interesses, conflitos e valores de classes e, principalmente, de grupos identitários. Esse fato é atestado na visão de Falero (2012, p. 45), quando destaca que “os movimentos sociais se dão em contextos geográficos particulares, mas como, além disso, tais contextos afetam a maneira em que a prática coletiva situada funciona”.

Em suma, os movimentos sociais não surgem de forma aleatória e sem um significado para os sujeitos envolvidos, mas principalmente de uma relação de conflito, que tem no ideário de mudança um dos seus grandes propósitos, além do grande caráter de identidade social que sempre é muito bem definida, com pauta social pontual e concreta.

Na opinião de Paoli (1991, p. 121), a importância do movimento social “não está no localismo e no comunitário de sua mobilização coletiva, mas no alcance que há em cada uma destas mobilizações e ações em sua enunciação como sujeitos coletivos de direitos”; desse modo, o olhar para a identidade se faz pertinente, pois a identidade que excogita novos direitos pode e deve ser lido como perspectivas para um novo pensar e ser cultural.

Além disso, os novos movimentos sociais trazem cada vez mais a cooperação de forma ampliada das bases, agregando práticas coletivas e solidárias no mesmo momento que contestam o autoritarismo, a centralização do poder e qualquer tipo de violência. Busca igualmente propor uma transformação mais global através de modificações que vão ocorrendo no dia a dia dos sujeitos.

Conforme o pensamento de Scherer-Warren (2012, p. 124), “a geração de direitos através da ação dos movimentos sociais normalmente não é direta, mas a

partir de caminhos árduos de construção de uma história de conquistas de novos direitos humanos e de cidadania”. Nessa perspectiva, fica evidente que essa relação histórica entre os indivíduos não surgem fortuitamente, mas construído por intermédio da contribuição de múltiplos sujeitos sociais nos espaços coletivos.

O processo histórico da construção dos movimentos sociais ao longo de séculos pelas mais diversas sociedades é mais bem compreendida quando trazemos para a análise as disputas por terras no Maranhão, iniciadas por motivações de um projeto político brasileiro de desenvolvimento voltada para o agronegócio e agropecuária, o qual atingiu diretamente centenas de famílias que viviam da agricultura familiar e do extrativismo, e que a partir da nova visão de progresso foram expulsos de suas terras, dando início a lutas coletivas para a permanência nesses espaços, ou pelo direito de adquirirem novas terras para permanecerem em suas atividades e, conseqüentemente, garantirem a sobrevivência de suas famílias.

4 DESCREVENDO A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DO MARANHÃO NO MOVIMENTO SOCIAL

Os movimentos sociais, tendo como referência as falas das interlocutoras dessa pesquisa, são apresentados como espaços sociais que permitem que os grupos ao se organizarem, lutem por igualdade de direitos, por liberdade, melhor qualidade de vida e autonomia, bem como ambiente coletivo para reivindicar maior visibilidade na medida que mobilizam ideias e valores e criam espaços para a construção de novos saberes e aprendizados coletivos.

Por conseguinte, a inserção das mulheres quebradeiras de coco babaçu do Maranhão no movimento social é visto como espaços de lutas contra o sistema patriarcal, capitalista e racista; assim como espaços de reflexão e da criação de ações coletivas em busca de novos direitos frente ao Estado e à sociedade em geral.

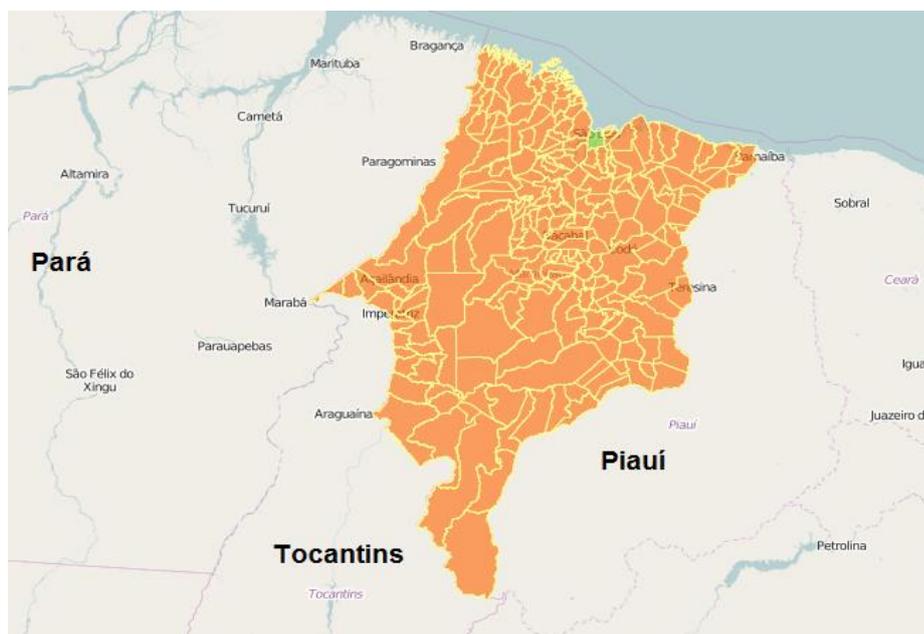
O universo apresentado se volta para a realidade do estado do Maranhão no povoado denominado Coquelândia, localizado no município de Imperatriz, em que evidenciaremos a vida e luta de mulheres quebradeiras de coco, inseridas em um movimento social próprio das quebradeiras de coco babaçu.

Apresentaremos também, nessa unidade, um breve histórico do estado do Maranhão em suas disputas por terras, procurando-se estabelecer uma relação direta com a realidade de homens e mulheres que, no campo, lutam pela permanência e pelo direito de permanecer em suas atividades, enquanto pequenos agricultores e extrativistas.

4.1 Localização

O Maranhão é um dos nove estados que compõem a região Nordeste. Seu território faz limites com três estados brasileiros, são eles: a Oeste com o estado do Pará, a Leste com o Piauí, ao Sul com o Tocantins e a Norte com o Oceano Atlântico. Sua superfície tem uma extensão de 331.983.293 km² do território brasileiro. De acordo com sua posição geográfica está localizado no Hemisfério Sul e no Hemisfério Ocidental, ocupa a porção ocidental da região Nordeste e faz fronteira com a região Norte. É formado por um quantitativo de 217 municípios (IBGE, 2010), dentre eles o município de Imperatriz.

Figura 2: Mapa do Estado do Maranhão e esta dos limítrofes.



Fonte: IBGE 2014

4.2 Maranhão: terra de luta

O Maranhão tem na atualidade aproximadamente um número de mais de 400 mil famílias que vivem exclusivamente da economia do babaçu. Desse modo, esse é o estado brasileiro com a maior concentração de babaçuais, com cerca de mais ou menos 10,3 milhões de hectares, representando mais da metade do que é encontrado em todo o território brasileiro (BARBOSA, 2013).

A história da ocupação e povoamento do Maranhão é marcada por conflitos e por um modelo econômico de favorecimento aos grandes grupos de latifundiários, grileiros e do agronegócio, que ao longo de décadas se apropriaram de terras, fazendo com que milhares de famílias agroextrativistas e pequenos agricultores fossem expulsos desses espaços, bem como arrastados em conflitos envolvendo disputas por terras.

É no contexto de descrédito por parte de governos neoliberais do início dos anos noventa e no embate entre lógicas diversas – de um lado, as mulheres extrativistas; de outro, a burocracia estatal e os empresários do agronegócio –, aliado à luta cotidiana de longas datas, na superação de obstáculos à sobrevivência, que emerge o Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu (MESQUITA, 2008, p. 57).

As novas circunstâncias da vida, que oprimiam as populações locais ao direito à terra, fizeram com que essas famílias agroextrativistas e de pequenos agricultores buscassem na resistência e, na construção de um projeto de luta por meio dos movimentos, os mecanismos necessários para fugir da opressão e do abandono do poder público e da sociedade em geral.

O Maranhão nessa conjuntura tem, historicamente, um registro marcado pela omissão e pelo desrespeito a determinados setores da sociedade, como é a realidade das mulheres extrativistas, que buscaram a partir dos movimentos sociais encontrarem os meios necessários para a mobilização de ações de formação e organização com a finalidade de combater o modelo equivocado de desenvolvimento, que aprofundava as desigualdades sociais entre pobres e ricos, entre o rural e o urbano.

Assim, os problemas mais severos referentes às disputas pelas terras maranhenses surgiram com a implantação da lei de nº 2.979 de 17 de julho de 1969, conhecida como Lei de Terras, ou Lei Sarney de Terras, que contribuiu de forma significativa para o avanço desenfreado da pecuária no Maranhão (GONÇALVES, 2000).

A Lei de Terra garantiu a privatização de terras públicas e estimulou a expansão de projetos agroindustriais e agropecuários, expulsando os antigos ocupantes dessas áreas, que eram predominantemente povos afrodescendentes e

indígenas, para outras regiões do estado (BARBOSA, 2013, p. 62); porém, como consequências da implantação da Lei de Terras surgiram uma série de conflitos por disputas de territórios.

Dessa forma, a Lei de Terras foi à legitimadora da distribuição de milhares de hectares de terras públicas a particular em todo o estado do Maranhão, sendo utilizado o argumento de que as terras ocupadas por pequenos agricultores no modelo de economia de subsistência e agroextrativistas, eram, na verdade, terras comunais livres ou devolutas.

Nas terras maranhenses a agricultura de subsistência era a principal atividade econômica dos trabalhadores agroextrativistas, “seu grande diferencial é o de ser executada em meio aos palmeirais em uma espécie de consórcio, no qual as palmeiras são desbastadas e a roça dita “de toco” é implantada no terreno logo após a sua queima” (JUNIOR, 2007,p. 38).

Para os fazendeiros a terra dispõe de uma representação simbólica bem distinta para os trabalhadores expulsos das terras, pois se para esses a terra representava a sua sobrevivência, para os fazendeiros, segundo Júnior (2007, p. 37),“a terra é garantia de ganho com as rendas do trabalho ou com a especulação fundiária”, tornando-se reserva de valor, um capital eficiente, independente da sua aplicação e benefícios presentes.

Assim, a grilagem¹⁶, associada ao avanço da pecuária, levou um número expressivo de famílias a uma condição de submissão, culminando em situações diversas de conflitos, que ia desde os problemas referentes à concentração de terras, até a restrição às áreas dos babaçuais para as famílias agroextrativistas, situação essa exemplificada pela história das mulheres quebradeiras de coco babaçu.

Barbosa (2013, p. 135), ao analisar os problemas de disputas por terras no Maranhão e os conflitos gerados a partir de então, cita que “nos territórios maranhenses, destacam-se a concentração fundiárias e a grilagem [...]. Essa prática

¹⁶A grilagem é a prática de venda de terras de propriedade particular ou pertencentes ao poder público mediante o uso de falsificação de documentos.

tem, ao longo de décadas, ameaçado a sobrevivência de pequenos produtores rurais, como as quebradeiras de coco e os agricultores maranhenses”.

Nesse contexto socioeconômico e político do Maranhão, as quebradeiras de coco babaçu ao identificar que os donos das áreas recém-ocupadas estavam dificultando o acesso aos babaçuais, e que estes posicionamentos estariam interferindo diretamente na sobrevivência de suas famílias, buscaram a partir dessa nova realidade se organizarem no modelo de luta coletiva, e lutarem pelo direito à terra, bem como de garantir o exercício de suas atividades de quebra do coco, já que o resultado dessas coibições, segundo Mesquita (2008), foi uma violenta queda da renda dessa categoria.

Assim, para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, o período em que estas foram expulsas e também impedidas de entrar nas áreas dos babaçuais ficou conhecido como *coco preso*, fator que contribuiu para o fortalecimento do processo de luta e libertação do coco e da terra; já que no universo dessas mulheres, as ameaças e as práticas violentas de impedimento do trabalho eram práticas constantes dos proprietários de terras.

Segundo Barbosa (2013, p. 171), “o “tempo do coco preso” é lembrado como o período em que as famílias rurais ficaram sujeitas a imposições econômico-comerciais de fazendeiros, tendo seu trabalho vinculado à produção semiescrava”. Em vista disso, esse período foi marcado pela sujeição de centenas de famílias à coleta e quebra do coco babaçu, com objetivo de vender o coco quebrado para os fazendeiros ou trocar por gêneros alimentícios no interior das fazendas.

4.3 O movimento de mulheres campesinas e agroextrativistas nas terras maranhenses

A história do movimento social das quebradeiras de coco babaçu iniciou-se desde meados de 1989; contudo, sua criação enquanto instituição ocorreu a partir de 1990 através das discussões e análises realizadas nos pequenos grupos de estudos das mulheres campesinas e trabalhadoras agroextrativistas.

Sua institucionalização como associação deu-se conforme seu estatuto somente em 14 de setembro de 2001, recebendo a denominação de Associação do Movimento Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu – AMIQCB, constituindo-se em uma entidade de mulheres camponesas formadas principalmente por mulheres da região do Médio Mearim.

Na região do Médio Mearim fortes conflitos foram travados, principalmente na década de 1980, tendo como foco de resistência centenas de famílias camponesas que lutaram, dentre alguns outros motivos, contra a submissão causada pela apropriação das terras por grandes proprietários (RÊGO; ANDRADE, 2006, p. 49).

Essas mulheres, em luta coletiva, buscaram a partir da criação do MIQCB, unir e reunir baseando-se em parâmetros de luta em defesa do meio ambiente; de preservação dos babaçuais e do seu livre acesso, instituída em muitas vezes a partir de lutas de natureza político-jurídico, como foi a defesa pela construção de uma recomendação de legislação peculiar – Lei Babaçu Livre; bem como por formas *sui generis* de associativismo e cooperação.

A consolidação, segundo as lideranças do MIQCB da regional de Imperatriz, do movimento das mulheres quebradeiras de coco babaçu foi solidificado depois da realização de dois grandes encontros denominados pelas lideranças dos movimentos de Encontro Interestadual de Quebradeiras de Coco Babaçu, realizados nos anos de 1991 e 1993, com a presença de mulheres dos estados do Maranhão, Piauí, Tocantins e Pará.

Portanto, ao analisarmos o estatuto da criação da AMIQCB, no capítulo I, no Art. 4º, que discorre de sua finalidade, percebemos que todos os objetivos elencados são de alta relevância para o universo das mulheres quebradeiras de coco-babaçu, tendo em vista que as questões prioritárias relacionadas tratam da defesa dos babaçuais, da elaboração de políticas que contemplem as questões de gênero e, conseqüentemente, levem a construção de uma sociedade de relações mais justas entre os gêneros, bem como o apoio à pesquisa sobre o universo do extrativismo do babaçu. As finalidades da AMIQCB são:

a) Articular as quebradeiras de coco babaçu enquanto mulheres, trabalhadoras agroextrativistas e cidadãs, na luta pelo babaçu livre nas

áreas de domínio público e privado, pela reforma agrária e pela preservação das palmeiras de babaçu e do meio ambiente.

b) Compartilhar, sistematizar e documentar as experiências nas diferentes formas de organização em que atua no momento;

c) Buscar alternativas para as atividades agroextrativistas, em termos econômicos, sociais, políticos e ambientais, criando espaços em momentos adequados para suas reivindicações;

d) Propor e acompanhar mecanismo de participação na elaboração de políticas e relacionadas às atividades extrativistas do babaçu com enfoque nas relações de gênero no âmbito de sua atuação;

e) Promover a valorização da mulher quebradeira de coco babaçu através de iniciativas que fortaleçam seus direitos;

f) Desenvolver ações em busca de relações justas de gênero;

g) Promover pesquisas sobre o extrativismo do babaçu no âmbito na AMIQCB, bem como editar e comercializar as publicações decorrentes destas pesquisas;

h) Apoiar a produção e comercialização dos produtos relacionados à atividade das quebradeiras de coco e trabalhadoras rurais agroextrativistas. (ESTATUTO DA AMIQCB, Art.4º).

Ao escolher tais finalidades para a construção da associação, essas mulheres declaram a necessidade da movimentação coletiva das mesmas, para a construção de uma modelo de sociedade em que as desigualdades e as injustiças possam ser melhores discutidas e refletidas no interior do movimento das mulheres quebradeiras de coco babaçu; acrescentando também a importância da participação do poder público e da sociedade como um todo nessa bandeira de luta.

A construção de um modelo de sociedade com menor grau de desigualdades e de injustiças parte da premissa de que “os próprios sujeitos são construtores ou reprodutores de estruturas sociais” (GONH, 2012, p. 46). Assim, o movimento social, nas palavras de Silva, Arante e Ferreira (2012), é vista como uma forma de organização, que permite que nos espaços coletivos esses sujeitos se articulem com o propósito de agir coletivamente em torno de objetivos definidos em grupo.

Para tanto é importante revelar que a história que motivou as mulheres quebradeiras de coco babaçu pela criação do MIQCB deu-se quando essas foram não somente expulsas de suas terras, em detrimento dos grandes investimentos da agricultura e do agronegócio na década de 80, mas, acima de tudo, quando foram impedidas, pelos grandes proprietários de terra, de realizar a coleta e a quebra do coco.

O modelo adotado pelos proprietários das terras para impedir que as mulheres quebradeiras de coco adentrassem suas terras para a realização da

extração e quebra do coco babaçu foi o de cercamento, que segundo Barbosa (2013, p. 141), é o formato em que os proprietários dessas áreas “se apropriaram das terras cercando-as em grandes áreas (fazendas)”.

Paralelamente, também era realidade constante das mulheres agroextrativistas presenciarem a derrubadas das palmeiras de babaçu, fato esse que levou a decisão de optarem pela maior integração do grupo, pela movimentação da luta cotidiana contra a destruição dos babaçuais e da construção de um modelo próprio de resistência.

Diante dos aspectos elencados, é valoroso compreendermos o contexto social, econômico, político e cultural dessas mulheres; assim como é de grande relevância percebermos as relações simbólicas existentes entre as mulheres e o coco babaçu, bem como suas vivências e conhecimentos, os quais, conseqüentemente, caracteriza de forma mais profunda a identidade dessas mulheres. O simbólico, de acordo com Moura (2000, p. 76), “envolve todo processo da cultura humana: o mito, a religião, a linguagem, a arte e a história”.

Na interpretação dessa conjuntura, é fundamental destacarmos que as mulheres camponesas e quebradeiras de coco babaçu no território maranhense sempre dependeram exclusivamente das amêndoas do babaçu para garantir as necessidades básicas de sobrevivência da família, assim como utilizam o coco babaçu para a produção da farinha e do carvão.

A importância dada ao coco babaçu é melhor compreendida por intermédio do depoimento simples e natural de uma quebradeira de coco do povoado de Coquelândia, obtido durante a pesquisa de campo. Acompanhando alguns dos muitos dias de trabalho dessas mulheres nos babaçuais, tivemos a oportunidade de perguntar qual a importância que o coco babaçu tem na sua vida e na vida de sua família. Para essa quebradeira o coco tem a seguinte representação simbólica:

O coco representa tudo na minha vida e na vida da minha família, professora. Eu tinha seis anos quando minha mãe começou a me trazer para o mato. Nesse período, nós não morávamos aqui, mas lá na baixada, e eu como era muito pequena, minha mãe me trazia para o mato, mas não me deixava ainda quebrar o coco; então eu, para ajudar, ia catar o coco para ela ir quebrando durante todo o dia, ou então eu juntava as cascas do coco que ela já tinha quebrado, para que fosse feito o carvão. O carvão, a

minha mãe fazia a nossa comida. Minha mãe, professora, a vida inteira quebrou coco, e foi dele que ela colocou comida na boca de todos nós. Me lembro bem, o jeito que minha mãe chegava em casa todo dia quando vinha do mato. Ela chegava com cara de cansada e reclamando de muita dor, mas mesmo assim, ainda ia fazer o óleo que ela usava tanto pra fazer a nossa comida, como pra vender na cidade. Vi minha mãe fazer isso a vida inteira, e hoje sou eu que sustento meus filhos quebrando coco, meu marido está desempregado já faz mais de ano, e faz alguns bicos, e eu é que consigo ainda botar, mesmo com muita dificuldade a comida dentro de casa (R.N.B.O., 62 anos).

A realidade da vida da família dessa mulher, quebradeira de coco, moradora do povoado de Coquelândia, representa um cotidiano de centenas de mulheres em todo o estado do Maranhão, que tiveram e ainda têm a sua vida e a de toda sua família relacionada e entrelaçada com o coco e os babaçuais.

A história revisitada na memória dessa mulher, ao falar de sua infância e da vida difícil que sua mãe levava para sustentar a família, demonstra que o coco babaçu é uma fonte de sobrevivência, não somente na visão do tempo presente, mas, principalmente, para um tempo que representa uma cultura que é passada de geração para geração.

La cultura no son solo atributos casuales, acontecimientos, modos de conducta, instituciones o procesos sociales; la cultura es un contexto dentro del cual todos esos procesos encuentran significado y significación, que tejen interacciones simbólicas, que dan sentido a la vida de los seres humanos (ARRAIAS, 2002, p. 76)

Constatamos, assim, a importância do coco babaçu, já que é o responsável pela sobrevivência de centenas de famílias em todo o estado do Maranhão; bem como a consciência adquirida por essas mulheres diante das dificuldades que se apresenta para a prática da cultura da quebra do coco. Portanto, a mobilização delas enquanto sujeito coletivo passa a ser uma necessidade de grande valor.

Assim, a mobilização, a preocupação com a sua fonte de renda, a necessidade de lutar pela sobrevivência das palmeiras de babaçu, deram origem ao MIQCB, que permitiu às quebradeiras de coco passar a dirigir associações e coordenar cooperativas, além de conquistar espaço político para suas reivindicações e propostas, principalmente no plano nacional ligado a órgãos institucionais e dos ministérios (ALMEIDA, 1995).

Desse modo, o MIQCB se apresenta, sem dúvida alguma, composta por diferentes grupos com interesses comuns que abrangem comissões, associações, grupos e cooperativas, que lutam pela preservação ambiental, pela garantia do direito à terra, por políticas públicas voltadas para o extrativismo, pelo livre acesso aos babaçuais e pela igualdade de gênero.

Assim, o MIQCB tem alcançado, ao longo dessas duas décadas, algumas valorosas conquistas, como a Lei do Babaçu Livre,¹⁷ que já garantiu à alguns municípios do Maranhão, a exemplo de Imperatriz, a aprovação da lei que garante o direito de coleta do coco babaçu em terras públicas e privadas.

Atualmente são beneficiados pela Lei do Babaçu Livre os municípios de Lago do Junco, Lago dos Rodrigues, Esperantinópolis, São Luís Gonzaga do Maranhão, Capinzal do Norte e Imperatriz, pertencentes ao estado do Maranhão (ARAÚJO; CARVALHO; MAGALHÃES, 2004); porém, é importante ressaltarmos que, mesmo dispondo da lei, as realidades dessas mulheres em todo o estado do Maranhão são bem diferenciadas quanto ao direito ao acesso às áreas dos babaçuais e, principalmente, às condições que essas se submetem aos donos das terras para ter o acesso às áreas da coleta do coco babaçu.

É nesse cenário de luta e da volição de continuar a coleta e a quebra do coco babaçu, manifestada na bandeira Babaçu Livre, que se fortaleceu no município de Imperatriz através de centenas de mulheres quebradeiras de coco, o movimento interestadual das quebradeiras de coco babaçu.

Para tanto, consideramos ser de grande relevância fazer uma breve apresentação do município de Imperatriz, a fim de uma compreensão mais significativa dos problemas enfrentados pelas quebradeiras de coco frente ao processo de crescimento populacional e dos grandes investimentos locais e, que afetam diretamente às mulheres do povoado de Coquelândia distante 36 km do município de Imperatriz.

¹⁷Ver projeto de Lei Nº 231/2007, que dispõe da proibição da derrubada de palmeira de babaçu nas estradas do Maranhão, Piauí, Tocantins, Pará, Goiás e Mato Grosso.

4.4 Imperatriz: apresentação, contextualização e problemas

Imperatriz tem sua história registrada a partir dos séculos XVI e XVII, com a chegada dos bandeirantes que, ao se afastarem de São Paulo, com o objetivo de desbravar as terras brasileiras em busca de riquezas, chegaram às áreas que hoje é denominada de Imperatriz.

A sua fundação data de 16 de julho de 1852 com a chegada de uma expedição ao Maranhão liderada pelo Frei Manoel Procópio do Coração de Maria, nomeado capelão¹⁸ pelo Presidente da Província do Pará, Jerônimo Francisco Coelho. Esta expedição teve a missão de aviar a ocupação das terras habitadas pelos valentes e arredios indígenas timbiras, sendo eles o povo Krikati e Gavião e, assim oferecer maior apoio às navegações pelo Rio Tocantins.

Portanto, Frei Manoel Procópio, pensando estar em terras paraenses¹⁹, fundou a cidade em meio a um amplo espaço despovoado, a qual recebeu, oficialmente, o nome de Colônia Militar de Santa Tereza do Tocantins. Somente, quatro anos depois, com a lei nº 398, em 26 de agosto de 1856, a colônia recebeu o nome de Vila de Imperatriz, em homenagem à Imperatriz Tereza Cristina. Sobre o momento da chegada de Frei Manoel Procópio às terras maranhenses:

Os brancos dormiram nas canoas [...] então o padre subiu o barranco, foi às aldeias; viu os olhos d'água e a mata. Gostou. Acreditava-se em terras paraenses, e tudo o mais enquadrava-se (sic) nos planos de seu chefe, conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, o então presidente da Província do Pará. Era o dia 16 de julho de 1852. Resolveu ficar. Procurou contatos com os índios. Fez trocas, deu presentes. Os selvagens não reagiram (BARROS, 2012, p. 29).

O local era muito povoado por índios, mas sem características de desenvolvimento. Assim, Imperatriz, em meio às adversidades como carência de vias de comunicação, inclusive que a ligasse à Capital e o descaso por parte das autoridades provinciais, não se desenvolveu, satisfatoriamente, pois mesmo após

¹⁸A palavra capelão faz referência a ministros religiosos com autorização de prestar assistência e realizar cultos em diversos espaços, dentre eles as corporações militares.

¹⁹O termo utilizado "pensando estar em terras paraenses" surge na história de Imperatriz porque de acordo com o Decreto Imperial nº 639, de 12 de junho de 1852, assinado por D. Pedro II, que definia para o governo do Pará e do Maranhão os territórios de cada Província; ficou estabelecido em que toda a faixa de terra que ia do litoral até as margens do Tocantins, ao denominado Seco do Curuá, hoje cidade de Campestre/MA, era da Província do Pará. (FRANKLIN, 2008).

sua elevação à categoria de Vila, permaneceu até metade do século XIX acanhada e decadente.

Algum surto de progresso conhecido foi transitório e deveu-se, sobretudo, aos intercâmbios comerciais com o município de Marabá, no estado do Pará (FRANKLIN, 2008). Para tanto, Imperatriz só foi promovida a categoria de cidade em 22 de Abril de 1924, por meio da Lei nº 1179, no governo de Godofredo Viana.

Mesmo após ser promovida à cidade na década de 1920, o município de Imperatriz, até o final da década de 1950, não apresentava sinais promissores de desenvolvimento, pois não passava de um simples porto comercial. Segundo Santana (2014, p. 67) “Imperatriz, depois de elevada à categoria de cidade, ainda teve de esperar trinta anos para ser ligada por estradas ao restante do Maranhão e do Brasil”.

Sua produção consistia basicamente na extração do coco babaçu e no cultivo de arroz e cana-de-açúcar e, em relação à produção industrial, resumia-se, apenas, à fabricação de farinha de mandioca, aguardente, rapadura e arroz pilado. Em relação aos meios de transporte, esses se davam através da tração animal, fluvial e misto²⁰ (FERRAZ, 1998).

No final da década de 1950, inicia-se uma intensa onda de imigração para esta região, provocada pela chegada de grande número de agricultores e extrativistas, que fugiam da zona de tensão e exaustão que ocorria nas terras maranhenses, principalmente na região do Vale do Mearim²¹, bem como de outras regiões do país, que ao chegarem se estabeleceram, criando pequenas propriedades agrícolas em terras consideradas devolutas (LUNA, 1984).

²⁰ O transporte misto aqui mencionado é aquele realizado para transportar tanto passageiros como cargas.

²¹ O Vale do Mearim pertence à mesorregião Centro Maranhense, é um das cinco mesorregiões do estado do Maranhão, formada pela união de 42 municípios agrupados em três microrregiões, sendo elas: Alto Mearim e Grajaú, Médio Mearim e Presidente Dutra (IBGE, 2014). Essa frente de expansão recebeu maior impulso na década de 50, o que foi bastante favorecida pela lei nº 601 de 1850, que garantia a posse das terras a quem apresentasse a compra de propriedades, com o objetivo de investimentos na agricultura. Esse contexto pode ser mais bem compreendido através da leitura de ALMEIDA (2008) e TROVÃO (2008).

Isso justificou o acelerado crescimento populacional e econômico vivido pelo município. Para Franklin (2008), a forte onda de imigração gerou preocupação para a prefeitura, que criou a Lei nº 97/57, proibindo o aforamento, o arrendamento e a alienação das terras que pertenciam ao município.

Contudo, alguns fatores, ao longo de décadas e ainda de forma lenta, delimitaram o crescimento do município de Imperatriz, foram eles: os ciclos de arroz, que “já era o principal produto agrícola comercializado no município” (FRANKLIN, 2008, p. 128); bem como, os ciclos econômicos da borracha, que teve início ainda no século XIX, na década de 70, e que perdurou até década de 40, no século XX; a extração da castanha-do-pará, a partir da década de 70 e também no século XIX, até à década de 60 no século XX; a construção da rodovia Belém-Brasília no governo de Juscelino Kubitschek, em 1958, que intensifica o fluxo migratório (Ibidem, p. 30); o surgimento do garimpo de Serra Pelada no Pará, que tornou Imperatriz ponto de referência para a comercialização do ouro; e, com grande destaque, o programa de integração da Amazônia lançado pelo Governo Federal, na década de 80, conhecido como Projeto Grande Carajás - PGC²². Todos esses episódios foram marcados por um período em que para a política econômica do Brasil e, conseqüentemente, da Amazônia o lema era: “exportar é o que importa” (OLIVEIRA, 1990, p. 14).

Esses fatores concorreram para que Imperatriz, na década de 1980, ocupasse o lugar de segunda cidade do estado do Maranhão e a primeira do interior em termos econômicos, com destaque para o ramo do comércio atacadista e varejista; como também, atividades voltadas à prestação de serviços, o que gerou mais posto de serviços para os cidadãos do município.

A partir da década de 80, a indústria de transformação, o comércio de mercadorias e prestação de serviços começa a ter destaque, como maior polo comercial econômico de todo eixo entre Goiânia/ Brasília e

²² O Projeto Grande Carajás é um conjunto de empreendimentos com a finalidade de explorar as riquezas naturais da Pré-Amazônia maranhense, principalmente as voltadas para o extrativismo vegetal e mineral e das potencialidades energéticas. O Maranhão foi um dos grandes estados impactados, pois esses empreendimentos levaram a instalação da Ferrovia de Carajás, projetada para o escoamento do minério de ferro desde a mina até o litoral maranhense; bem como, da criação de dois polos guseiros, oito polos siderúrgicos, madeireiros e agropecuários florestal com o incentivo da monocultura do eucalipto. Outro grande empreendimento do PGC foi a instalação, em 1992, na cidade de Imperatriz de uma indústria de celulose e papel apresentado como sendo de florestamento de eucalipto para a produção de pasta de celulose (SOUZA, 1995).

Belém, atuando como entreposto comercial do sul/sudoeste do Maranhão, sul do Pará e norte do Goiás, depois feito estado do Tocantins (FRANKLIN, 2008, p.160).

Atualmente, a cidade de Imperatriz possui uma população estimada de 251.468 habitantes, distribuída numa extensão territorial de 1.369 Km² (IBGE, 2010), com uma vegetação de cerrado e floresta amazônica ou matas. Localiza-se a 636 km da sua capital São Luís, no estado do Maranhão. É detentora de um formidável potencial hidrográfico, banhada por vários rios, tendo o Tocantins seu principal rio, com uma extensão de 2.850 km. Abaixo apresentamos a imagem aérea do município de Imperatriz.

Figura 3 – Vista aérea da cidade de Imperatriz com destaque ao Rio Tocantins



Fonte: <http://www.movelnorte.com.br>

Na atualidade, o comércio imperatrizense é responsável pelo abastecimento de quase toda a região tocantina²³, através do comércio atacadista, no setor do mercadinho; das autopeças, no setor do entroncamento; bem como das óticas, no bairro juçara e, ainda, no vultoso comércio de roupas e sapatos no centro da cidade.

Além disso, investimentos bilionários passaram a ser incentivados na região tocantina voltada para o comércio atacadista e, principalmente, para os

²³ A região tocantina é formada pelos estados do Maranhão, Tocantins e Pará.

investimentos de base florestal, que é voltada principalmente para a plantação do eucalipto “causada pela demanda de matéria prima para as siderúrgicas” (PESTANA, 2014, p. 100).

Os investimentos bilionários surgidos nos últimos 10 anos têm modificado as características da cidade de Imperatriz, quanto ao aspecto físico e populacional da cidade, que recebe todos os dias um número significativo de pessoas vindas de outros estados, e cidades vizinhas em busca de oportunidades de trabalho.

A cidade de Imperatriz, nesse âmbito político e econômico, recebeu um vasto número de investimentos tanto na área urbana, quanto nas áreas rurais do município. Nas áreas urbanas, os investimentos foram voltados, principalmente, para o setor da construção civil; e nas áreas rurais, para o incentivo da plantação monocultora de eucalipto, com o objetivo de atender o mercado guseiro da região tocantina.

Esse modelo de investimentos que a cidade recebeu nos últimos anos levou a mudanças expressivas no cotidiano da maior parte da população, que vive no município, mas de forma muito expressiva àqueles que têm suas histórias de vida marcada no trabalho do campo.

Diante do cenário apresentado, de grandes investimentos envolvendo o município de Imperatriz, seria impossível não pensarmos nos fortes reflexos que todos esses empreendimentos trouxeram para a região de Imperatriz, como é o exemplo da proposta do Programa Grande Carajás - PGC, que ousou associar a exploração dos recursos naturais com o bem-estar das populações regionais.

Para tanto, é importante ressaltarmos, que em relação aos PGCs, o governo federal aguardava que vasta parte dos lucros desses investimentos retornasse para as populações locais por meio de serviços primordiais como: saúde, educação, saneamento básico e outros. No entanto, o projeto não impediu que uma sequência de fatores negativos atingissem as populações tradicionais, detentoras de fortes relações com a natureza de caráter simbólico, na medida em que se apresentava um novo formato de trabalho e modo de vida. Para Santos R. (2011), muitos

conseguiram fazer a adaptação; porém, outros grupos não puderam fazer a transição dessas mudanças em seus contextos econômicos, sociais e culturais.

Essa onda de investimentos vivida pela cidade de Imperatriz, por décadas, e que não é distinto nos demais municípios do Maranhão, propiciou o deslocamento de centenas de camponeses, agricultores e trabalhadores agroextrativistas de suas terras, para dar espaço ao formato de desenvolvimento apresentado pelas novas políticas econômicas de progresso, o chamado Programa de Incentivo às Atividades Industriais e Tecnológicas no Estado do Maranhão²⁴ (PROMARANHÃO).

Vale enfatizarmos que, esse novo modelo econômico incentivado pelo governo viabilizou muitos proprietários de terras alugarem suas extensas áreas para o plantio do eucalipto²⁵; o que, conseqüentemente, culminou com a derrubada de centenas de árvores nativas, mudando totalmente o cenário dos antigos moradores, que sobreviviam, há décadas, através da prática da agricultura e das atividades extrativistas, como é o caso das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia.

4.5 Um olhar para o povoado de Coquelândia

Tomando como objeto de estudo o povoado de Coquelândia, seu surgimento, segundo relatos de moradores, data de meados da década de 1950, quando se tem o registro da chegada de muitas famílias nessas áreas. Foi com base nos primeiros trabalhos realizados por essas famílias, que a comunidade passou a tomar o formato de povoado, tornando-se, nos dias atuais, um dos grandes povoados da região de Imperatriz.

²⁴Para melhores esclarecimentos, ver Decreto Nº 26.689, de 30 de Junho de 2010, que aprova e regulamenta o Programa de Incentivo às Atividades Industriais e Tecnológicas no Estado do Maranhão - PROMARANHÃO. O Programa criado pela Medida Provisória nº 66, de 27 de novembro de 2009, convertida na Lei nº 9.121, tem o objetivo de promover as atividades industriais e agroindustriais em todo o território do Estado do Maranhão.

²⁵O eucalipto é considerado uma árvore exótica, por não ser originária do Brasil. Em relação aos eucaliptos plantados no Brasil, tem rápido crescimento, necessitando de maior consumo de água, comparada com a vegetação nativa ou outras plantações de porte menor, podendo causar uma queda expressiva do recurso hídrico no local onde estão instaladas, bem como da biodiversidade (REPORTER BRASIL, 2011).

O povoado de Coquelândia está localizado na Estrada do Arroz, a uma distância de 36 Km da sede do município de Imperatriz-MA. Seu relevo é ondulado de forma suave, com predominância de áreas planas, o que torna essas terras propícias à agricultura e à pecuária. O clima é o tropical, úmido e quente, com a presença de apenas duas estações: a chuvosa e a seca. A primeira se estende de dezembro a abril; e a segunda, de maio a dezembro, com temperatura registrada em torno de 29º (NASCIMENTO, 2001).

Sua população é estimada em 12 mil habitantes. No que concerne ao tempo em que essas famílias residem nesse povoado, Lopes (1998) avalia que somente uma pequena parcela da população é considerada tradicional; a grande maioria é de ocupação recente, provocada pelo fluxo migratório das décadas de 1960 e 1980, deslocadas, na grande maioria, da região do Mearim-MA, bem como dos estados²⁶ do Piauí e Ceará.

De acordo com as observações realizadas durante as visitas ao povoado de Coquelândia, e em consulta ao presidente da associação de moradores, podemos afirmar que, atualmente, exista uma média de trezentas moradias, as quais se diferenciam enquanto tamanho e arquitetura. Muitas dessas moradias são feitas de alvenarias, ou são choupanas cobertas com as palhas da palmeira de babaçu; outras, de alvenaria em processo de acabamento ou já finalizadas. A maior parte dessas habitações demonstram, de forma evidente através da diversidade de suas aparências, as condições socioeconômicas da maior parte dessas famílias, bem como da infraestrutura ainda muito precária do povoado com ruas ainda empíarradas, como se pode ver na imagem seguinte.

²⁶O deslocamento da população vinda dos estados do Piauí e Ceará fora favorecido principalmente pelos serviços de pavimentação das estradas que ligavam a cidade de Timom-MA, que faz fronteiras com a cidade de Teresina-PI à Belém-Brasília (LOPES, 1998).

Figura 4 – Moradias da rua principal do povoado de Coquelândia, ainda empicarradas.



Fonte: Registro da Pesquisadora. Abr. 2014

Sobre a história do surgimento do povoado, segundo relatos das quebradeiras de coco, o povoado de Coquelândia, antes de receber esse título, era conhecido por “coco redondo”, esse nome foi dado pela própria população local por motivo do coco babaçu da região apresentar um aspecto diferenciado dos demais cocos das regiões mais próximas; sendo esses, maiores e mais arredondados.

Para tanto, vale destacar que a imagem do povoado de Coquelândia é, ainda, uma representação viva da abundante diversidade ambiental. Suas terras transitam entre a floresta amazônica e o cerrado, o que gera grande expansão das atividades agrícolas e pecuária, além da forte extração extrativista nas áreas detentoras da grande presença das palmeiras de coco babaçu, conforme figura a seguir.

Figura 5 - Paisagem geográfica do povoado de Coquelândia marcada pela floresta amazônica e o cerrado e com forte presença das palmeiras de babaçu.



Fonte: Registro da Pesquisadora. Jun.2015

Nos relatos dos moradores do povoado de Coquelândia, fica visível que a extensão geográfica que compõe o território desse povoado, já era conhecida por camponeses que residiam em outros municípios, que procuraram essas terras para fazerem pequenas roças, por serem, segundo eles, terras férteis e, principalmente, por estarem disponíveis.

As notícias da grande fertilidade nas terras maranhenses, principalmente na região que compõe o território do município de Imperatriz, e os diversos problemas ocasionados pela grilagem de terra em todo o estado do Maranhão e em estados vizinhos incentivaram várias famílias a se deslocarem, em um curto espaço de tempo, para essa região, fazendo dela um dos grandes aglomerados populacionais (SANTOS, R., 2007).

Sobre a fertilidade das terras do povoado de Coquelândia, uma das quebradeiras de coco, em seu depoimento, fez a seguinte descrição:

Meu pai e minha mãe quando chegaram aqui de Pernambuco, chegaram com seis filhos pequenos; meu pai não tinha como trabalhar mais fazendo roça porque os fazendeiros de lá estavam expulsando todo mundo das suas terras, e aqui tinha muita terra boa pra plantar. E foi assim que vivemos toda nossa vida, meu pai trabalhando na roça e minha mãe quebrando coco (J.T.S. 65 anos).

O depoimento dessa moradora, que também é quebradeira de coco babaçu, ao falar da chegada de sua família ao povoado de Coquelândia, permite-nos deduzir que, as terras que compõem o município de Imperatriz, foram terras povoadas por homens e mulheres dos mais diferentes lugares do território brasileiro em busca de garantir melhores condições de vida para suas famílias por intermédio, principalmente, da agricultura de subsistência e da atividade extrativista.

O trabalho na roça na região do povoado segundo Santos (2009), sempre contou com a participação de todos os membros da família, sendo necessária a presença das mulheres, filhos, filhas ou adultos, pois cada um desempenhava um papel nas atividades agrícolas, que iam desde capinar, derrubar, queimar, até o plantio nas áreas para o cultivo.

A função dos mais velhos era acompanhar o pai nos trabalhos mais exaustivos da roça; no caso das crianças, auxiliar a mãe em tarefas simples como levar a comida à roça, ajudar na limpeza do barraco, dentre outras tarefas domésticas; as filhas, independentemente da idade, via de regra, sempre acompanhavam a mãe nas tarefas domésticas ou na própria colheita, pois essa atividade acaba mobilizando toda a família, por se tratar de um trabalho relativamente leve. Além disso, terminar o corte do arroz, a colheita do feijão, a quebra do milho e a colheita de uma série de frutos e legumes significava estar em casa mais cedo com o conforto da abundância para o ano inteiro (SANTOS, R., 2009, p. 58).

Mesmo com a presença dos homens no desenvolvimento das atividades de plantação no modelo das pequenas roças, as mulheres e crianças também realizavam essas atividades para garantir o sustento de toda a família; no entanto, as representações dos trabalhos extrativistas, apresentavam-se de forma que somente as mulheres desenvolviam a coleta e quebra do coco babaçu.

Assim, as densas florestas de babaçuais possibilitaram às mulheres, a extração das amêndoas da região, representando, economicamente, a melhoria da renda familiar; ou seja, a extração das amêndoas e o comércio escoado pela estrada do arroz tornaram-se a principal atividade de sustento de um número significativo de famílias.

É importante abordarmos que o acesso do município de Imperatriz às terras que hoje recebe o nome de Povoado Coquelândia recebeu o nome de Estrada do

Arroz. Essa denominação se deu pela grande quantidade de arroz plantada às margens da via, mas este não foi o único gênero alimentício a circular por esse trajeto. A estrada do arroz representou para as famílias que moravam nessas mediações uma grande conquista, pois facilitava o acesso destes à cidade de Imperatriz para a compra de utensílios e outros produtos de necessidades, bem como, comercializar seus produtos fruto da pequena agricultura e da extração.

O comércio ampliou-se consideravelmente o fluxo de pessoas e as mercadorias se intensificou de modo sensível, os subprodutos do coco babaçu, arroz, milho e feijão rapidamente podem ser vendidos na cidade com o intuito de adquirir os produtos industrializados como a máquina de plantar arroz e o machado para quebrar o babaçu, dentre outros equipamentos ou produtos necessários. (SANTOS, R., 2009, p. 54).

Segundo relatos da quebradeira de coco em conversas informais sobre a importância da estrada do arroz, elas afirmaram que a estrada melhorou muito a vida de todos os moradores do povoado de Coquelândia; todavia um depoimento nos chamou a atenção:

A estrada do arroz melhorou nossas vidas porque as coisas eram muito difícil quando não tinha estrada. Os moradores pra chegar na cidade tinha que ir de animal, e quando era período de chuva levava muitos dias para se chegar na cidade. A estrada foi um sonho, porque para os pais levarem os filhos pequenos para a cidade, quando estavam doentes era muito complicado. A estrada também melhorou a venda dos produtos dos moradores daqui (T.J.C.P. 59 anos).

Nota-se, na fala, que a construção da Estrada do Arroz tem uma significação que merece ser melhor compreendida, já que a estrada não é vista somente para a realização da compra e venda de mercadorias, mas principalmente como a realização de um sonho, pois o sofrimento que marcava a história dessas viagens, está atrelada a falta de oportunidade em não proporcionar também aos filhos o mínimo do direito à assistência médica, direito de fundamental importância para a garantia da qualidade de vida de seus filhos.

A construção da estrada do arroz também provocou transformações negativas para essa comunidade, pois se antes as terras eram tidas como livres, passaram a ser compradas por fazendeiros, dando início o cercamento²⁷; uma característica

²⁷ O cercamento das terras é feito com arames farpados, o que serve para delimitar as áreas das fazendas, além de impedir que os gados se desloquem além dos limites das fazendas, bem como impedir que as mulheres quebradeiras de coco adentrem nessas áreas para a extração do coco babaçu.

vivida em todo o estado do Maranhão, o que provocou a derrubada das palmeiras na região com a finalidade de substituir pelo plantio do capim com a função de atender às necessidades de grandes investimentos como a pecuária, e para impedir a entrada das quebradeiras de coco babaçu nesses espaços.

Essa realidade apresentou um novo contexto para as quebradeiras de coco babaçu, que necessitavam, constantemente, passar entre os arames, que servem para delimitar as áreas adquiridas por fazendeiros; diferenciando um presente sem terra de um passado que um dia já foi bem mais favorável e tranquilo (SANTOS, R., 2008).

A realidade descrita por Santos é melhor percebida por meio das observações realizadas pela pesquisadora, em visitas ao povoado, as quais revelam as áreas dos babaçuais cercadas por troncos de madeiras e arames farpados, dificultando ou mesmo impedindo a entrada dessas mulheres nas áreas com presença de palmeiras de babaçu. Figura a seguir revela a presença das cercas e arames nas terras com presença de babaçuais.

Figura 6 – Fazenda particular às margens da Estrada do Arroz, com presença das palmeiras de babaçu e das cercas de arames.



Fonte: Registro da pesquisadora em visita ao povoado de Coquelândia. Abr. 2014

Outra importante forma de avaliarmos o significado das cercas e arames farpados para as quebradeiras de coco, pode ser observado em um desabafo feito por uma dessas mulheres, em mais um dos muitos dias de intensa rotina de trabalho, quando ao lado de suas parceiras de quebra do coco, como elas próprias se denominam, disse:

Depois que essas terras passaram a ter donos, nossa vida passou a ser mais difícil, porque os fazendeiros colocam essas cercas com espaços tão pequenos que quando a gente vai passar por ela, a gente sai toda rasgada do arame, ou então sai com a roupa toda rasgada. Poucos fazendeiros negociam com a gente, e em algumas vezes eles até deixam nós entrar por um tempo, mas depois mudam de ideia e não querem nem saber da gente entrar. Esses fazendeiros não respeitam a lei do babaçu livre, por isso que temos que lutar e fazer eles entenderem que o coco é das quebradeiras de coco (J.T.S., 65 anos).

Em virtude do que foi verbalizado por essa quebradeira de coco babaçu, notamos que o cotidiano exemplificado é caracterizado por uma vida em que a liberdade, a falta de políticas públicas e leis protetivas, a falta de um trabalho com respeito e dignidade, é, de fato, um campo ainda muito evidente para a luta dessas mulheres dentro dos movimentos.

Para TOURAINE (2006, p.17), “os movimentos sociais estão ligados a um tipo de sociedade que deixamos para trás”; ou seja, os grupos que se encontram marginalizados por um determinado grupo ou sociedade, buscam através dos movimentos encontrarem os mecanismos necessários para superarem e enfrentarem suas dificuldades na busca da garantia de uma vida mais justa e humana.

Em relação aos limites territoriais, é importante frisarmos que no povoado de Coquelândia, uma nova realidade social e geográfica surgiu com os novos avanços econômicos e tecnológicos na região, a começar com a paisagem local que exibía anteriormente, uma mata fechada de babaçuais; contudo, na atualidade, essas grandes extensões de terra têm servido quase que exclusivamente para o plantio de capim no intento de atender o agropecuário regional, ou, principalmente, são tomadas pelas vastas plantações de eucalipto com a finalidade de atender às demandas de empresas de celulose.

A realidade social passa, a partir do modelo econômico do capitalismo, a metamorfosear a vida dos moradores do povoado de Coquelândia, no que se refere aos novos tipos de possibilidade de trabalho, tirando as famílias do modelo de trabalho do campo e agroextrativista para atender às demandas do modelo de economia do capitalismo local. Para Silva (2012, p. 12), “o capitalismo transformou as pessoas e a natureza em fatores de produção, em recurso, humanos e naturais – que, juntamente com algum capital, utilizam e investem para gerar seus lucros e riquezas”.

Com base nessa realidade, nos últimos 10 anos, as florestas nessa região têm apresentado uma queda vertiginosa no quantitativo de palmeiras de babaçu, que ainda resistem diante do modelo de investimentos propostos para a região, graças à luta permanente das mulheres quebradeiras de coco; o que intensifica, cada vez mais, os proprietários de terras a criarem mecanismos com o objetivo de impedir que entrem nessas terras para realizar a coleta do coco babaçu.

Esta realidade foi facilmente percebida, nas visitas *in loco* ao povoado de Coquelândia, quando tivemos a preocupação de observar de forma mais atenta o cenário geográfico que determina esse povoado, comprovando assim, que as palmeiras de babaçu têm sido reduzidas em decorrência dos investimentos que a região têm recebido no campo da agricultura e pecuária, bem como com as grandes plantações de eucalipto, pois em algumas áreas quase não percebemos palmeiras de babaçu; enquanto isso nos deparamos com plantações fechadas do eucalipto.

A declaração de uma quebradeira de coco em um dos muitos momentos de quebra de coco no mato merece destaque pela clareza dos detalhes citados, o que nos permite compreender os graves problemas que assolam o universo das mulheres que dependem do coco babaçu para seu sustento e o de sua família “*Aqui nessa região tinha muito palmeira de babaçu, hoje a gente vê pouca, esses anos todos os donos de terra vêm destruindo, bota fogo, mata a pindova, e nós vamos ficando sem lugar pra pegar e quebrar o coco*” (E.C.C., 52 anos).

A maneira como a quebradeira de coco tratou de exemplificar a história de destruição das palmeiras de babaçu, é uma forma de demonstrar sua tristeza e indignação diante das tristes comprovações que ela também tem feito, ao longo de

anos, em relação às mudanças que as matas de babaçuais vêm sofrendo; provocados pelos grandes investimentos feitos na região para o agronegócio e da monocultura do eucalipto, que reflete diretamente no cotidiano de suas famílias.

Atrelados ao cenário exposto, novos problemas foram se apresentando às mulheres quebradeiras de coco, ao longo de décadas, principalmente a partir da década de 1990, quando foi feita a implantação em Imperatriz da primeira empresa de base florestal para incentivar o plantio de eucaliptos e, ainda, a criação do parque siderúrgico²⁸ no município de Açailândia. Pestana (2013, p. 34) reafirma os grandes investimentos na região quando cita que o cultivo do eucalipto serve como “regime de manejo para reflorestamento e cuja lenha extraída é utilizada pelas siderúrgicas como fonte energética de alimentação aos fornos no PSA²⁹”.

Esse setor realiza a transformação de ferro gusa, que estimulou em grande escala a compra do carvão vegetal para o derretimento de ferro, o que favoreceu a compra de vastas extensões de terras pela empresa para a plantação de eucalipto; bem como favoreceu a exploração pelos fazendeiros da região para a fabricação de carvão feito do coco babaçu dentro de suas terras.

Outro grande problema, de relevância ainda maior é o incremento no setor de base florestal, com o aporte de investimento na ordem de mais de R\$ 4,6 bilhões para a produção de pasta de celulose, para a exportação para os mercados norte-americanos e mercado europeu, na ordem de 1,5 toneladas ao ano (FIEMA, 2014, texto digital).

²⁸ O parque siderúrgico está localizado no bairro Pequiá no município de Açailândia-MA, a 67 km de Imperatriz, sendo formada por cinco usinas para a produção do ferro gusa que é transformada com base no minério de ferro extraído da Serra de Carajás-PA, além de servir de estação de peneiramento de minério de ferro para a produção de pó fino aplicado em construções de concreto de grande porte (PESTANA, 2013).

²⁹ Parque Siderúrgico Açailandense (PSA).

Figura 7 – Realização do transporte do eucalipto realizado por uma empresa de celulose dentro do povoado de Coquelândia no município de Imperatriz/MA.



Fonte: Registro da pesquisadora em visita ao povoado de Coquelândia. Abr. 2014

Diante de tal contexto, é cotidiano um número significativo de carretas carregadas de eucalipto passarem todos os dias nos povoados ao longo da Estrada do Arroz. Sobre essa condição é relevante destacar o depoimento de R.N.B.O., que relatou:

É muito triste ver esses carros carregados de madeira. Nossa tristeza acontece porque sabemos que para essas carretas está carregadas de madeiras temos a certeza que nossos babaçuais estão sendo destruídos. Além disso, a vida de todo mundo mudou aqui no povoado, muitas crianças adoecem com a poeira que esses carros deixam quando passam carregados de madeiras, muita gente já morreu. É muito triste essa realidade que temos hoje (R.N.B.O., 62 anos).

O depoimento de R.N.B.O., demonstra seu grau de consciência quanto às transformações por que têm passado o povoado a partir dos investimentos feitos na região, com o incentivo da implantação de indústrias de celulose; assim como as consequências que essas indústrias têm trazido para a população dos respectivos povoados atingidos pela plantação de eucalipto e pela presença constante de carros de grande porte para a realização do transporte da madeira para a empresa de celulose.

As palavras dessa moradora e também quebradeira de coco do povoado de Coquelândia representa o sentimento de dezenas de outras mulheres que veem suas vidas sendo transformadas por um formato político-econômico que em nada tem possibilitado melhores condições de vida para suas famílias.

É nesse panorama histórico, econômico, social e cultural de luta por terras, pela garantia da sobrevivência, e pelo direito de continuarem exercendo um papel vivido ao longo de décadas, enquanto quebradeiras de coco, que essas mulheres intensificaram suas lutas nos movimentos sociais.

Os movimentos sociais aparecem nesse cenário como porta voz de um grupo de pessoas que se encontram em uma mesma situação, seja ela, econômica, social, política ou cultural. Assim, os movimentos, se confirmam como forma de objetivar a mudança, a transição ou até mesmo a revolução de uma determinada realidade hostil (TOURAINÉ, 1989).

Em vista disso, a luta pela garantia do seu espaço de trabalho frente aos vários problemas, em detrimento da utilidade econômica, e pela incomplacência dos grandes detentores de terras que integram a malha babaçueira, tornam a atividade da extração do coco babaçu cada vez mais escassa.

Porém, destacamos que a luta pela preservação das palmeiras do coco babaçu, pelo direito ao acesso livre à terra, pela garantia da identidade de ser quebradeira de coco com direito a ser ouvida e ser respeitada, bem como por uma melhor qualidade de vida, têm instigado as mulheres quebradeiras de coco, não só de Coquelândia, mas de todos os povoados de Imperatriz e dos demais municípios do estado, a se fazerem cada vez mais presente nos movimentos sociais. Hoje o MIQCB tem um quantitativo de mais de 500mulheres associadas em todo o estado.

Assim, os movimentos despontam como os mais eloquentes indicadores para a análise do funcionamento da sociedade, pois traduzem o persistente movimento das forças sociais, possibilitando identificar as tensões entre os diferentes grupos de interesses, bem como manifestando as veias abertas das complexas estruturas de funcionamento.

4.6 Os caminhos e o movimento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia.

Para falar do valor e da importância que o MIQCB tem para as mulheres militantes desse movimento, evidenciamos o cotidiano das atividades que são desenvolvidas no interior dessa movimentação coletiva, com o intuito de fortalecer suas políticas de lutas e de busca por mais direitos e oportunidades de uma vida com maior dignidade e justiça social. Azevedo (2010, p. 215) afirma que os movimentos sociais “são tentativas coletivas e organizadas que têm a finalidade de buscar determinadas mudanças ou até mesmo estipular a possibilidade de construção de uma nova ordem social”.

Assim, os fortalecimentos dos indivíduos dentro dos movimentos sociais não são um ente unitário, mas um conjunto de grupos que se articulam entre si negociando ideias, representações, pautas e interesses, que em sua dinâmica interna, processam-se e resultam em um correspondente de autonomia individual e coletiva para os sujeitos envolvidos. Nesse sentido, os movimentos sociais, segundo Gohn (2012, p. 45), “apresentam experiências, aprendizagens criadas e recriadas, lógicas construídas na práxis das necessidades de sobrevivência”.

As mulheres quebradeiras de coco do MIQCB da regional de Imperatriz e, especificamente, do povoado de Coquelândia têm rotinas constantes de reuniões e encontros em várias cidades do Maranhão e cidades vizinhas. As reuniões internas realizadas têm motivações distintas, que vão desde o planejamento de suas ações referentes às visitas às comunidades, reuniões com as lideranças dos núcleos do MIQCB, para planejar as viagens dos encontros regionais e das ações que cada mulher deve desempenhar nas comunidades, até a movimentação política de que necessitam travar nos órgãos públicos e forças políticas em busca de parcerias que possam apoiar suas lutas, com o objetivo de possibilitar oportunidades e acesso aos mais diferentes espaços sociais; bem como buscar parcerias com as mais distintas instituições particulares.

É de fundamental importância para o grupo as reuniões mensais, haja vista a necessidade de planejamento interno da direção regional do MIQCB de Imperatriz, funções essas desempenhadas por mulheres do povoado de Coquelândia e mais

três outros povoados do município. As reuniões acontecem, em sua grande maioria, na própria sede do MIQCB, localizado no município de Imperatriz, na rua Projetada nº 5, bairro bacuri, pois é o lugar, segundo as dirigentes, que se torna mais centralizado para que as mulheres que também fazem parte do movimento possam se deslocar de seus povoados para participar dessas reuniões.

A sede do MIQCB é uma casa alugada, que funciona como escritório regional e, ao mesmo tempo, como casa de apoio para as lideranças, quando se deslocam de seus povoados para se reunirem enquanto direção, com o fim de fazerem suas reuniões, planejarem suas atividades e estratégias de intervenção junto às comunidades.

A reunião é sempre acompanhada da assessoria³⁰ e também quebradeira de coco babaçu contratada pelo movimento com o objetivo de desempenhar atividades cotidianas no escritório do MIQCB; bem como acompanhar as orientações que chegam da direção geral, com sede na capital São Luís/MA, além de passar os relatórios das atividades que estão sendo realizadas pelas comunidades jurisdicionadas à sua regional, a fim de que todas as regionais estejam se comunicando e passando os relatórios de suas atividades.

O interesse maior dessas reuniões, segundo afirma E.C.C., é fortalecer o núcleo existente de quebradeiras de coco babaçu nos povoados e municípios que compõem a regional de Imperatriz, já que, segundo ela, a proibição do acesso à terra e, conseqüentemente, aos babaçuais, tem sido algo muito constante nos povoados e, mais ainda, no povoado de Coquelândia, por conta da instalação da empresa de celulose, que vem destruindo muitas palmeiras de babaçu para o plantio de eucalipto.

As reuniões ainda, segundo E.C.C., servem para que possam ser construídos momentos de incentivo, tanto para que as quebradeiras de coco não desanimem e

³⁰A assessora da regional do MIQCB de Imperatriz R.S.G.(30 anos), é filha de uma das fundadoras do movimento de quebradeiras de coco do Maranhão, se considera quebradeira de coco, no entanto, nesses últimos quatro anos têm trabalhado na assessoria do movimento, desempenhando importante papel na organização do MIQCB da Regional de Imperatriz. Destaca-se que todas as regionais do movimento das quebradeiras de coco contam com a presença de assessoria.

nem renunciem o trabalho de catar e quebrar o coco, como para incentivarem novas mulheres a participarem do MIQCB.

O trabalho construído paulatinamente por essas lideranças, procura sempre evidenciar, ouvir e discutir os problemas locais vivenciados nas comunidades, tendo como realidade as suas especificidades e, principalmente, a discussão coletiva de como os sujeitos vivenciam as mesmas realidades. Isso vem reafirmar o pensamento defendido por Silva, Arante e Ferreira (2012, p. 81), que defendem que para a construção coesa de um movimento “é necessário ter argumentos firmes, construídos coletivamente”.

Ainda sobre a relevância das reuniões realizadas nas comunidades, denominadas pelas quebradeiras de coco babaçu de “encontrinhos”, destacamos o posicionamento da R.S.G., sobre a importância do momento das reuniões para o grupo de mulheres:

O momento das reuniões é muito importante para que essas mulheres possam permanecer unidas, são nesses momentos que elas recebem as informações das ações que estão sendo realizadas pelo MIQCB e das parcerias que estão sendo firmadas, com a finalidade de melhorar as fontes de renda delas. É nas reuniões que elas definem as oficinas que querem ter, os cursos, as reuniões servem para muita coisa importante para o grupo (R.S.G., 30 anos).

As percepções das mulheres quebradeiras de coco babaçu que participam do MIQCB, em relação aos momentos de suas reuniões, têm significados distintos, pois é através deles que elas se fortalecem enquanto grupo coletivo, planejam-se, organizam-se, bem como buscam parcerias que representem, nas perspectivas delas, apoio importantes para suas lutas, além de identificarem, nesse cenário, um momento formidável para que discutam as alternativas de melhorias de vida para a comunidade. Agindo dessa forma, as quebradeiras de coco de Coquelândia confirmam as palavras de Silva, Arante e Ferreira (2012): Planejar, nos movimentos sociais, é mais que fazer coisas de forma organizada, mas acima de tudo é criar possibilidades de fazer coisas que representem um espaço participativo e democrático da sociedade vigente.

Esse pensamento de planejar, de pensar com antecedência e de definir ações são presentes no movimento das mulheres quebradeiras de coco. Essa percepção é

confirmada na fala de uma quebradeira de coco, que também faz parte da direção do MIQCB da regional de Imperatriz, quando em conversa no momento em que planejavam suas ações pontuou que *“os encontrinhos são sempre marcados com antecedência em cada comunidade, porque é a partir da presença de lideranças locais que são feitas as movimentações necessárias para a mobilização das mulheres”* (R.N.B.O., 62 anos).

Desse modo, as reuniões ocorrem sempre com a presença do maior número de quebradeiras de coco babaçu, o que é de grande relevância para o movimento, haja vista que a participação dos diferentes sujeitos motivados por interesses comuns leva a uma atitude de cooperação, integração e comprometimento com as decisões (PATENA, 1992).

No povoado de Coquelândia presenciamos quatro importantes reuniões do movimento das mulheres quebradeiras de coco babaçu. Foram reuniões que contaram com a participação das mulheres integrantes do movimento, como também com as que simpatizam com a luta travada pelas mulheres que compõe o MIQCB.

A identificação dessas mulheres foi possível, porque é um comportamento do próprio grupo identificar, nas reuniões, a presença de mulheres que ainda não se manifestaram em apoio ao movimento, conscientizando-as de que a presença de cada uma no movimento é marcante, para que a luta das quebradeiras de coco se torne cada vez mais forte.

Estar associada ao MIQCB é extremamente importante para essas mulheres; pois, na medida em que essas quebradeiras se identificam com o movimento, *“essas mulheres passam a ficar mais conscientes de seus direitos, deixam de manter acordos com empresas que são causadoras dos maiores prejuízos para os babaçuais, e fortalece o movimento”*, afirma T.J.C.P.(59 anos).

O pensamento de T.J.C.P., reflete o olhar abrangente que ela possui para o papel do movimento social, enquanto contexto que possibilita melhor grau de consciência para os sujeitos envolvidos, capazes de adquirirem através das muitas possibilidades de aquisição de novos saberes, os conhecimentos e autonomia necessárias para avaliar as melhores condições de luta dentro de sua realidade.

A consciência evidenciada pelas mulheres, por meio da forma de buscar o reconhecimento e conquistar direitos, reflete o significado dos saberes alcançados, através da presença e da participação no movimento de quebradeiras, que permite que estas se tornem mais donas de si, dos seus pensamentos e, conseqüentemente de suas vidas.

Destacamos também que as reuniões organizadas pelas mulheres em movimento, nem sempre são marcadas por tranquilidade; algumas dessas reuniões são caminhos para fortes embates, haja vista que as divergências no grupo não caracterizam a falta de união dessas mulheres, mas que existem ideias e valores distintos em todos os espaços sociais, tendo em conta que “os movimentos sociais surgem dessas relações de conflito” (GOHN, 2008, p. 49).

Os temas discutidos em cada uma das reuniões que ocorreram nas comunidades com as quebradeiras de coco foram os mais diversos. A primeira dela tratou de discutir os caminhos para a compra de uma nova forrageira pelo grupo, já que a aquisição dessa nova máquina representaria para essas mulheres o meio para aumentar a produção de azeite e, conseqüentemente, complementar sua renda.

Figura 8: Primeira reunião das lideranças das quebradeiras de coco no povoado de Coquelândia para discutir a importância da participação delas no MIQCB.



Fonte: Registro da pesquisadora em visita ao povoado de Coquelândia. Abr. 2014

Outra importante questão discutida em uma dessas reuniões foi a cobrança feita pelas lideranças do movimento dentro do povoado sobre a necessidade de evidenciar para a sociedade a existência do movimento. Em função disso ficou decidido que quando houvesse convites de pessoas, ou instituições para que estivessem presentes em algum evento, pudessem, de fato, participar dessas atividades fora da comunidade, e que todas assumissem esse compromisso, pois para J.T.S. (65 anos), “o que não é visto, também não é lembrado”.

A terceira reunião serviu para que pudessem avaliar as consequências da presença da empresa de papel e celulose para a comunidade e, em especial para as mulheres quebradeiras de coco. A reunião foi marcada por divergências de ideias, alimentada pelo fato de que as dirigentes do MIQCB não aceitam que nas reuniões marcadas por empresas que utilizam o coco babaçu como matéria-prima, ou as empresas que derrubam as palmeiras de babaçu para o plantio de eucalipto, haja, sob nenhuma condição, mulheres que participem do movimento das quebradeiras de coco. Por isso, E.C.C. (52 anos), foi bastante contundente quando afirmou que “*a empresa só quer mostrar que está fazendo alguma coisa por nós, mas isso não é verdade não, nós estamos é sendo atingidas pelas plantações do eucalipto, e eles é que ganham com isso*”.

Para as quebradeiras de coco que fazem parte do movimento, não existem interesses positivos nessa aproximação, pois nas suas concepções, aceitar qualquer tipo de ajuda dessas empresas é também se submeter e aceitar que as empresas continuem expulsando os pequenos agricultores de suas terras, acabando com o extrativismo, e explorando a mão de obra dos jovens das comunidades com horas exaustivas de trabalho e salários miseráveis.

E.C.C. (52 anos), afirmou, ainda, durante a reunião, que o MIQCB só vai agir onde não tiver mulher trabalhando ou recebendo ajuda dessa empresa de papel e celulose ou de qualquer outra empresa que destrói os babaçuais. Atestou ainda que “*se aceitarmos a ajuda, o movimento das quebradeiras de coco vai ficar cada dia mais fraco*”.

Esse posicionamento de E.C.C., nos remete as ideias de institucionalização de poder teorizadas por Bourdieu (1998), quando ele defende que os homens têm

se organizado de uma maneira que têm deixado de obedecer o outro homem, dando espaço para uma obediência institucionalizadora, que é, no cenário apresentado, o próprio MIQCB; tendo em vista que é defendido pelas lideranças do movimento, que nenhuma quebradeira de coco que defende o movimento pode manter qualquer tipo de relação de aproximação com empresas ou instituições que provocam a destruição dos babaçuais ou que contribuam negativamente para a luta das mulheres extrativistas na luta por terra e direitos.

A fala da quebradeira de coco reflete o grau de compreensão existente em sua militância dentro do movimento, pois a compreensão que ela evidencia em sua fala, é a de que o MIQCB só tem força, e só pode agir de forma positiva na vida das quebradeiras de coco, se estas estiverem desvinculadas de quaisquer tipos de realidades que desmatem, ou utilizem o coco babaçu como matéria-prima para produção.

Outro ponto que merece destaque, é a compreensão demonstrada no posicionamento de R.N.B.O., quando coloca que o vínculo que as mulheres quebradeiras de coco, localizadas dentro das comunidades podem vir a criar em determinadas circunstâncias com diferentes empresas que exploram e possam enfraquecer o MIQCB, não é benéfico para o movimento.

A quarta reunião teve como finalidade fazer uma avaliação das ações desenvolvidas pelo MIQCB durante o ano de 2014 e, também, passar alguns informes. A reunião contou com momentos de descontração, com conversas, sorrisos e com um simples lanche organizado pelas lideranças do movimento.

Outro interessante momento, que precisa ser revelado, para que tenhamos a compreensão da grande contribuição que o movimento das quebradeiras de coco tem para a vida de todas as mulheres que participam dele; foi a mobilização feita pelo MIQCB, para que a comunidade pudesse fazer a escolha de suas representantes dentro da comunidade, com o intuito de que pudessem participar do VII Encontro das quebradeiras de coco babaçu, a ser realizado na capital São Luís.

O VII Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu teve como tema “Quebradeiras de Coco Babaçu Cultura Viva nos Territórios Tradicionais” foi

realizado nos dias 23 a 25 de setembro, no Centro de Estudo Sindical Rural (CESIR), na capital São Luís/MA, com a participação de quase 200 quebradeiras de coco, conforme R.S.G., assessora do MIQCB.

Desse modo, foi observando a movimentação das mulheres quebradeiras de coco durante todo o VII Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu, que tivemos a oportunidade de perceber a riqueza do universo dessas mulheres em seus espaços de debate, estudo e socialização. Dessa maneira, os movimentos apontam para um ambiente que, segundo Gohn (2013, p. 40), “mobilizam ideias e valores e gera saberes e aprendizados coletivos”.

O VII Encontro foi marcado por três dias de intensas atividades, com mesas-redondas, palestras e oficinas. As atividades desenvolvidas foram, de acordo com seus respectivos dias, as seguintes:

Toda a programação foi acompanhada de muita atenção pelas quebradeiras de coco, que após cada uma das mesas, fizeram intervenções significativas, demonstrando, claramente, o grau de compreensão adquirido durante os assuntos debatidos em cada uma das discussões realizadas, bem como as palestras executadas em todos os dias de encontro.

Observamos que as intervenções das quebradeiras de coco foram marcadas por convicções incisivas; principalmente quando elas não concordavam com algo que foi dito, ou que gostariam que os contextos abordados durante as pautas de discussões fossem mais pertinentes.

Para melhor compreender esse contexto evidenciamos a palestra da Delegada da Delegacia da Mulher de São Luís, que trabalhou a contextualização histórica do papel da mulher brasileira, desde o período colonial até os dias de hoje; buscou também evidenciar o formato machista das mulheres na hora de educar seus filhos; bem como destacou o posicionamento das mulheres em período de processo eleitoral³¹, afirmando que muitas mulheres ainda não acreditam na mulher

³¹ Informando que VII Encontro Interestadual das Quebradeiras de Coco Babaçu antecedeu o período das eleições para presidente e para governo dos estados brasileiros no ano de 2014.

na política, e que, por isso mesmo, não costumam votar em candidatas do sexo feminino.

Os momentos que se seguiram após a finalização da palestrante foram de extrema relevância para compreendermos o grau de entendimento que as mulheres durante a plenária tiveram a respeito do tema abordado. Destacamos, assim, uma importante consideração feita:

Bom dia Dona Delegada. Não tenho medo de ser presa não, por isso, vou falar. Esse bláblá de mulher como foi vista na história já estamos cansadas de saber, queremos saber é porque uma mulher é violentada, os cabras são presos de manhã, e os nossos políticos vagabundos põe dinheiro nas mãos do delegado; o delegado recebe e solta o pião, o pião depois mata a mulher e mata quem denunciou, e essa é a revolta da gente. Então gente, nós temos que saber quem são os políticos que nós pode contar, e começa com o vereador de sua cidade. Eu moro em uma cidade de 10 mil famílias, gente, todo mundo sabe se um vereador ou prefeito tem vergonha ou não tem, e aí como é que nós vamos votar num sujeito irresponsável. Tem homem que bate na mulher, a polícia prende, e o vereador foi lá e comprou o delegado e soltou o cabra, e ele chega em casa, mata a mulher e em quem denunciou ele. Que país é esse que nós vevi (sic), gente, pois nós temo que saber em quem votar, e o nosso Brasil se tivesse sendo governado por Dilma e por um governo de vergonha, nós tinham um Brasil melhor, mas o que está acontecendo é que a gente bota Dilma e bota em um bocado de safado pra ficar buzinando e não deixa ela trabalhar, isso é o que acontece. E eu quero dizer aqui pra cada companheiro e companheira, nós tem que botar é gente nossa lá, se a gente botar uma mulher, pois que a gente botasse outra mulher pra nos defender. Já chega de corrupção e ladrão, porque estão acabando com a saúde, não tem escola, não tem nada, então gente, quem eleger os políticos somos nós, e nós somos culpados dessa mal administração desgraçada, nós até que enfim Deus botou um ponto final nessa história, porque eu tenho certeza que a Roseana não vai governar o Brasil, porque Deus não vai deixar. Chega de corrupção, tem muita gente morrendo de fome, com falta de tudo por causa de um governo ordinário desse. E o povo tem que saber gente, vamos dar um basta nessa corja de Sarney que tem aí, vamos botar político de verdade, vamos votar Dilma e Flávio Dino, aí nós vamos acabar enquadrando esses bandidos corruptos na cadeia. Muito obrigado (E.C.C., 52 anos).

A fala de E.C.C. demonstra o grau de maturidade adquirido por essas mulheres durante o VII Encontro, o qual se apresenta para elas como o espaço de estudo, debate e socialização de ideias. A intervenção feita pela quebradeira de coco babaçu, deixa claro que o assunto abordado pela palestrante já era de seu conhecimento, e que seu posicionamento foi muito além do que foi abordado durante a palestra; suas reflexões foram profundas no sentido de fazer com que todos que estavam presentes pudessem refletir a realidade social, política e econômica da sociedade de forma abrangente.

Destacamos em suas falas reflexões interessantes que demonstram as percepções que elas possuem do mundo e das coisas, assim como dos conhecimentos já adquiridos nos espaços coletivos do movimento; reflete a fragilidade do universo jurídico no sentido de punir culpados e proteger inocentes, ou seja, são mulheres que ao se apropriarem desses espaços sociais buscam se autoafirmar na sociedade, bem como demonstrar o poder conquistado através da autônoma identificada em seus posicionamentos e nos comportamentos.

5 O MOVIMENTO SOCIAL COMO ESPAÇO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Os movimentos sociais se apresentam na sociedade do século XXI com perfil organizativo específico, com modelos próprios na tessitura social, além de emergir como impulsionadores para a construção de uma sociedade com índices menores de injustiças, desigualdades e discriminação.

Dessa maneira, a sociedade contemporânea se apresenta diante de um cenário cada vez mais diversificado, marcado pelas desigualdades sociais e exigindo das políticas educacionais e da sociedade mudanças profundas para combater a sociedade dos desiguais.

Os movimentos sociais se apresentam como possibilidades de espaços de conquistas de novas oportunidades para uma sociedade mais digna e justa, bem como de aparato para que os sujeitos envolvidos nesses espaços coletivos adquiram através das trocas de experiências e da responsabilidade compartilhada, os meios necessários para a construção de importantes e novos espaços de saberes.

Em virtude dos fatos mencionados, constatamos que as mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia pertencentes ao MIQCB não se limitam ao dinamismo das organizações populares, mas procuram buscar por intermédio das relações coletivas, por meio dos sujeitos organizados nos espaços abertos e fechados do movimento social, as condições necessárias para a aquisição de novos saberes, assumindo assim, um papel ativo no processo conhecimento.

5.1 O Movimento Social como espaços não-formais de aprendizagem

O processo de ensino e aprendizagem não ocorre no vazio, mas no transcorrer da vida humana por meio da educação que, segundo Gohn (2008), Ghanem e Trilla (2008), pode ser vivenciadas de três modos: formal, informal e não-formal. Logo, pode-se asseverar que a construção do conhecimento é verificada por meio das relações sociais entre os distintos sujeitos e no convívio entre esses atores nos espaços de aprendizagens (FREIRE, 1986).

A educação formal tem como objetivo transmitir um conhecimento sistematizado e o desenvolvimento de novas habilidades e competências, para isso requer local peculiar e tempo, além de requerer pessoas habilitadas e especializadas, organização curricular, disciplina, atividades estruturadas e formalizada por Leis. É a educação “com reconhecimento oficial, oferecida nas escolas em cursos com níveis, graus, programas, currículos e diplomas” (GASPAR, 1990, p. 171).

A educação informal é aquela adquirida em diferentes núcleos sociais durante o processo de socialização produzidas nas relações intra e extrafamiliares tais como: a família, o bairro, o clube, os amigos, a igreja. Nesse cenário, os educadores são os componentes da família em geral, os amigos da escola, da igreja, dos espaços de lazer e os meios de comunicação de massa. São conhecimentos adquiridos e embutidos de valores, regras e normas de uma determinada realidade cultural. É aquela que “não há lugar, horários ou currículos. Os conhecimentos são partilhados em meio a uma interação sociocultural [...]” (GASPAR, 1990, p. 173).

Para tanto, a educação não-formal se apropriando dia a dia da relação com diferentes sujeitos sociais, pela experimentação e em ambientes fora dos espaços escolares, em locais informais, onde há a presença de sistemas de intercâmbio e intencionalidade na participação, na ação, na aprendizagem, na transmissão e troca de saberes. Assim, a educação não-formal “conta com objetivos explícitos de aprendizagem ou formação”(TRILLA, 2008, p. 38).

A educação não formal ascende nesse íterim como mecanismos de inúmeras oportunidades de conhecimentos para os atores sociais, permitindo que

estes encontrem as ferramentas adequadas para uma (re)leitura da vida e do mundo. São os saberes adquiridos através das relações sociais, são àquelas “que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (GONH, 2013, p. 40).

Dessa maneira, a educação não-formal se apresenta no contexto das relações sociais, por meio dos novos modelos educacionais, compreendido por saberes construídos na interação com o outro, e nos mais diferentes espaços, vistos como espaços não-formais de aprendizagem.

A participação dos sujeitos sociais nos mais diversos espaços da vida humana tem sempre um formato educativo, isso é justificado pelo caráter pedagógico vivenciado através das aprendizagens, permitidas por meio das relações democráticas que contribuem diretamente nas relações sociais, possibilitando a politização dos indivíduos para a construção de uma sociedade mais cidadã. Para Gohn (2014, p. 36) “o saber é sempre resultado de uma construção histórica, realizada por sujeitos coletivos”.

Assim, o movimento social apresenta uma relevante característica, que é seu caráter educacional, isto é possível porque a aquisição do conhecimento, em uma perspectiva holística está associada a um projeto de transformação de sociedade, defendida como a chave para uma sociedade mais justa e igualitária.

Nessa perspectiva, a luta vivenciada dentro dos movimentos sociais tem uma dimensão pedagógica, tendo em vista que “a educação não se resume a educação escolar realizada na escola dita. Há aprendizagens e produção de saberes em outros espaços [...]” (GONH, 2011a, p 333), e esse caráter educativo confirmado pelas aprendizagens, desenvolve-se em virtude principalmente das novas configurações que se formam através das relações de diálogos, negociações e confrontos vividos no dia a dia das relações sociais.

As aprendizagens discutidas são abordadas como um processo de construção do saber, que surge e se delinea por meio das relações sociais, por meio de critérios bem definidos, utilizando-se de ações planejadas e com resultados

esperados. Para Gonh (2013), é cada vez mais correto afirmar que os novos saberes são identificados nos mais distintos espaços de convivência humana, que eles acontecem também fora das instituições escolares, e que esses saberes são extremamente importantes para o crescimento e desenvolvimento dos indivíduos enquanto cidadãos.

Nesse sentido, a aprendizagem surge em meio a um debate da sociedade do século XXI, que evidencia a necessidade de um novo (re)pensar, que é o de situar a aprendizagem em um plano de horizontes e perspectivas que insere em seus discursos a educação, a cultura e a formação dos indivíduos. Gadotti (2005, p. 3) afirma que “o espaço da aprendizagem é aqui, em qualquer lugar, o tempo de aprender é hoje e sempre”.

No mundo contemporâneo, as teorias do conhecimento estão cada vez mais centradas nas aprendizagens, porém é importante ressaltar que só aprendemos quando há um envolvimento profundo naquilo que aprendemos, e principalmente, quando o que estamos aprendendo tem um significado para nossas vidas. O conhecimento para Gadotti (2005, p. 4) “serve para adquirirmos as habilidades e as competências do mundo do trabalho; serve para tomar parte nas decisões da vida em geral, social, política, econômica”.

Idealizar os espaços de aprendizagens é pensar em ambientes que possibilitam os indivíduos a adquirirem conhecimentos que os permitam ter uma leitura de mundo com capacidade de preparar esses sujeitos para todo e qualquer espaço da vida em sociedade, capaz de desenvolver habilidades e competências que o permitam ser sujeitos mais autônomos, livres e independentes para tomar decisões e assumir compromisso com a vida em todos os ambientes, bem como de se tornarem mais ativos e participativos na sociedade.

Freire (1996, p. 77) defende “que toda prática educativa demanda de sujeitos, um, que ensinando aprende, outro, que aprendendo ensina”, assim a existência humana depende diretamente dessa relação, pois, com o outro ele aprende e, conseqüentemente, evolui.

A aprendizagem, nessa acepção, sobrevém com o outro na proporção que existe a troca das experiências, das impressões sobre o mundo e dos saberes adquiridos. O conhecimento adquiridos nesses espaços não formais de aprendizagem é, para Silva V. (2013, p. 112), àqueles que “não exigem uma certificação, os espaços e tempo não são rígidos e são definidos de acordo com os interesses e possibilidades do grupo [...]”.

Silva V. (2013) defende ainda que as aprendizagens adquiridas no interior dos movimentos sociais estão voltadas, em um primeiro contexto, para as aprendizagens dos direitos dos sujeitos enquanto cidadãos, já que ser um cidadão é pensar em um sujeito participante do contexto social, capaz de permitir reflexões e até conscientização dos envolvidos, bem como compreender com mais compromisso e responsabilidade os contextos de vida em sociedade que são frutos de seus interesses.

Ainda segundo Silva V. (2013), a segunda aprendizagem se refere à capacitação dos indivíduos para o mercado de trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e desenvolvimento de potencialidades. E o terceiro refere-se a aprendizagem e exercícios de prática que permitem capacitar os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários voltados para a solução de problemas coletivos. Assim, os saberes adquiridos nos movimentos sociais:

Colabora para o desenvolvimento da autoestima e do empowerment do grupo criando o que alguns analistas denominam o capital social de um grupo. Fundamenta-se no critério de solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo (SILVA, V., 2013, p. 114-115).

O empoderamento citado por Silva (2013) coaduna com o entendimento de Freire (1979), quando defende o empoderamento como algo que acontece na vida do indivíduo com a finalidade de melhorar sua autoafirmação e a experiência imprescindível, para que tenha as condições de alargar seus horizontes e perspectivas de vida e não conformar-se com a própria sorte.

As relações que são estabelecidas entre os indivíduos são, portanto, relações de poder³², e o poder aqui apresentado são exercidos das mais diversas formas e nos mais diversos espaços, sendo totalmente ligados à capacidade que o homem tem de agir com o objetivo de satisfazer interesses pessoais e coletivos dos grupos que participam. Nesse âmbito, o poder se constitui enquanto um fenômeno social que é definido tanto por instituições sociais, como pelas relações existentes entre os indivíduos.

Para Barqueiro (2012, p. 176), o empoderamento está relacionado à habilidade das pessoas de adquirirem conhecimento e controle sobre forças pessoais, com o objetivo de agir de melhorar sua qualidade de vida, além de aumentar a capacidade de se sentirem influentes nas relações que determinam suas vidas. A utilização crescente desse termo surge nesse cenário a partir dos movimentos emancipatórios relacionados ao exercício da cidadania.

Assim, o processo de empoderamento tem como finalidade intervir nos grandes desequilíbrios logrados por diferentes grupos socioeconômicos, buscando intervir direta e indiretamente nestes desequilíbrios e, ajudar a aumentar o poder daqueles sujeitos, enquanto grupo que estão privados de poder.

O poder aqui levantado é aquele defendido por Paulo Freire, que está relacionado ao aumento da conscientização e do desenvolvimento de uma faculdade crítica entre os sujeitos marginalizados excluídos. “É o poder relacionado ao poder fazer, e principalmente ao de ser capaz, bem como de sentir-se com mais capacidade e no controle das mais diferentes situações da vida” (OAKLEY e CLAYTON, 2003, p. 11).

Esse poder faz referência ao reconhecimento das capacidades assimiladas, com o intuito de adquirirem as condições necessárias para agir e desempenhar um papel ativo nas iniciativas de desenvolvimento e autonomia dos grupos. Desta maneira, o conhecimento é apresentado como aquele que “pode oferecer

³²O sentido do poder dado nesse contexto é o que está relacionado aos diversos recursos e meios que possibilitam o acúmulo de bens, e o aumento do poder e da autoridade adquiridas pelos indivíduos, mas principalmente o do poder simbólico, que será tratado aqui como o mais complexo, pois se apresenta como uma das características fundamentais da vida em sociedade, articulados diretamente através das interações presentes na comunicabilidade entre sujeitos e grupos.

legitimidade, e sua construção e disseminação são ferramentas poderosas”. (OAKLEY E CLAYTON, 2003, p. 11).

Nesse encadeamento, a busca pelas mais diferentes aprendizagens é perceptível no universo das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia localizado no município de Imperatriz, o qual por intermédio do fortalecimento do grupo enquanto movimento, têm levantando segundo seus relatos importantes bandeiras de luta, afirmando-se como sujeitos capazes de compartilhar experiências, exibir habilidades e competência, participar cada vez mais de espaços de discussões e tomadas de decisões, bem como, levar sua história, seu nome e sua identidade para além das fronteiras dos babaçuais.

Para tanto, é salutar salientar que as mulheres quebradeiras de coco babaçu dos estados do Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins emergiram-se no meio social como protagonistas importantes dessa luta pelo acesso a diferentes aprendizagens.

Essas mulheres, ao mesmo tempo em que lutam, pelo acesso aos babaçuais, buscam adicionar às suas ações processos de luta por mais direitos, saúde, educação de qualidade para seus filhos, leis protetivas para as mulheres vítimas de violência, respeito e reconhecimento por sua profissão, e conseqüentemente, garantir sua alfabetização política e sua dignidade.

Os movimentos sociais através da realidade das mulheres quebradeiras coco babaçu do Maranhão, bem como de forma mais evidente mulheres do povoado de Coquelândia, apresentam-se como forma de encadeamento, que permite que, nos espaços coletivos, esses sujeitos históricos e sociais se articulem para agir coletivamente em torno de objetivos concretos e propostas comuns.

Assim, os movimentos sociais erguem-se como elemento imprescindível na sociedade contemporânea, pois ocupa o papel de agentes construtores de uma nova ordem social, em que a imagem que têm sido construída não está relacionada a movimentos rebeldes ou desorganizados, mas como movimentos propositivos e organizados, movimentado pela busca de saberes e “que têm embutidos uma historicidade particular, que se expressa em suas práticas, na sua composição, em suas articulações e em suas demandas” (GONH, 2012, p. 109).

Desse modo, os processos de sucessivas mudanças em torno dos movimentos sociais revelam que estes passaram, ao longo da história, através das dinâmicas das ações humanas, a adquirir um olhar macro para as transformações em torno dos sujeitos e do meio, com o fim de construir caminhos diferenciados na busca de uma política emancipatória, objetivando reescrever a história de dominação e lutas e, principalmente, trazendo novos significados e respostas aos problemas vividos pelos sujeitos mais excluídos da sociedade.

Os movimentos sociais passam nesse sentido a contribuir de forma direta para tornar o “cidadão vivo” na sociedade em que está inserido, e não um longínquo espectador que aprova de forma passiva todas as condições que lhe são impostas. Os sujeitos sociais envolvidos nesses movimentos são políticos, marcados por experiências através de lutas políticas e ideológicas adquiridas a partir da agregação de informações no interior desses movimentos e que pensam na transformação da sociedade.

Dessa maneira, os movimentos sociais devem ser vistos como espaços concretos de aprendizagens de novos saberes e, conseqüentemente, de formação direcionadas para a vida em coletivo. A partir dessa perspectiva, os movimentos sociais apresentam forte ligação com a educação não-formal, compreendendo que a educação está ligada diretamente à vida de todo e qualquer ser humano, não importando seu tempo ou espaço.

Esse contexto se justifica porque o processo de aprendizagem é vivido no cotidiano dos sujeitos sociais, e a construção dos novos saberes é proporcionada através da interação, estando ligado diretamente ao processo de ensino e aprendizagem, já que o ensinar e o aprender acontecem por meios do compartilhar experiências. É o que Gohn (2014) considera aprendizagens construídas no campo da participação social.

Nesse âmbito a educação não está resumida a um conhecimento científico somente, mas compreendida como fonte de emancipação e humanização, pois em um contexto mais abrangente, a educação tem um papel muito mais relevante quando tem um caráter de tornar o ser humano apto a refletir e agir frente as eventualidades, ou seja, dos acontecimentos da sociedade e que esperam que estes

sejam sujeitos mais capazes, críticos, autônomos e reflexivos. Sobre o caráter educativo dos movimentos sociais Gohn salienta que:

Falar de um processo educativo no interior de processo que se desenvolve fora dos canais institucionais escolares implica em ter, como pressuposto básico, uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico (GONH, 2012, p. 21).

É importante pontuarmos que os processos educativos dos movimentos devem ser percebidos também pela convivência constante nos espaços onde ocorrem práxis respaldadas em métodos voltados à participação desses sujeitos como em: seminário, congressos, encontros, oficinas, projetos sociais, redes de cooperativas com foco na geração de renda, cursos de longa e curta durabilidade, bem como os grandes eventos e conferências. Interpretando Siqueira (2004, texto digital), a educação ocorre em diversos espaços e por meio de várias experiências, onde a escola é a soma a estes outros ambientes.

Em seus estudos Príncipe e Diamante (2011, p. 2) afirmam que a educação alcança um universo que ultrapassa a instituição escolar, sendo socialmente entendida como aquela responsável pela formação do indivíduo, principalmente dos conhecimentos que são historicamente sistematizados e acumulados.

Nesse encadeamento, a educação não-formal emana nos ambientes que acompanham as trajetórias de vida dos indivíduos, dos grupos, das comunidades e espaços fora do contexto formal, ou seja, em espaços não formais de aprendizagens em que há a presença marcante dos processos intencionais e interativos.

As aprendizagens construídas e vividas no interior dos movimentos instrumentalizam os indivíduos a se tornarem sujeitos do mundo e para o mundo. Sua aplicação é abrir espaços para a construção de conhecimentos sobre o meio em que vivem, que compreende a relação homem com o meio e busca transformar essa relação e esse meio; bem como defende o conhecimento pessoal, profissional e intelectual. E o que salienta Gohn (2006a, p. 30), quando afirma que as aprendizagens “se constroem no processo interativo gerando um processo educativo”.

Assim, é pertinente destacarmos que a educação não-formal tem vários outros atributos sendo eles: influencia sobre aspectos subjetivos do grupo; desenvolve laços de pertencimento, contribui de forma expressiva na construção do sentimento de identidade de grupo, corrobora para o desenvolvimento da autoestima e autovalorização e, principalmente, do processo de empoderamento do grupo na busca por reconhecimento, autonomia e qualidade de vida.

Documentos importantes reconhecem e evidenciam o caráter significativo da educação construída nos espaços extramuros das escolas, como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN de Nº 9394/96 que em seu Artigo 1º diz que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996).

Nesse âmbito, notamos um avanço no conceito de educação, que passa a exceder os espaços da escola, dando uma dimensão muito mais abrangente para o processo do aprender, isso se deve porque “a educação é um fenômeno social e universal, sendo uma atividade humana necessária à existência e funcionamento de toda a sociedade” (LIBÂNEO, 1994, p.16-17). Assim, fica claro que na educação não-formal, o grande e fundamental educador é o outro, ou seja, aquele com quem nos interagimos ou nos integramos.

Portanto, os movimentos sociais enquanto espaço de interação, integração, conflitos, de reflexão e debate, praticam o ensino e a aprendizagem, quando estimulam os sujeitos coletivos a se organizarem e apresentarem interlocuções com o Estado e com a sociedade como um todo, principalmente no que se referem as suas análises conjunturais, reivindicações, elaboração de propostas para melhorias da qualidade de vida e de políticas públicas, bem como, por espaços de estudo, discussão e debate. A educação não-formal poderá ocorrer tanto em espaços urbanos como rurais; tanto em espaços institucionalizados, como no interior do movimento social (GOHN, 2014, p. 44).

Por conseguinte, a reflexão, a sensibilização e a conscientização vivenciada nos espaços de movimentos são de grande significado para os sujeitos envolvidos,

que elevam, assim, a capacidade dos grupos de também identificarem as violações dos direitos e, desse modo, exigir sua investigação e reparação.

O ensino, a aprendizagem e as concepções que as mulheres organizadas possuem do ensinar e do aprender dentro dos espaços coletivos do movimento de quebradeiras de coco permitem, segundo relatos das quebradeiras de coco, que cada vez mais, mulheres tenham acesso a espaços de aprendizagens que levam a mudanças significativas em suas condições de vida enquanto sujeitos coletivos, bem como em suas relações do dia a dia com filhos, maridos ou companheiros. Sobre as transformações que o movimento social pode produzir na vida das mulheres quebradeiras de coco babaçu, Ferreira faz a seguinte afirmação:

Permitem que as mulheres sejam plenamente reconhecidas como sujeitos políticos, as mulheres conquistarem o direito à luta por igualdade de direitos e a serem vistas não como complementos dos homens e/ou dos outros movimentos, mas como seres autônomos (FERREIRA, 2013, p. 73).

Os relatos coletados em conversas e entrevistas com as mulheres quebradeiras de coco babaçu, que participam do movimento do MIQCB no povoado de Coquelândia, bem como as observações feitas nos vários espaços de estudos, debates e planejamentos, leva-nos a perceber que os espaços de ensino e aprendizagens são marcados por grande peso simbólico provocado pelo valor transformador que esses momentos provocam na vida das mulheres. São eles: estudos da direção do MIQCB dentro e fora das comunidades, seminários, oficinas, participação no VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu, palestras e outros.

Para tanto, observamos que antes de qualquer atividade a ser pensada e realizada dentro do MIQCB existe uma dinâmica de grande relevância para o movimento, que é o poder de mobilização realizado pelas mulheres do movimento, que segundo R.S.G., essa dinâmica é o que ela denomina de “poder de fogo”. O poder de fogo para R.S.G. (30 anos), em seus depoimentos “*é a capacidade que as mulheres quebradeiras de coco babaçu têm de se mobilizar dentro e fora das comunidades, com o objetivo de reunirem-se para discutir problemas, planejar, realizar estudos, discutir propostas de ações e tomar decisões*”.

A participação no movimento é compreendida pelas mulheres do MIQCB de Coquelândia, como sendo o espaço de formação e com grande poder para a aquisição de novos e importantes conhecimentos. O conhecimento é apresentado como ferramenta de empoderamento da mulher; é o que afirma E.C.C. (52 anos), quando cita que *“empoderamento, é você ter conhecimento do que significa ser quebradeira de coco, é ter conhecimento dos seus direitos”*.

Paralelamente, o movimento é visto como espaço de ampla formação e de valor inestimável, realidade essa melhor interpretada ainda por meio da fala de E.C.C. quando afirma que *“o MIQCB foi uma escola muito boa pra mim, não tem faculdade melhor do que o movimento, porque foi da onde a gente aprendeu a ter conhecimento que é de direito e que são nossos direitos, e de onde aprendemos a discutir muita coisa sobre a sociedade”* (52 anos).

O conhecimento, conforme afirmação da E.C.C., é tido como algo de grande ressignificação, tendo em vista que é por intermédio da sua participação e do seu envolvimento dentro do movimento de quebradeiras de coco babaçu, que ela adquiriu através dos espaços não-formais de aprendizagens proporcionados pelo movimento, os conhecimentos necessários para reconhecer e lutar por mais direitos e desenvolver a autonomia. De acordo com Gohn (1994, p. 20) o conhecimento *“leva a identificação de uma dimensão importante no cotidiano das pessoas, a do ambiente construído, do espaço gerado e apropriado pelas classes sociais na luta cotidiana”*.

Para as mulheres inseridas no movimento das quebradeiras de coco, conforme seus depoimentos é justamente a oportunidade que elas adquirem dentro desses espaços coletivos, que as levam a se inserir em diferentes debates que fazem com que se sintam cada vez mais seguras para lutarem por mais direitos e para frequentarem diferentes espaços da vida humana, bem como por mais oportunidades de uma vida com melhor qualidade.

Para representar a autoconfiança e a autonomia conquistadas pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu dentro do movimento, E.C.C. (52 anos), afirma que *“hoje nós vamos no governo do estado, federal e municipal e reivindicar melhorias pra nós”*. Essa afirmação é o que Paulo Freire (1979) defende como sendo o

empoderamento, que ocorre quando o sujeito se envolve em um processo de conscientização que emerge de um pensamento ingênuo para uma consciência crítica.

A realidade apresentada por E.C.C., reflete a consciência defendida por Paulo Freire conquistada através dos saberes adquiridos por meio das relações coletivas e construídas dentro do movimento das quebradeiras de coco, o que leva ao fortalecimento, cada vez mais, desses espaços sociais, tendo em vista que “a construção de relações sociais baseadas em princípio de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania” (SILVA, V., 2013, p. 118).

5.2 Os espaços de aprendizagens no movimento

Os espaços de estudos, ensino e aprendizagem criados pelas mulheres dirigentes do movimento de quebradeiras de coco são os mais diversos, porque em suas propostas de atividade e pautas de reuniões, suas ações planejadas dentro e fora das comunidades são discutidas com frequência e também com antecedência.

Nas palavras de R.S.G. (30 anos), tudo que acontece dentro do MIQCB é planejado com antecedência, “*é a primeira coisa que temos que fazer para qualquer atividade, sem o planejamento não temos como ter os resultados que precisamos*”. Esse pensamento coaduna com Schmitz (2000, p.101), quando salienta que “qualquer atividade, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados”.

Assim, os espaços de reuniões, segundo relatos das mulheres quebradeiras de coco, são aqueles que possibilitam a elas pensar, planejar e criar estratégias de fortalecimento do grupo e, conseqüentemente, a alcançar resultados e avanços nas conquistas de seus direitos e de melhorias para a vida de suas comunidades e de seus familiares.

As mulheres quebradeiras de coco quando destacam a relevância do planejar e de criar estratégias de atividades de grupo confirmam o que Anastasiou e Alves

(2005, p. 70) defendem em relação à importância das estratégias que, por meio delas, “aplicam-se ou exploram-se os meios, modos, jeitos e formas de evidenciar o pensamento, respeitando as condições favoráveis para executar ou fazer algo”.

Para as mulheres quebradeiras de coco em seus relatos, ter acesso aos mais diferentes conhecimentos, por meios das temáticas discutidas no MIQCB, tais como gênero, leis, violência da mulher, sexualidade, empoderamento, direitos e tantos outros assuntos, é visto como fundamental no universo coletivo dessas mulheres, tendo em vista que, a falta dessas informações e, desses conhecimentos, segundo elas, podem levar a estarem em condições de vida cada vez mais precárias e em situações de risco, ou mesmo de terem que conviver com uma sociedade marcada pela injustiça social, preconceito e discriminação.

As análise de conjuntura realizada no universo das quebradeiras de coco e de toda a dinâmica que envolve o cotidiano de suas vidas, concretizam-se, principalmente, em seus espaços de reuniões e planejamento, destacando a falta de políticas públicas que visualizem as mulheres quebradeira de coco e o homem do campo com compromisso e responsabilidade, bem como avaliam as consequências dos investimentos que tem sido feitos nos últimos anos na região Tocantina, e que representam um cenário cada vez mais difícil de acesso à terra para coleta e quebra do coco e, conseqüentemente, de sobrevivência no campo com suas famílias

Para E.C.C., todas as mudanças que têm ocorrido nas últimas duas décadas, no cenário do trabalhador do campo e na vida das mulheres quebradeiras de coco, só podem ser entendidos se houver estudos com a finalidade de compreender quais fatores são os causadores de tantas transformações, suas consequências para a vida dessas famílias e como suas ações, enquanto movimento, podem contribuir para minimizar os efeitos negativos dessas políticas de investimento, que dificultam a vida no campo.

As mudanças que ocorrem nas nossas matas, nós quebradeiras nos reunimos com pesquisadores, é aqueles que fazem trabalho no mapa, a gente faz um levantamento, vai nas comunidades colhendo informações sobre as empresas e os impactos, e eles fazem os mapas e aí nós temos a nova cartografia (E.C.C., 52 anos).

O depoimento de E.C.C é uma prova viva da magnitude que essas mulheres demonstram com o conhecimento, para isso, estas têm procurado buscar parcerias de pesquisadores de diferentes instituições científicas custeados pelo MIQCB, para realizar pesquisas do interesse do movimento e, assim, terem condições de avaliar com mais propriedade as propostas que estão sendo apresentadas pela iniciativa privada, poder público para investimento local, e que representam, segundo depoimentos, grandes impactos na vida das suas comunidades.

A cartografia citada por E.C.C. são estudos produzidos pelo Projeto Nova Cartografia Social da Amazônica (PCNSA), que tem como finalidade produzir material fruto da pesquisa com povos e comunidades tradicionais. Esses materiais são produzidos e entregues às organizações e movimentos que contratam as pesquisas e entregam fascículos, mapas e croquis mapeando a região, indicando quais são os elementos relevantes para sua composição, bem como os problemas que mais acarretam danos para as comunidades.

As quebradeiras de coco babaçu do MIQCB, em suas falas, deixam evidente o olhar atento que elas necessitam ter para as mais diferentes realidades socioeconômicas e políticas em que estão envolvidas. De acordo com suas falas em conversas nas comunidades, elas precisam estar atentas aos projetos que chegam às suas comunidades encaminhados por empresas que se instalam na região e são apresentados como projetos sociais.

Para demonstrar essa preocupação, pontua-se a fala de R.N.B.O. (62 anos), que durante uma reunião de base, no povoado de Coquelândia, proferiu ao grupo a seguinte frase: *“Nós nunca vimos nenhuma empresa preocupada com quem vive no campo ou com quem quebra coco, se estivessem preocupados não estaria destruindo nossas palmeiras, por isso muito cuidado com esses projetos bonitos”*.

A fala de R.N.B.O., evidencia a preocupação com os projetos que muitas vezes são implementados dentro das comunidades, como ações de melhorias do poder público ou de instituições privadas; para tanto, demonstram através de seus posicionamentos, a necessidade do conhecimento ampliado, para não serem massacradas pelo sistema dos grandes investimentos.

Todo projeto que a gente se depara, a gente se reúne e estuda. Como é que a gente vai acreditar só na conversa de um técnico que vem lá não sei de onde? Por isso a gente senta e estuda, pra ver se aquilo é bom pra gente ou não (E.C.C., 52 anos).

A realidade apresentada por E.C.C. configura o que Paulo Freire (1986) defende: de que todo indivíduo carrega dentro de si a motivação necessária para se posicionar de forma ativa diante de sua realidade, mas para isso ele necessita estar sendo posicionado diante de situações que o desafie e rompa com uma postura fatalista em relação a sua realidade de vida.

O movimento social das quebradeiras de coco babaçu não tem somente a intenção de compreender as mudanças dos cenários geográficas provocados pelos grandes investimentos do capital, mas suas convicções quanto a importância de aprenderem sempre e cada vez mais, perpassa pelo posicionamento demonstrado por E.C.C., quando sente a necessidade, enquanto coletivo, de buscar conhecer as várias temáticas que permeiam a vida humana, com a consciência de que a falta desses conhecimentos pode ser fator decisivo para que na luta travada, elas não obtenham as conquistas necessárias.

A gente estuda gênero, a gente estuda movimento social, estuda violência, estuda lei. A lei é importante porque em todo documento pode ter uma brecha e por isso a gente tem que entender o que está no documento, mas pra isso temos que estudar. Se eu vou pra uma audiência pública, eu tenho que estudar o assunto que vai ser debatido, eu tenho que ficar preparada pra falar o assunto (E.C.C., 52 anos).

A relevância de se criar espaços de ensino e aprendizagem dentro do movimento é muito bem evidenciado nas palavras de E.C.C., que destaca que o estudar é fundamental para a própria vida do movimento, bem como para que possam compreender o processo que envolve as questões da movimentação do MIQCB e, para que estejam preparadas para as situações cotidianas de luta, assim como para se sentirem mais seguras dentro de outros espaços sociais que não somente os de suas comunidades.

Segundo J.T.S., durante entrevista, e tratando dos momentos de estudos que existem dentro do MIQCB, ela pontuou que muitos são as ocasiões oferecidas pelo movimento para adquirirem novos conhecimentos, pois são eles que permitem que a

comunidade possa ter a chance de aprender o que nunca tiveram a oportunidade durante toda a vida e, finalizou afirmando que: *“Nós somos formadas no movimento para isso, pra fazer estudo, pra sentar e discutir”* (J.T.S., 65 anos).

A importância do aprendizado para a vida do ser humano em sociedade, e que também é defendido pela quebradeira de coco, sustenta-se quando essa “aprendizagem possibilita aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor”. (GOHN, 2014, p 42).

Para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, muitos são os espaços que acontecem o ensino e a aprendizagem. Isso é melhor difundido quando, por intermédio de suas falas, elas buscam valorizar os encontros, estudos e seminários proporcionados pelo MIQCB, tanto a nível nacional como internacional. São momentos que permitem que essas mulheres passem a adquirir maior autonomia individual e coletiva para viver e conquistar, cada vez mais, diferentes espaços na sociedade, e garantir também maior oportunidade de divulgação e propagação de suas atividades e dos produtos do coco babaçu feitos por elas.

A gente vai pra sentar com os outros movimentos, para falar da nossa história e da nossa organização, e aprender como eles fazem os deles, também levamos o nosso nome e o nosso produto para o exterior, porque se eles não conhecem o que é uma quebradeira de coco, não vão comprar nosso produto (E.C.C., 52 anos).

O pensamento de E.C.C. é surpreendente, pois demonstra sua capacidade de analisar holisticamente os efeitos e consequências das trocas dos saberes que acontecem quando diferentes movimentos sociais utilizam os mesmos espaços para socializarem suas realidades. Na medida em que o movimento próprio das quebradeiras de coco passa a trocar essas experiências, é demonstrado o valor das trocas de saberes para garantir que os movimentos sociais sejam identificados e respeitados.

Para Leon (2000, p. 96), os espaços do saber são de grande relevância para as lutas sociais e, com maior valorização para aquelas realizadas por mulheres, visto que são esses saberes que levam os seres a se empoderar, “o empoderamento como autoconfiança e autoestima deve integrar-se em sentido de processo com a comunidade, cooperação e solidariedade”.

Desse modo os grupos, através da conquista de saberes e de uma maior condição de fortalecimento dos sujeitos coletivos por meio da cooperação e solidariedade, permite que os diferentes atores sociais encontrem os meios necessários para uma postura mais solidária e de maior participação social, oportunizando que todos os envolvidos adquiram maior confiança e segurança nos ideais de luta.

Nas palavras de Leon (2000, p. 95) “empoderase significa que las personas adquierem el control de sus vidas”; esse sentido pode ser melhor interpretado quando observamos que as mulheres quebradeiras de coco babaçu, ao conquistar novos saberes, afirmam-se e comunicam-se para além das fronteiras dos babaçuais.

5.3 A significação da formação para as mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia

A formação das mulheres, dentro do movimento de quebradeira de coco, é bastante valorizada e respeitada, para isso suas ações de planejamento dentro das comunidades têm como finalidade, de acordo com seus relatos, alcançar o maior número de mulheres e, assim, todas possam estar sendo envolvidas no movimento pela luta em defesa das palmeiras de babaçu, bem como de aprender, cada vez mais, a se organizar e ter acesso a diferentes conhecimentos proporcionados pelo MIQCB dentro e fora das comunidades.

Para refletir sobre o significado dos espaços de aprendizagem para as mulheres envolvidas no movimento, destacamos a fala de R.S.G. (30 anos), que durante entrevista pontuou “*que tudo que foi conquistado dentro do MIQCB, em termos de aprenderem algo novo, foi provocado pela necessidade que essas mulheres sentiram de se verem representadas, e de conquistarem novos espaços*”. Esses são os saberes que Gohn (2013) pontua como sendo aqueles adquiridos em experiências via a participação social, cultural ou política.

Para as quebradeiras de coco babaçu, os novos espaços do saber não são vistos somente dentro da comunidade ou no universo das matas, mas em diversos espaços de debate que envolvem a sociedade e com possibilidades de resultados

diferenciados provocados, muitas vezes, pela necessidade de se autoafirmar, “*então elas sentiram a necessidade de ver as coisas da forma delas, de discutir, de levar isso pra outros setores que não fosse só as bases, as comunidades*” afirma R.S.G. (30 anos).

Desse modo, é relevante citar que “o partilhar um conhecimento com o outro, o sujeito apresenta também seu significado e o outro sujeito vai construir uma ideia igual ou ampliada a partir da significação que lhe foi apresentada” (SILVA, 2012, p. 111).

Ainda sobre a relevância da formação dentro do MIQCB, durante entrevista com as quebradeiras de coco, essa é uma atividade que não atinge somente as mulheres, mas é visto como atividade de grande valor também para os jovens das comunidades; por essa razão, a grande preocupação das mulheres demonstrada durante os espaços de reuniões e planejamentos do grupo, é em pensar atividades que envolvam também os jovens.

As atividades realizadas para os jovens também são temas de estudo e planejamento das mulheres no movimento do MIQCB, haja vista que para as mulheres a formação dos jovens deve contemplar a realidade comum dos jovens, bem como aquelas que são específicas de cada grupo e localidade.

A gente faz capacitação com os jovens que trata de temas desde o extrativismo; as leis que nos defende, prepara os jovens para os seminários pra saber defender os direitos dentro do movimento, a gente fala da violência, das drogas, das doenças, fala tudo aquilo que pode afetar a vida dos nossos jovens, então a gente leva muita coisa para os jovens se capacitar e ter mais consciência do que é certo e do que é errado dentro da comunidade (R.S.G., 30 anos).

O fala de R.S.G., demonstra com clareza o processo do ensinar e aprender no interior da comunidade, tendo em vista que ela afirma que são trabalhados, com os jovens, diversas temáticas; bem como denota o olhar ampliado que essa mulher inserida no movimento atesta a necessidade de envolver os jovens em espaços propícios para a construção de novos saberes e, principalmente, de permitir a esses sujeitos que tenham acesso a conhecimentos diversos voltados principalmente para os problemas que, na contemporaneidade, tem deixado esses jovens em situações

de vulnerabilidade, como são as situações de envolvimento com drogas, álcool, prostituição e outros.

O “estudo” para as mulheres do movimento do MIQCB é visto como todos os ambientes que esses jovens possam aprender, por isso, em seus relatos elas afirmam que sempre incentivam seus filhos e filhas a frequentarem a escola, assim como incentivam e criam espaços para que esses jovens adquiram momentos de estudos proporcionados também pelo movimento. Esse é a aprendizagem que “capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo” (SILVA, 2012, p. 118).

Nossos filhos tem que aprender a quebrar o coco, mas têm que estudar, porque se ele quiser ser qualquer coisa, ele pode ser. Não significa dizer que porque é filho de quebradeira de coco não pode ser outra coisa. Mas se ele também quiser quebrar coco foi porque ele escolheu isso. Aqui nós têm que ensinar nosso filhos naquilo que é certo, plantar e colher (J.T.S., 65 anos).

O posicionamento de J.T.S., tem grande significado, pois ela demonstra a preocupação que tem com a formação de seus filhos, já que é a partir dessa formação que, segundo suas falas, eles terão oportunidade de fazer suas escolhas de vida.

Essa concepção de mundo em relação ao aprender, permite-nos chegar às palavras de Gohn, quando fortalece, em suas teorias, o caráter educativo dos movimentos sociais, em que apresenta uma concepção de educação salientando que estes “[...] não se restringem ao aprendizado de conteúdos específicos, transmitidos através de técnicas e instrumentos pedagógicos” (1992, p. 17), mas de conhecimentos que podem oferecer ao indivíduo condições legítimas de aprendizagens construídas em processos sociais e participativos.

Para tanto, é importante ressaltarmos que, para as mulheres do MIQCB, pensar em espaços de formação e, conseqüentemente, de aprendizagens significativas, é utilizar em seu cotidiano, reuniões, planejamentos e pensar estratégias, termos esses bastante conhecidos por educadores. Essas palavras são frequentes em seus vocabulários, demonstrando que tudo que pensam e desejam

enquanto objetivo a ser alcançado, deve ser muito bem organizado e elaborado nas fases de planejamentos.

Para as quebradeiras de coco babaçu, as “*estratégias são sempre pensadas de acordo com as ações planejadas e com os objetivos pensados*”, diz R.S.G. (30 anos), que por meio dessas palavras, demonstra a forma como elas enxergam o processo do aprender e do ensinar.

É nesse modelo de trabalhar, de se organizar e de pensar, que em suas reuniões de base ou nas comunidades, e na realização de eventos, elas pensam estratégias, que de acordo com seus relatos, possam envolver, cada vez mais, mulheres no movimento e possam render melhores resultados.

As estratégias também servem para articular as mulheres, por isso quando vamos fazer algum estudo ou reunião para que dê mais mulheres a gente avisa que vai ter um piquenique, um sorteio, um brinde; assim, a gente também está se divertindo e a companheira não vai dizer que passou o dia todo só escutando aquele blablá, então isso traz uma autoestima para a companheira (E.C.C., 52 anos).

A palavra estratégia, para as mulheres que vivem o cotidiano do movimento do MIQCB, tem significados interessantes de serem discutidos, pois elas declaram que pensar em estratégias é pensar desde as reuniões de base em ações, que possam envolver maior participação e envolvimento do grupo; assim como de encontrar alternativas de propiciar, para os espaços de reuniões, avisos ou estudos, um ambiente prazeroso, que fortaleça uma melhor participação e melhore a autoestima dos sujeitos envolvidos. É com essa concepção que Anastasiou e Alves (2005, p. 70) defendem que as estratégias “visam à consecução de objetivos, portanto, há que ter clareza sobre aonde se pretende chegar”.

Assim, as estratégias, segundo relatos, permitem que as discussões se tornem mais dinâmicas e, assim, obtenha melhores resultados. R.S.G., durante uma entrevista pontuou que existem duas estratégias que elas utilizam bastante em seus estudos ou encontros com as mulheres, principalmente quando estão reunidas de vinte a trinta ou mais mulheres. Desse modo, a “palavra estratégia possui estreita ligação com o ensino” (PETRUCI; BATISTON, 2006, p. 263).

De acordo com R.S.G., algumas das estratégias que elas consideram muito interessante e bastante proveitosa e, por isso mesmo, muito utilizada nos espaços de estudos, por permitir que todos do grupo participem é a *roda de diálogo* e o *uso de tarjetas* que ocorre quando:

A gente divide o grupo em dois e deixamos que cada grupo faça suas discussões e depois a gente junta para fazer uma socialização única. A segunda, é quando fazemos uso da metodologia das tarjetas, nessa metodologia das tarjetas, as mulheres escrevem em uma folha branca tudo que elas sabem ou pensam sobre o assunto em pauta. Essa metodologia é muito rica porque instiga os participantes (R.S.G., 30 anos).

A palavra estratégia e metodologia são apresentadas pelas mulheres com o mesmo significado, percebe-se isso claramente em seus posicionamentos. Para tanto, a simbologia maior que se percebe é o olhar que essas mulheres apresentam para encontrar mecanismos de participação e envolvimento de grupo e, assim, permita uma maior participação de todos os sujeitos, possibilitando que todas as mulheres possam estar participando e, dessa forma, sentindo-se parte do processo de construção de luta, de saberes e de novas conquistas.

Para evidenciarmos, de forma mais precisa, a importância dos espaços de estudo, formação, ensino e aprendizagem, para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, ressalta-se algumas observações e comprovação durante a pesquisa, da participação dessas mulheres em importantes eventos, o que demonstra o olhar de comprometimento e de valorização que as mulheres demonstram no MIQCB, bem como as estratégias utilizadas por elas para alcançar resultados significativos para a vida, manutenção do grupo e do próprio movimento.

A participação das mulheres quebradeiras de coco no VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu as situa no espaço apropriado para se refletir e aprender, justificando-se, assim, a importância dada pelas mulheres do movimento para os momentos de estudo e de aquisição de novos saberes.

São recintos que também servem para que manifestem o resultado dos conhecimentos adquiridos durante anos de participação no MIQCB e, permitindo que se manifestem e se façam ser ouvidas com base em seus conhecimentos prévios, e também através dos novos saberes conquistados a partir das questões discutidas. O

“Encontrão” aqui apresentado foi uma programação de três dias, que contou com a presença de um número de 12 pessoas do povoado de Coquelândia, entre elas mulheres e jovens filhos e filhas de quebradeiras de coco babaçu.

Durante os três dias de encontro foram discutidas temáticas diferenciadas, permeando, na estrutura organizativa do evento, palestras e oficinas, que envolveram representações de quebradeiras de coco dos quatro estados que formam o MIQCB, bem como proporcionou momentos de grande interação entre as participantes, bem como estudos e debates entre jovens e adultos, homens e mulheres, valorizando os contextos das diferentes realidades culturais que envolvem esses diferentes sujeitos sociais.

Figura 9 - Mulheres no auditório do CESIR participando do VII Encontrão das Quebradeiras de Coco Babaçu realizado nos dias 23 a 25 de setembro capital São Luís/MA.



Fonte: Autora da Dissertação, 2015.

Para evidenciar parte da realidade vivenciada nesse encontro durante os três dias, destaca-se as palestras com as temáticas “Conjuntura Social dos Movimentos Sociais de Mulheres Rurais com quebradeiras de coco” e “Experiências Sociais nos Territórios e uso dos Recursos Naturais em colisão com os grandes projetos”.

Para a realização de todas as palestras foram formadas mesas de discussões, que contou com a presença de mulheres de Coquelândia para desenvolver a função de mediadoras. A palestrante que tratou da conjuntura social procurou fazer uma contextualização histórica sobre como tem sido apresentado o MIQCB nos estados do Pará, Piauí, Tocantins e Maranhão, procurando focalizar os avanços e os entraves que ainda marcam a vida das mulheres que vivem da coleta e quebra do coco babaçu.

A segunda palestrante fez um levantamento das áreas dos continentes ao longo de séculos, e esclareceu para as mulheres de que forma pequenos grupos e até mesmo o próprio estado controla o desenvolvimento cartográfico; apresentou também diferentes mapas construídos ao longo do tempo, os quais foram marcando as lutas por terras travadas desde os indígenas até as mulheres extrativistas; bem como fez um mapeamento dos grandes projetos que estão sendo implementados no Brasil, como propostas de desenvolvimento e as questões das barragens em importantes rios dos estados do Maranhão e Tocantins.

É importante atentarmos, que a palestra em si não caracteriza o ensino e aprendizagem dessas mulheres, mas as intervenções feitas por elas após a realização das palestras, permitindo se fazer uma análise mais consistente da importância desses momentos de aquisição de saber, e aprimorando a capacidade demonstrada em compreender e intervir nas discussões. Para Anastasiou e Alves (2005, p. 71) “a aprendizagem é um ato social necessitando da mediação do outro como facilitador do processo”.

Nesse cenário, várias intervenções foram feitas, para tanto, destacamos duas falas que são das mulheres objeto de estudo dessa pesquisa. A primeira intervenção tratou de demonstrar a compreensão que esta teve do que era a ideia de cartografia trabalhada pela palestrante, quando pontuou em sua fala as conquistas já alcançadas pelos movimentos em termos de lutas por territórios: *“eu estou feliz por perceber através do que foi apresentado aqui que as mulheres já estão em condições de vida muito melhores, e que a cartografia está sofrendo mudanças por conta da nossa luta”* (T.J.C.P., 59 anos).

A segunda quebradeira procurou fazer uma crítica das consequências negativas da construção de duas barragens que estão sendo construídas no Rio Tocantins e no Rio Araguaia, afirmando que as barragens “*vai atingir centenas de famílias, e que é preciso que o MIQCB fique mais atento, que se organize mais para defender os rios e as comunidades que precisam desses rios*”, e completou fazendo a seguinte inquirição e afirmação: “*o que nós MIQCB podemos fazer a respeito para diminuir os danos dessas barragens? Só sei que nós temos que procurar apoio na sociedade e no poder público*” (R.N.B.O., 62 anos).

As intervenções demonstram claramente o grau de consciência social e política que as mulheres inseridas no movimento adquiriram ao longo da vida e, principalmente, que os espaços de troca de saber, de ensino e aprendizagem têm levado essas mulheres quebradeiras de coco babaçu a se apresentarem nos espaços sociais mais fortalecidas e mais seguras de si.

Percebe-se em suas falas, após a participação na palestra na condição de ouvintes, a aquisição de conhecimentos essenciais e conquistas de novos saberes, possibilitando às mulheres intervenções mais conscientes e mais críticas suscitadas por meio das temáticas ministradas durante as palestras.

O movimento se torna, nesse sentido, um espaço que leva os sujeitos a pensar, refletir e analisar ações para novas posturas e, conseqüentemente, fortalece os sujeitos para permanecer inseridos na luta cotidiana; tendo na figura do outro, as ferramentas para agir coletivamente e adquirir, por intermédio do esforço conjunto, as melhorias para uma vida mais digna.

Quando essas atividades os levarem a pensar, refletir e elaborar que têm direito a uma vida digna e de qualidade, e, no momento em que esse sujeito estiver fortalecido e esclarecido – cultural e politicamente, percebendo-se não apenas como indivíduo, mas também como classe, como grupo, sua relação consigo e com o outro sujeito será melhor mediada pela solidariedade e pela liberdade (SILVA, 2013, p. 119).

Desse modo, a aprendizagem é apresentada por Gohn (2013a, p. 22) “como sendo um processo de formação humano, criativo e de aquisição de saberes e de certas habilidades”; assim, ao produzir conhecimentos, as quebradeiras de coco babaçu aglutinam ideias e saberes que também são produzidos através do compartilhamento das experiências e da obtenção dos novos aprendizados,

proporcionado pelo movimento com o intuito de fortalecer o grupo enquanto coletivo e, principalmente, de conquistar novos direitos para uma vida com mais humanidade, liberdade e justiça.

No universo do MIQCB, destaca-se também como espaços importantes de ensino e aprendizagem, uma palestra realizada pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu da Regional de Imperatriz, lideranças do povoado de Coquelândia, em uma faculdade particular do município de Imperatriz.

A palestra foi uma parceria construída pelas mulheres do movimento como uma instituição de nível superior de Imperatriz e com uma professora da instituição que ministrava a disciplina de Direitos Humanos. A finalidade da atividade, segundo T.J.C.P. (59 anos), era para que as quebradeiras de coco babaçu organizadas pudessem: *“mostrar a importância do MIQCB, falar de suas histórias, defender os babaçuais, exigir leis de proteção, dizer como era sua identidade [...] Na faculdade estamos buscando o apoio da sociedade para que nossa luta não morra, e assim agente tenha o apoio da sociedade [...]”*.

Figura 10 - Palestra realizada pelas quebradeiras de coco babaçu do MIQCB em uma faculdade particular do município de Imperatriz em que estive presente na composição da mesa a pedido das quebradeiras de coco com a finalidade de defenderem sua identidade e seu movimento.



Fonte: Autora da Dissertação, 2015.

A postura das mulheres inseridas no movimento pela busca do outro como meio de fortalecer as relações sociais é melhor entendida nas afirmações de Silva (2012, p. 118), quando cita que “a construção de relações sociais baseadas em princípios de igualdade e justiça social, quando presentes num dado grupo social, fortalece o exercício da cidadania”.

A palestra, realizada no auditório dessa instituição de ensino superior, contou com a presença de seis mulheres quebradeiras de coco babaçu, todas as mulheres atuantes no MIQCB, e atingiu um público de quase 150 acadêmicos de quatro turmas dos cursos de Direito e Pedagogia, que cursavam a disciplina de Direitos Humanos.

As mulheres quebradeiras de coco babaçu presentes para ministrar a palestra fazem parte do MIQCB, contudo duas delas são hoje contratadas pelo MIQCB para o cargo de assessoria dentro do movimento, estando inseridas em contextos diferenciados das matas, contudo muito atuantes na luta para vencer a exclusão, a discriminação e o preconceito, contextos esses que dificultam ainda mais a luta na garantia de direitos.

O espaço do auditório foi caracterizado pelas quebradeiras de coco com materiais que representavam a história de suas vidas, lutas e conquistas tais como: quadro, banner, azeite, farinha do mesocarpo, sabão em barra, sabonete, cofos, coco babaçu e outros.

O tema da palestra foi “Mulheres Quebradeiras de Coco Babaçu: vida em luta”. Na palestra se observou em todas as falas, que a finalidade maior das mulheres era de poder falar de sua história, de demonstrar o quanto que o movimento é importante para a sobrevivência dos babaçuais, assim como da valorização já conquistada e que ainda precisam conquistar. Para essas mulheres quebradeiras de coco babaçu, levar o nome delas para todos os espaços, permite que passem a ser mais conhecidas, reconhecidas e, principalmente, valorizadas.

Destaca-se da palestra expressões pontuais das quebradeiras de coco durante suas intervenções, demonstrando que o conhecimento que essas mulheres carregam através de suas histórias, bem como do conhecimento adquirido dentro do

movimento social precisam de fato estar sendo compartilhados em espaços como a academia, permitindo que no universo acadêmico, jovens e adultos, homens e mulheres possam refletir suas concepções de vida e rever paradigmas para a construção de uma sociedade mais consciente e justa.

A gente vive hoje ainda deparando com tanta barbaridade: a gente ainda fica triste porque a gente está organizada mais no nosso meio; existe um latifúndio que ainda pensa em destruir a palmeira que aí é aonde a gente é contra. Por quê? Porque nós temos a palmeira como uma mãe, é de onde nós tiramos o nosso sustento, é do coco babaçu. Você vê que do coco você tira a amêndoa, você tira o óleo que faz o sabão, a gente tempera a comida, e o melhor óleo é um óleo sadio, é diferente desse óleo que a gente compra e ele é um óleo poluído, e o nosso óleo do coco babaçu a gente tem certeza que ele serve até pra curar gastrite e vários tipos de enfermidades. Então quem conhece o coco babaçu sabe. Nós também aproveitamos do entre casca do coco babaçu, o mesocarpo, que aonde é a melhor farinha que tem, daquela farinha a gente faz o biscoito, faz o mesocarpo, é o chocolate, o pão, o bolo então isso é uma grande riqueza. Enquanto hoje a gente ainda se depara por derrubadas de palmeiras, por envenenamento de palmeiras isso pra nós é um absurdo muito grande, a gente é contra e estamos aqui para defender aquilo que é nosso. Porque quem precisa do coco babaçu somos nós que somos quebradeiras, a gente sabe que a monocultura está tomando conta do país, a gente está vendo aí o resultado, então gente pra nós é uma tristeza muito grande, a gente que é criado, que vive do coco babaçu, a gente fica muito triste quando a gente passa numa terra que ela está a palmeirinha nova morrendo, amarelando então o que a gente quer da universidade que nos apoiem e nos ajudem a nos fortalecer mais ainda. [...] nós sabemos que tudo enquanto hoje tem suas organizações (E.C.C., 52 anos).

E.C.C., em sua fala, declara o universo organizado e presente do movimento, bem como da necessidade dessa organização social, tendo em vista que ela está presente em todos os ambientes, tornando-se uma necessidade de sobrevivência do grupo, para isso cita a figura do latifundiário, apresentado de forma negativa, visto que são eles que, segundo depoimentos, dificultam o processo de luta e de novas conquistas do movimento.

Outra importante leitura é demonstrada a partir do valor constituído pelas mulheres quebradeiras de coco em torno da palmeira do coco-babaçu, apresentado como uma mãe que sustentou e sustenta muitos filhos todos os dias, e que serve de sustento para centenas de famílias espalhadas em todo o Maranhão. É citado também em sua fala todas as utilidades que hoje as mulheres quebradeiras de coco babaçu atribuem ao coco, que passa a ter na vida dessas mulheres um valor incalculável diante de tantas possibilidades de produção de alimentos e de produtos feitos a partir do coco e de suas cascas.

E.C.C. também expressa na sua fala da barbaridade que tem sido cometido com as palmeiras de babaçu quando essas passam pelo processo da derrubada ou do envenenamento de suas “Pindovas”, bem como os efeitos negativos do modelo de monocultura implantado em grande parte do território. E finaliza pontuando o desejo que espera receber dos espaços educacionais de ensino e, conseqüentemente, da sociedade, para a manutenção e fortalecimento do MIQCB. Os movimentos sociais nesse modelo de sociedade se afirmam na opinião de Gohn (2013a, p. 41) “como elementos fundamentais na sociedade”.

O posicionamento após a fala de E.C.C., foi de R.S.G., que fez menção à importância das parcerias, colocando que os laços construídos nesse modelo de parceria, é fundamental para fortalecer os indivíduos, na medida em que, vivendo em conjunto com o outro, as pessoas envolvidas passam a se fortalecer enquanto sociedade. E finaliza salientando que a faculdade não deixe de apoiá-las em sua luta, justificando que, mesmo estando nos mesmos espaços, são dois mundos diferentes, para tanto eles são importantes por que se complementam.

Que a faculdade nos acolha, em todo momento queira saber mais, queira participar mais do nosso meio, das nossas discussões, das nossas falas, queiram fazer esse pegar de mão não só nesse meio, mas também com as outras organizações que trabalham nesse sentido, que a gente possa fazer esse laço e se fortalecer enquanto sociedade, porque a gente é um conjunto e que juntos trabalhamos melhor, então queria fortalecer esse pedido. Que a faculdade não solte a nossa mão porque a gente também não vai soltar a mão da faculdade e que a gente passe a se conhecer melhor nesses dois mundos tão diferente e que ao mesmo tempo se completam tanto (R.S.G., 30 anos).

Para R.S.G., o objetivo de sua fala foi demonstrar para os acadêmicos as conquistas já adquiridas pelas mulheres quebradeiras de coco por meio do movimento, fazendo um comparativo com sua infância de dificuldade e a luta de sua mãe para sustentar os filhos.

Seu posicionamento foi taxativo quando tratou de afirmar o cuidado que todos devem ter para o meio ambiente e sua preservação; exemplificou o papel da palmeira de babaçu como uma árvore nativa e o quanto ela representa o ambiente vivo; bem como apontou os grandes problemas apresentados em vários estados do Brasil devido à falta de água.

T.J.C.P., por meio da história de sua vida, levou a todos os presentes no auditório a refletir sobre os problemas ambientais que, na atualidade, assolam a sociedade, provocada unicamente pela ação humana, e pela não preservação do meio ambiente, no que se refere as questões de água e derrubada das árvores nativas. As reflexões T.J.C.P., continuaram quando ela pontuou que a realidade de hoje não é marcada pela falta de água, mas por motivo dessa água hoje se encontrar contaminada, não podendo ser consumida pelo homem.

Desse modo, a quebradeira com jeito simples, mas com uma leitura de mundo bastante ampliada em relação ao meio ambiente, fez uma analogia entre a água e a palmeira de babaçu, afirmando que a luta do movimento não se dá porque não existem mais palmeiras de babaçu, mas, principalmente, para demonstrar que da forma como a palmeira tem sido tratada pelo homem ela também um dia vai fazer falta. Suas palavras foram:

E eu quero dizer aqui para vocês que a gente luta nessa luta há muito tempo, mais de 20 anos. Conseguimos fazer essa cooperativa e por quê? Porque a gente quer lutar pela preservação do meio ambiente, porque a palmeira ela também é um meio ambiente, ela é nativa, ela faz parte de nós. Se eu contar para vocês minha vida vocês não vão acreditar, porque quando eu era pequena minha mãe quebrava coco, ela deixava nós em casa e ia para o mato quebrar coco, do coco ela tirava o leite botava para apurar passava uma farinhazinha deixava pra nós e ia pro mato quebrar coco, quando chegava era que ia comprar o que comer pra fazer para nós, nós comia gongo passado na farinha, não podia comprar, teve vezes de ficar o mês de janeiro inteiro e chovendo e só tinha maxixe, nós cozinhava uma panela de maxixe e comia quando chegava, eu vivi esse sofrimento, eu passei vendo a luta da minha mãe quebrando coco. Nunca ninguém pensava que a gente ia ter a luta que a gente tem hoje por água, como sempre um falava que um dia a água ia ser preciso lutar por causa da água doce, a água e hoje estão aí lutando pela água e por quê? Porque o meio ambiente não foi protegido, não é porque não tem água não, em São Paulo tem água, mas a água está contaminada, um dia desses vi passando na televisão o tanto de gente querendo água dentro de São Paulo, mas não pode porque a água é contaminada, porque não protegeram o meio ambiente, não cuidam do meio ambiente, a água tinham que cuidar da água pra servir pelo menos pra banhar, pra lavar roupa, dar pelo menos pra beber. Por quê? Porque nós não protegemos e os culpados somos nós, olha o tanto de água que tem aqui, se faltar água nesse poço aqui de Imperatriz nós vamos beber de onde... Tem o Tocantins bem aí, mas nós não podemos beber porque é uma água contaminada, não dar. Pois do mesmo jeito é o babaçu, vamos proteger porque pode até ter gente que pode ignorar e dizer assim que não precisa de coco, mas será que nunca vai precisar? Será que isso não vai acontecer um dia? Nós quebradeiras precisamos do coco como precisamos da água então é por isso que a gente tem lutado e protegido as coisas que temos hoje (T.J.C.P., 59 anos).

A fala de J.T.S. foi bem curta, contudo buscou pontuar que ser quebradeira de coco foi uma profissão adquirida por ela através da convivência com sua mãe, que também era quebradeira de coco; assim como apresentou por meio da sua história como mãe de muitos filhos, que a sobrevivência deles se deu por meio do trabalho da quebra do coco. Mencionou de forma muito feliz, fato esse observado durante sua fala, da sua satisfação em ter contribuído com a formação de seu filho no curso superior, e hoje ser um professor formado.

Sou viúva, sou mãe de nove filhos criei meus filhos quebrando coco, um é professor de João Lisboa eu até hoje só quebrei coco mais sou satisfeita de ser quebradeira de coco porque o que minha mãe me ensinou foi quebrar coco, ela quebrava coco dias que nós trabalhava na roça e dias que era quebrando coco, assim eu me criei e criei meus filhos e eduquei. Hoje eu tenho um filho formado, e ele formou, eu quebrando coco. Hoje ele é professor (J.T.S., 65 anos).

Já o posicionamento de R.N.B.O., teve como finalidade falar da criação da lei do babaçu livre³³, que é uma realidade nos dias de hoje, porém a lei não é cumprida pelos fazendeiros, que continuam o processo de derrubada das palmeiras. Todavia, mesmo diante das dificuldades apontadas em relação ao não cumprimento da lei babaçu livre, em muitos municípios do Maranhão, foi através do MIQCB que, segundo suas palavras, as quebradeiras de coco passaram a ser mais bem valorizadas.

A valorização citada por R.N.B.O., é constatada quando destaca para os acadêmicos, que nunca uma quebradeira de coco poderia imaginar que elas pudessem estar ocupando espaço de ensino superior como palestrante. Assim, também como complementou que nos dia de hoje as quebradeiras de coco estão tendo a oportunidade de falar sobre a quebradeira de coco dentro e fora do Brasil.

As leis são criadas, nós temos a lei babaçu livre, mas são não cumpridas porque os fazendeiros, eles não obedecem, eles derrubam os babaçuais [...]. Eu tenho orgulho de ser uma quebradeira de coco e também filha de quebradeira de coco. Me entendi como gente, com minha mãe quebrando coco. Hoje, o MIQCB, que é Movimento Interestadual de Quebradeira de Coco me faz sentir muito orgulho de ser quebradeira de coco, porque quando eu me entendi quebradeira de coco não tinha valor, e quem diria que hoje uma quebradeira de coco pudesse estar no meio de vocês palestrando numa faculdade, onde todo mundo é formado ou é professor? Quebradeira de coco não tinha valor, porque o povo também não dava

³³ Lei Municipal nº 1.084/ 2003, que trata da proibição da derrubada de babaçu no Município de Imperatriz, Estado do Maranhão, e dá outras providências.

valor, hoje graças a Deus tanto faz ser aqui como lá fora como foi dito pela companheira que já saiu até fora do Brasil para ir aos encontros fora do Brasil. Hoje graça a Deus nós temos valor estou satisfeita por isso sou coordenadora também do MIQCB (R.N.B.O., 62 anos).

É por intermédio do depoimento de cada quebradeira de coco babaçu que se observa o quanto de conhecimentos foram contemplados por meio de seus depoimentos, demonstrando as concepções da cultura, do meio, da vida e do outro.

Estar em um espaço de ensino e aprendizagem falando da história de suas vidas, do que compreendem e fazem dentro do movimento, das dificuldades e conquistas adquiridas ao longo de anos de luta, bem como das leituras de mundo feitas em relação à importância da preservação do meio, em uma sociedade que vive problemas cotidianos provocados pela falta de preservação do meio natural é, de fato, verificar que as possibilidades de ensino e aprendizagem extrapolam os mais diversos espaços dos saberes, assim como a educação presente nesses espaços “é assumida como responsabilidade coletiva” (GOHN, 2014, p. 44).

Como consequência da palestra realizada pelas quebradeiras de coco, um novo espaço de ensino e aprendizagem foi possibilitado, quando acadêmicos de duas turmas presentes no auditório, procuraram ao final da palestra as mulheres quebradeiras de coco babaçu para comprar seus produtos e, principalmente, para se colocar a disposição delas para contribuir com a sua luta.

Desse modo, ficou acordado com esses acadêmicos que eles pudessem levar para a comunidade um seminário que tratasse da violência contra a mulher, e também sobre a importância do movimento social. Para T.J.C.P., é necessário que sempre o movimento incentive as mulheres a permanecerem firmes no MIQCB, e para que aquelas que ainda não estão envolvidas possam ser incentivadas a participar.

Esse olhar holístico para o conhecimento apresentado por T.J.C.P., reflete bem o pensamento de Todaro (2013 p. 121), quando salienta que em uma sociedade pós-moderna “a escola não é o único meio ou instrumento de gerar aprendizagem ou o único local possível para a realização da aprendizagem”, mas todo espaço coletivo, quando pensados e planejados com um objetivo concreto pode se torna um espaço para a construção de saberes.

Os acadêmicos foram orientados pela professora da disciplina de Direitos Humanos, que junto com as duas turmas prepararam um seminário para ser apresentado para as mulheres quebradeiras de coco da comunidade do povoado com os temas: Tipos de Violência contra a Mulher e o Poder dos Movimentos Sociais.

O seminário foi realizado na Casa da Agricultura Rural e contou com a participação de um grande número de mulheres, fruto de um trabalho de sensibilização das lideranças do MIQCB. O espaço físico da casa foi todo preparado pelas próprias lideranças, deixando o espaço harmonioso e bem caracterizado com o universo das quebradeiras de coco babaçu conforme imagem a seguir.

Figura11 - Seminário realizado por acadêmicos para as mulheres quebradeiras de coco babaçu no povoado de Coquelândia sobre os tipos de violência e o poder dos movimentos.



Fonte: Autora da Dissertação, 2015.

Observou-se que durante as duas temáticas apresentadas pelos acadêmicos na sala da Casa da Agricultura Familiar, as mulheres ficaram com os olhares atentos, permanecendo no local da atividade até o seu encerramento. A atividade teve uma duração de 2h e 40 minutos.

A primeira temática tratou de fazer um breve histórico do papel ao longo da história e a maneira que a mulher foi silenciada ao longo de séculos, bem como conceituou os tipos de violência cometidos contra a mulher, quais foram: violência

de gênero, violência intrafamiliar, violência doméstica, violência física, violência sexual, violência sexual e violência psicológica.

A segunda temática abordou os temas do poder dos movimentos sociais, para isso foi abordado como se deu a evolução dos movimentos sociais no Brasil e como os movimentos sociais têm possibilitado para a sociedade melhorias e conquistas de novos direitos.

Ao finalizar as duas temáticas, fruto da apresentação de acadêmicos do 4º período do curso de Direito e 5º período do curso de Pedagogia, duas mulheres que estavam presentes durante toda a realização da atividade pediram para fazer uma pequena intervenção e, na ocasião, disseram:

Esse é um momento muito importante para nós quebradeiras de coco. Nunca podíamos pensar que um dia alunos de faculdade fossem estar aqui com a gente para falar de algo tão importante para nós mulheres. Eu não sabia que existia tanto tipo de violência, mas agora vou ficar com mais cuidado, porque às vezes, a violência não acontece com a gente, mas acontece com uma companheira nossa, com uma vizinha, com uma irmã, ou com uma parenta. Muito obrigado por essa oportunidade (C.M.S., 45 anos).

A gente vê que realmente o movimento é muito bom, e o MIQCB tem ajudado muito nossa comunidade, porque tem lutado pela gente. A gente não se sente sozinha aqui. Eu participo do MIQCB quase 18 anos e não quero sair nunca, porque, se nossa vida é difícil com toda essa luta que temos feito, imagina se não fosse ele? Foi muito bom essa palestra que ouvimos aqui, porque muitas mulheres sofrem violência dentro de casa, e quando a gente conhece nossos direitos a gente não deixa cabra nenhum bater em nós (V.M.S.A., 50 anos)

As falas das quebradeiras de coco demonstram claramente a relevância desses momentos que são, para elas, espaços de ensino e de aprendizagem, e que refletem bem a preocupação que as dirigentes do movimento possuem para o processo do aprender.

Suas conversas deixam evidentes que todos os espaços em que há a presença de estudos, palestras, seminários e oficinas no universo das quebradeiras de coco babaçu são pensados e proporcionados como fruto do planejamento e, principalmente, com o objetivo de atender as muitas realidades existentes nas comunidades.

A segunda fala destaca-se pelo caráter reflexivo expresso nas palavras da mulher que abordou a importância do MIQCB na vida dela e na da comunidade e, principalmente, do sentimento que carrega de ter sempre participado desse processo. Pontuou que quando as mulheres passam a conhecer seus direitos, elas não permitem viver a violência dentro de seus lares e nem a violência no trabalho.

As ideias expressas por essas quebradeiras de coco babaçu remete-nos ao pensamento de Paulo Freire (1972), quando defende que o acesso ao conhecimento é o acesso ao poder real, e essa é a única maneira de romper com a cultura do silêncio, da marginalidade e da dependência do indivíduo ao outro.

Nessas circunstâncias, os movimentos sociais como espaços não formais de aprendizagem, apresentam-se como sendo esse espaço de conscientização, de construção, de luta, tornando-se um espaço de saberes, ou seja, de educação, em que por si só ela não pode dar o poder às pessoas, mas pode ser a ponte para que os sujeitos sejam capazes de aumentar suas habilidades, seus recursos e, assim, possibilitar que esses sujeitos adquiram poder sobre suas vidas. Portanto, empoderamento é “permitir os indivíduos a ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão” (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007).

As atividades não se encerraram com o fim do seminário realizado pelos acadêmicos, pois os mesmos foram convidados pelas quebradeiras de coco presentes, para que fossem conhecer o local de coleta e quebra do coco, bem como do percurso realizado por elas, todos os dias para sobreviver e sustentar suas famílias.

Esse momento foi experimentado, com grande expectativa pelos acadêmicos, que viram a possibilidade de não somente ter o contato com as quebradeiras de coco e de suas histórias, mas de se aproximar de realidade do cotidiano dessas mulheres. Desse modo, de forma bem dinâmica, as mulheres providenciaram seus instrumentos de trabalho e junto com os acadêmicos iniciaram uma longa caminhada até o local escolhido. No meio dos babaçuais, as quebradeiras cataram o coco, sentaram em círculo e entoaram uma cantoria, para assim iniciar a quebra do coco.

Esse foi um momento de grande expectativa, pois era claro nas expressões do rosto de todos que estavam presentes, o fascínio de verem essas mulheres quebrar o coco ao som de suas cantorias, e de presenciar de perto as condições de trabalho que essas mulheres exercem diariamente sua profissão.

O ambiente dos babaçuais, a mulher quebradeira de coco, o cofo, o cacete e a música passaram naquele instante a ter um grande significado para os acadêmicos, pois o meio em que se encontravam tornou-se a prova viva de um conhecimento não mais teórico, mas algo vivenciado e sentido, em que as teorias tornaram-se reais, na medida em que se aproximaram do universo de vida e luta das quebradeiras de coco babaçu.

O espaço de saberes criados pelas quebradeiras de coco reflete os discursos realizados todos os dias através de suas lutas, já que mesmo estando diante de tantas dificuldades causadas pela falta de políticas públicas que possam representar mudanças positivas em suas vidas e nas vidas de seus familiares, e mesmo diante do preconceito, da discriminação, da falta de terra para coletar e quebrar o coco babaçu, essas mulheres demonstram em suas palavras e nas suas ações coletivas práticas que certificam que nunca estarão aceitando viver na condição de acomodação, mas que insistentemente estarão se mantendo firmes na luta por igualdade de direitos e de melhor qualidade de vida.

O discurso da impossibilidade de mudar o mundo é o discurso de quem, por diferentes razões, aceitou a acomodação, inclusive por lucrar com ela. A acomodação é a expressão da desistência da luta pela mudança. Falta a quem se acomoda, ou em quem se acomoda fraqueja, a capacidade de resistir. É mais fácil a quem deixou de resistir ou a quem sequer foi possível em algum tempo resistir aconchegar-se na mornidão da impossibilidade do que assumir a briga permanente e quase sempre desigual em favor da justiça e da ética (CARVALHO, 2004, p. 20).

O discurso da impossibilidade, como citado pelo autor, tem-se comprovado verdadeiro, quando fazemos relação com as quebradeiras de coco babaçu, que têm buscado modificar sua realidade através das parcerias com diferentes membros sociais da resistência, procurando não aceitar, não calar, não se acomodar diante das adversidades que as colocam cada vez mais em contextos de exclusão e preconceito.

Para uma compreensão mais apurada da relevância dos espaços e momentos de aprendizagens construídos pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu do MIQCB, destaca-se a realização de “oficinas”, pensadas e elaboradas por elas e garantidas pelo movimento; bem como as percepções que elas trazem do significado dessas atividades para suas vidas e para a manutenção do grupo.

Um indivíduo quando participa de uma oficina, ele aprende a se relacionar em grupo, a respeitar o seu limite e o do outro, aprende o que é capaz de fazer com suas competências e habilidades, a ensinar os parceiros de atividade e a receber orientações destes, enfim, é uma gama de aprendizagens (VERCELLI, 2013, p. 117).

Vercelli aponta, com propriedade, o significado para a aquisição de saberes e para o fortalecimento das relações sociais entre os indivíduos, o envolvimento dos sujeitos em atividades de oficinas, pois as relações construídas nesses espaços são de interação mútua, ou seja, não existe um que ensina e outro que aprende ambos vivem o ensino e aprendizagem.

Essa concepção de espaço de ensino e aprendizagem é muito bem explorada pelas quebradeiras de coco, segundo seus relatos, pois em seu universo, as oficinas tornam-se espaços propícios para os aprendizados, porque permitem que as mulheres sejam envolvidas em estudos e debates de grande relevância para a luta do movimento, assim como aprender contextos novos que se tornam de grande valor para o cotidiano de sua vida e de suas relações intra e extra familiares.

Freire (2000) defende que a capacidade que os indivíduos possuem de lutar por direitos e decidir sua própria vida, são na atualidade, um dos fundamentos do empoderamento de pessoas e de comunidades e, também, de possibilitar que estes tenham condições de decidir sobre sua vida, bem como encontrar meios de obter transformações sociais reais.

Nesse contexto, a realização de oficinas, ainda segundo narrações das mulheres quebradeiras de coco, possibilita que elas se expressem ao seu modo e com suas limitações, bem como se faça ser ouvida e também a ouvir as demais companheiras.

A oficina, para as quebradeiras de coco, permite às mulheres quebrar paradigmas, defender a si enquanto sujeito, sua profissão e matas, assegurando

saberes que servem para certificar maior autonomia, liberdade dentro de suas famílias e na vida em sociedade. Nas palavras de Oakley e Clayton (2013, p. 11), o conhecimento “pode oferecer legitimidade e autoridade, e sua construção e disseminação são ferramentas poderosas”.

Ainda de acordo com depoimentos sobre as oficinas, estas também são pensadas para proporcionar às comunidades formação para que as mulheres aprendam a fazer diferentes produtos retirados do coco babaçu, tais como: artesanato, sabão em barra, sabão em pó, sabonete, desinfetante e tantos outros. É o que se confirma na fala de E.C.C. (52 anos), ao afirmar que “*no movimento a gente cria momentos para que as mulheres aprendam a aproveitar cada vez mais o coco, por isso a gente organiza oficina [...]*”.

Para Stavracas (2013), os processos de aprendizagens que acontecem de forma coletiva e como facilitador para a inclusão sociocultural, possibilitam aos indivíduos criar novas e significativas oportunidades de acesso para os grupos da sociedade menos favorecidos.

Existem outros momentos de oficinas proporcionados pelo MIQCB que se tornam de grande valor para as mulheres. De acordo com R.S.G., as oficinas tem papel relevante para discutir projetos, estudar novos contextos e elaborar documentos. Ela descreve a seguinte atividade durante entrevista:

Uma oficina muito boa é a que a gente divide o grande grupão em 5 ou 6 grupos, e escolhe um relator para direcionar as atividades dos grupos. Para isso é feito um rodízio dos componentes dos grupos, permanecendo no mesmo local o relator. Cada grupo tem um tempo de 15 a 20 minutos para que sejam discutidos e pontuados pelo relator as discussões de cada grupo, e quando é encerrado o tempo há novamente um rodízio desses componentes. O relator nesse momento tem um segundo papel que também é de muita relevância que é o de socializar o que foi discutido no grupo pelos grupos anteriores, desse modo a dinâmica se encerra quando os grupos chegam no local que iniciaram as discussões. Os assuntos nessa metodologia são sempre diferentes para cada grupo, com esse formato a gente aproveita muito mais o tempo dado para as discussões. E para finalizar a atividade os pequenos grupos são chamados a fazerem um grande círculo e assim a gente faz uma discussão mais geral de tudo que foi debatido nos pequenos grupos (R.S.G., 30 anos).

R.S.G. descreve uma atividade bastante utilizada por elas em oficinas de grupos, que permitem que as mulheres do movimento possa discutir e estudar assuntos de interesses coletivos, bem como possibilitar às mulheres a se posicionar

com base tanto em conhecimentos prévios, como os adquiridos por meio das discussões e socializações das informações realizadas durante as atividades.

Em continuidade aos mais diversos espaços de aquisição de ensino e aprendizagem do universo das quebradeiras de coco babaçu, ressalta-se as oficinas que foram realizadas no VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu. As oficinas foram parte das atividades do encontro regional das quebradeiras de coco babaçu dos quatro estados que compõem o MIQCB, com o intuito de discutir temáticas importantes sobre a cultura e a juventude, assim como os territórios.

Para organizar o momento das oficinas houve a necessidade de formação de grandes grupos contemplando as bases regionais das participantes. O VII Encontro, como já citado anteriormente, atingiu um quantitativo de mais de 150 participantes dos quatro estados que fazem parte do MIQCB. Nesse modelo de organização, a regional de Imperatriz contou com as quebradeiras de coco babaçu dos municípios de Cidelândia, João Lisboa, Amarante, assim como os de Imperatriz com seus respectivos povoados, como é o de Coquelândia.

As orientações sobre o tempo de discussão e o momento do retorno das atividades, foram feitas pelos organizadores do encontro, que após as orientações, os participantes do evento buscaram locais apropriados para a realização de seus estudos e debates.

Para iniciar os trabalhos, a regional de Imperatriz procurou um espaço na área externa do CESIR, onde foi sugerido pelos integrantes do grupo a fazerem um grande círculo, assim como indicar uma pessoa do grupo para conduzir as atividades e que atuasse também como mediadora e relatora do grupo, para assim conduzir as falas, anotar as intervenções, sintetizar as ideias e escrever os pontos principais das discussões para uma folha de papel 40.

Segundo Bolzan (2002, p 63), as atividades realizadas em grupo e através de construções compartilhadas permite que os participantes adquiram a autonomia, possibilitando aos sujeitos envolvidos ir além do que seria possível, se estes estivessem trabalhando individualmente.

Nesse cenário, a relatora sugerida e aceita pelo grande grupo foi R.S.G., que assumiu a tarefa de conduzir todas as discussões. Para dar início ao processo de debate que teve como temática “cultura e juventude”, ela se utilizou da estratégia de *solução de problemas*, lançando para o grupo dois questionamentos que foram eles: “*Como as gerações diversas podem contribuir para uma maior integração entre si? e o que mudou nas antigas e novas gerações?*” (R.S.G., 30 anos).

A partir desses dois questionamentos, as mulheres quebradeiras de coco e os jovens deram início as suas intervenções; enquanto isso, a relatora fazia todas as observações e também conduzia as discussões para que as falas não fossem repetitivas e, desse modo, pudesse incentivar e permitir que o maior número de integrantes do grupo participasse do processo. A imagem a seguir demonstra essa realidade de discussão.

Figura 12 - Debate sobre a temática Cultura e Juventude na área externa do CESIR durante VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu.



Fonte: Autora da Dissertação, 2015.

As intervenções foram surpreendentes como se pode observar nas três falas seguintes das representantes do povoado de Coquelândia, sujeitos dessa pesquisa: R.S.G. (30 anos); E.C.C.(52 anos) e, T.J.C.P. (59 anos).

A fala de T.J.C.P. teve a finalidade de explicar para o grupo como eram e ocorriam as festas em tempos mais antigos em sua comunidade, e o quanto essas festividades foram sendo modificadas com o passar dos anos. Assim ela pontuou a importância do MIQCB de estar incentivando *“mais comemorações das festas de mães e pais, investir mais nos festejos, nas danças e quadrilhas”* (T.J.C.P., 65 anos).

E.C.C., em suas intervenções, procurou valorizar o comportamento cultural dos sujeitos, baseado nas mudanças porque têm passado a sociedade. Em seu posicionamento, ela procurou fazer uma análise sobre a importância das tecnologias, das redes sociais para divulgar a cultura das quebradeiras de coco; para tanto destacou que *“é importante entrar nessa tecnologia, mas deve saber usar, por isso os pais precisam acompanhar os filhos, porque cultura é identidade”* (E.C.C., 52 anos).

Já R.S.G. procurou fazer uma reflexão do papel das comunidades na manutenção da cultura. Pontuou que as tecnologias, nos dias de hoje, têm papel fundamental na manutenção da cultura, já que segundo ela *“a falta do conhecimento no mundo das tecnologias pode acarretar para as mulheres quebradeiras de coco, seus filhos e para toda a sociedade, um aprisionamento das culturas”* (R.S.G., 30 anos). Dando continuidade a sua reflexão, fez a seguinte exposição de suas ideias:

As mulheres precisam se empoderar. Quando eu trato de cultura eu trato de educação, união. Existe uma grande criminalização com as culturas de matrizes africanas. Se nós não nos aproximarmos das tecnologias, nós vamos ficar dominados por ela. Precisamos nos apropriar delas, do contrário essa tecnologia será um coronel ou um cacique que estará dominando a todos (R.S.G., 30 anos).

As três mulheres, ao se posicionarem, sobre a temática cultura e juventude procura em suas intervenções demonstrar as concepções que possuem de cultura, bem como de fazer uma análise conjuntural das mudanças de comportamento que têm atingido a sociedade em seus mais diferentes espaços, inclusive em suas comunidades.

A cultura nesse sentido é apresentada como algo dinâmico, o que de acordo com Gohn (2014, p. 33) *“é um processo vivo e dinâmico, fruto de interações onde*

são construídos valores, modos de percepção do mundo, normas comportamentais e de conduta social”.

Ainda tratando da oficina Cultura e Juventude, R.S.G. ainda fez uma fala em que cita que as mulheres precisam se empoderar. Ao falar sobre essa necessidade desse empoderamento, ela cita o valor da cultura como sendo parte de educação e união. A união defendida por R.S.G. é a união de grupos, tendo em vista que não se fala de cultura isoladamente dos demais sujeitos, já que a cultura é algo aprendido e desenvolvido pelos grupos.

Os discursos proferidos pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia demonstram, com bastante evidência, a carga de conhecimentos diversos existente em cada uma dessas aguerridas mulheres, bem como do quanto que elas valorizam as leituras de mundo e têm a capacidade de fazê-las para compreender o processo de grandes mudanças culturais que hoje passam as sociedades.

Adquirir novos conhecimentos, buscar se aproximar das mudanças que envolvem a sociedade do século XXI por meio dos avanços das tecnologias, e se apropriar dessas ferramentas é, para as quebradeiras de coco, segundo seus discursos, empoderar-se. O empoderamento destacado por R.S.G., é o poder que segundo Oakley e Clayton “está relacionado com o conhecimento, o qual consiste em uma fonte de poder e em uma forma de adqui-lo” (2003, p. 11).

Após o tempo estipulado de discussão e de problematização, a relatora e também mediadora da atividade fez a leitura de todos os pontos evidenciados como mais importantes pelo grupo, finalizando com a aprovação de todos os membros. Para a socialização das discussões foi reproduzido em uma folha de papel 40, de forma bem resumida, as principais ideias e assim foi levado para o grande debate entre todos os grupos que representavam as diferentes regionais do MIQCB, conforme imagem abaixo.

Figura 13 - Cartaz confeccionado durante VII Encontro das Quebradeiras de Coco no CESIR para socialização da oficina realizada sobre a temática Cultura e Juventude.

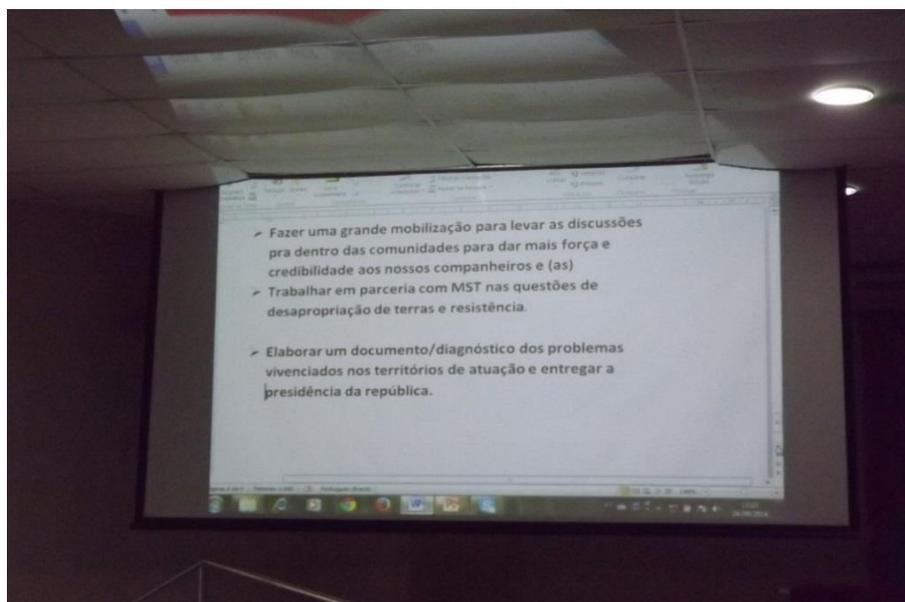


Fonte: Autora da Dissertação, 2015.

Em continuação as atividades realizadas no VII Encontro, abre-se espaço para destacar a segunda oficina, que teve como tema “Território e Resistência”. A mediadora e relatora do grupo continuou sendo R.S.G. (30 anos), que buscou em seu modelo de condução de atividade fazer novamente dois questionamentos envolvendo a temática a ser discutida: *“O que entendemos por resistência? Quais as maiores dificuldades enfrentadas hoje em relação ao território?”*.

A organização para a formação dos grupos seguiu os mesmos critérios da oficina de Cultura e Juventude, mantendo a mesma dinâmica. A relatora e também mediadora do grupo conduziu as atividades com base nos questionamentos elaborados; assim, para fazer a exposição das suas discussões ao final do trabalho, os participantes optaram pelo uso do computador em vez da folha de papel 40. Ao registrarem os pontos mais importantes das discussões realizadas pelo grupo, fizeram sua exposição usando um telão para reproduzir o material digitado, conforme se observa em figura a seguir.

Figura 14 - Material produzido durante socialização da oficina Território e Resistência durante realização do VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu.



Fonte: Autora da Dissertação, 2015.

Verificamos que o interesse do grupo de fazer uso das tecnologias nas discussões realizadas durante a oficina *Cultura e Juventude*, em que foi pontuado o poder das tecnologias frente à sociedade do conhecimento, fizeram com que o grupo fizesse a escolha pelo uso dessas tecnologias como ferramenta para levar à exposição e discussão dos assuntos discutidos e sintetizados durante a realização da oficina para planária.

As intervenções realizadas durante o estudo do grupo foram de grande relevância para todos os participantes, pois o momento foi escolhido pelas mulheres quebradeiras de coco mais experientes do grupo, como o espaço mais adequado para passar para os jovens as dificuldades que elas enfrentaram quando não existia o movimento, assim como as conquistas alcançadas durante anos de luta e resistência.

O espaço das discussões também foi propício para discutir ações a serem tomadas pelo MIQCB com a finalidade de obter uma maior organização e resistência do movimento com o intuito de diminuir os problemas mais evidentes que atingem suas comunidades e a vida de suas famílias.

Ainda sobre as intervenções realizadas na oficina *Território e Resistência*, essas aconteceram de forma aleatória entre os participantes, propiciando que homens e mulheres, jovens e adultos compartilhassem suas opiniões e seus conhecimentos sobre as concepções que tinham de território e resistência, como também que ações deveriam ser realizadas pelo movimento para a superação das dificuldades apontadas.

Desse modo, destaca-se a fala de uma quebradeira de coco que, em sua intervenção, procurou fazer uma análise mais ampliada dos problemas que estavam sendo discutidos, bem como levantou pontos importantes como ações para a superação das dificuldades das mulheres na luta por territórios.

As mulheres quebradeiras de coco, há 40 anos há atrás, não eram valorizadas, não eram conhecidas e nem reconhecidas como profissão de quebradeira de coco babaçu. Hoje, depois da criação do MIQCB, já avançamos muito, pois o movimento representa nossa resistência, foi com o MIQCB que passamos a defender nossas palmeiras, e lutar pela regularização da terra. Foi no movimento que vimos que era importante travar lutas grandes por conta das multinacionais que só ilude as pessoas [...]. O movimento ainda precisa avançar muito, porque onde não existe mulher lutando e resistindo, não existe território demarcado e não há babaçu livre. Precisamos entrar em defesa dos babaçuais, persistir e ensinar nossos filhos a resistir. Não devemos ter medo de ameaças e precisamos mobilizar mais e mais nossas comunidades para resistir esse crescimento de destruição da vida do homem no campo (E.C.C., 52 anos).

Ao se manifestar, E.C.C. oportuniza aos jovens um conhecimento possibilitado somente nos espaços não formais de aprendizagem, por intermédio dos discursos, das histórias de vida, das experiências, bem como de uma formação de indivíduos, que de acordo com Gohn (2013), estão voltados para a cidadania, procurando em suas relações evidenciar a questão dos valores e da cultura.

A obtenção de novos comportamentos culturais, necessários em todas as relações sociais, e mais ainda para os sujeitos envolvidos nos movimentos sociais, tornam-se dessa maneira espaços do saber que conforme Stravacra (2013, p, 68) “é um campo de aprendizagem e saberes que vem como um elemento compensatório e complementar para as pessoas menos favorecidas”.

Assim, ao finalizar o tempo das discussões os grupos se direcionaram para o auditório do CESIR para uma grande e rica socialização dos principais pontos discutidos por todos os grupos das regionais.

Todos os trabalhos apresentados demonstraram um conhecimento bem elaborado dos conceitos de territórios, além de apresentar interpretações diferenciadas dos componentes do grupo para as principais dificuldades vivida pelo MIQCB, e pelas mulheres e suas famílias em relação à falta de direito à terra, igualdade de acesso a bens e serviço, reconhecimento político e cultural e acesso aos babaçuais.

As intervenções foram feitas com a participação das mulheres e dos jovens presentes durante a realização da oficina, demonstrando que as diferenças de idade serviam muito mais para fortalecer as discussões do que para causar situações de desconforto e, ainda, proporcionar trocas de saberes permeados pelas diferentes expressões e linguagens em um compartilhar de distintas leituras de vida e de mundo.

As discussões realizadas no grande grupão foram sintetizadas e elencadas enumeradas no grau de importância para o grupo, e apresentadas em telão durante a socialização dos grupos regionais do MIQCB. Os elementos elencados com base nas discussões foram: que as mulheres não podem ter medo de ameaças; organizar os grupos para defenderem uns aos outros; lutar por mais escolas que atendam aos jovens do campo; lutar por mais políticas públicas, saúde, educação e energia rural; combater a violência contra a mulher através da Lei Maria da Penha; fazer grandes mobilizações para levar as discussões dentro das comunidades para dar mais força e credibilidade aos nossos companheiros(as); trabalhar em parcerias como MST nas questões de desapropriação de terras e resistências; elaborar um documento/diagnóstico dos problemas vivenciados nos territórios de atuação e entregar à Presidenta da República.

É nesse cenário de educação e de conquistas de diferentes conhecimentos, que o movimento busca possibilitar aos sujeitos sociais condições reais de ensino e aprendizagem, em que a aquisição de novos saberes passa a ter um grande significado simbólico na vida dos indivíduos, tornando-se dispositivos para novas e relevantes aprendizagens e, conseqüentemente para uma condição humana de empoderamento, que representa nessa perspectiva maior autonomia e liberdade.

5.4 A importância do ensinar e o aprender

Para as mulheres quebradeiras de coco babaçu, o aprender e o ensinar é um processo de grande amplitude para o fortalecimento delas e do movimento, pois é a partir desse conhecimento conquistado que elas acreditam, segundo seus depoimentos, que elas passam a viver o que denominam de empoderamento.

O movimento é um espaço que a gente consegue aprender e ensinar ao mesmo tempo, mais aprender. Eu não tenho uma formação acadêmica ainda, mas eu estou tendo uma formação que não se aprende dentro de faculdade nenhuma do mundo [...]. Quando eu terminar minha faculdade eu vou ter minha segunda formação, porque a primeira eu estou tendo, e esse trabalho que estou tendo no movimento é como se fosse minha especialização (risos) (R.S.G., 30 anos).

As atividades desempenhadas pelo MIQCB são compartilhadas por todas as mulheres, com o objetivo de que todas tenham total conhecimento de todos os assuntos, políticas e contextos que envolvem o universo das quebradeiras de coco.

A aprendizagem não caracteriza para essas mulheres tão somente assuntos que são discutidos em palestras, reuniões, encontros, seminários, oficinas ou outros espaços que levem a obtenção de conhecimentos, mas os conhecimentos que permitem que essas mulheres possam estar preparadas para todas as situações adversas da vida.

Tudo que nós aprendemos dentro da assessoria, a gente ensina para as mulheres que fazem parte da direção, então eu ensino onde estão os documentos, abri e-mail, escanear, imprimir, encaminhar mensagem, atender telefone, anotar recado, ela sabe onde está as prestações de conta, onde está os ofícios, sabe onde está tudo. São trabalho que eu faço que eu aprendo aqui, e que eu também ensino, porque quando eu não puder fazer, elas fazem tranquilo (R.S.G., 30 anos).

Falar no movimento de quebradeiras de coco para as mulheres que estão lutando por direitos no cotidiano desse movimento, é falar de oportunidade de aprendizados que serão levados não só para o presente de suas atividades, mas para toda a vida, é o que se confirma nas falas de R.S.G. (30 anos), quando discute a representação que o movimento tem em sua vida. Para ela o movimento “é algo muito rico, que quando eu chegar nos meus 40 ou 50 anos, eu vou levar pro resto da minha vida, tudo que eu aprendi e estou aprendendo, e esse conhecimento ninguém nunca vai me tirar”.

Para essa jovem quebradeira de coco o MIQCB tornou-se uma oportunidade de aprender sempre, pois esse passa a ser espaço dinâmico, marcado pela mais diferentes possibilidades de reunir, ouvir, falar, calar, ler, estudar, interpretar e refletir o mundo e a vida dos sujeitos nos mais diferentes papéis que ocupam na sociedade, permitindo que a partir dessa aquisição de saberes, ela passe a se tornar mais autônoma e segura para ocupar e atuar nas mais diferentes funções e ocupações humanas.

Os saberes das mulheres quebradeiras de coco adquiridos e compartilhados durante anos de experiência e de luta dentro do MIQCB tem levado as quebradeiras de coco babaçu, conforme R.S.G., a se tornarem mulheres mais dinâmicas e autônomas.

As mulheres que estão no movimento são mulheres hoje que sabem sentar, discutir, planejar, procurar metodologias, sabe concordar, discordar, acrescentar, contribuir, sabem construir, sabem opinar, sabem escrever, sabem dirigir, gestar, sabem fazer tudo, sabem fazer o que elas quiserem e ao mesmo tempo fazendo a diferença em suas comunidades. [...] levantar uma bandeira tão forte do movimento é mais uma quebra de mito que a mulher não pode fazer gestão, que mulher não pode dirigir, que mulher não pode presidenciar, que mulher não pode coordenar, que mulher não pode pensar ações, executar, planejar, participar de todos as etapas. Mulher pode, tanto faz se ela é quebradeira de coco, se ela é deputado, ela pode (R.S.G., 30 anos).

O pensamento de R.S.G. sobre as capacidades adquiridas pelas mulheres integrantes do movimento nos permite pensar no empoderamento defendido por Freire e Shor (1986), que muito mais que um invento individual ou psicológico, o empoderamento para ele se configura como um processo de ação coletiva.

Desse modo, enquanto processo e resultado, o empoderamento pode ser compreendido como um processo social no qual os sujeitos sociais tomam posse de suas próprias vidas pela interação constante e contínua com os outros, gerando um pensamento crítico em relação ao contexto vivido e, principalmente, favorecendo a construção da capacidade individual e coletiva, e possibilitando a transformação de relações de poder tanto no contexto social como particular.

6 MOVIMENTO SOCIAL E IDENTIDADE

Quando olhamos de forma crítica e reflexiva para a história dos movimentos sociais, percebemos que nas últimas décadas a construção da ideia de identidade, a partir do envolvimento dos sujeitos no interior de movimentos sociais pela afirmação de suas peculiaridades, regionalismo e nacionalidade, tem sido objeto de estudo e discussões em vários espaços acadêmicos.

A importância de conceituar, identificar e compreender a identidade, bem como verificar como se processa a formação, as aprendizagens e as transformações das identidades dos sujeitos sociais, têm alcançado nas últimas décadas, grandes destaques nos estudos de antropólogos, sociólogos, psicólogos, geógrafos, historiadores, filósofos, linguistas e educadores.

A identidade nesse sentido pode ser definida como um conjunto de características (históricas, econômicas, culturais...) que faz dele um grupo com identidade comum, diferenciando-o de outros grupos. Para Hall e Woodward (2000), é a identidade o fator determinante, que faz com que um grupo se diferencie de outro, pois é a partir dela que surge a construção e o sentimento de pertencimento, contribuindo para que sejam identificadas as semelhanças e diferenças entre os diferentes sujeitos.

6.1. Identidade ressignificada: caminhos para o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia

O interesse pela compreensão da construção da identidade tem feito do seu conceito um dos mais relevantes para refletir e analisar os fenômenos que envolvem

os sujeitos em um mundo cada vez mais globalizado. Assim, a construção da identidade percebida e compreendida a partir das relações sociais, formadas em meio a uma sociedade em constante mutação, faz-se necessária, visto que “os sujeitos criam e desenvolvem uma identidade ao grupo que o compõe, baseada em crenças e valores compartilhados” (GOHN, 2013, p. 18).

Nesse contexto, a identidade é influenciada pelo grupo, por aquilo que é aprovado, desvalorizado na percepção dos atores sociais de um determinado contexto, sejam eles em seus aspectos: físicos, sociais, políticos, econômicos ou culturais.

Os movimentos sociais, enquanto espaços dinâmicos de movimentação coletiva, apresentam-se como ambientes propícios para o fortalecimento de antigos saberes culturais, assim como a aquisição de novos, em que estes são pensados, planejados e construídos pelos grupos, tornando-se locais para que os sujeitos influenciem e sejam influenciados.

Para melhor compreender o conceito de identidade, salienta-se Castells (1999), que define a identidade como sendo um processo de construção e de significados tendo como base um atributo cultural, ou um agrupamento de atributos culturais similares, para tanto ele cita que toda e qualquer identidade não surge do nada, mas de forma construída, porém esse contexto vem sempre marcado por relações de poder.

Hall (2011, p. 12), em seus estudos, afirma que “a identidade, então, costura [...] o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis”, não havendo identidade absolutamente unificada³⁴.

A identidade cultural como se tem visto é social, pois é construída a partir das representações que os seres sociais têm de si e dos outros, assim como dos papéis que cada um desempenha no campo de suas interações. A identidade,

³⁴Stuart Hall (2011), em seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade”, apresenta uma importante análise da identidade, principalmente do ponto de vista da cultura nacional, afirmando que no mundo globalizado, as identidades se modificam, ou seja, que as identidades estão constantemente se deslocando.

consequentemente, revela-se no processo das reciprocidades compartilhadas entre os sujeitos num cenário representacional e também simbólico.

Desse modo o conceito de identidade nos permite compreender a dinâmica dos diferentes coletivos e espaços, bem como os processos de resistência, emergência e representação dos novos atores e pautas.

A participação dos diferentes sujeitos nos movimentos sociais apresenta-se como dimensão para levantar significativas bandeiras de luta e fonte de questionamento de valores e ações humanas, bem como da valorização da própria cultura, com a finalidade de possibilitar um diálogo com o mundo e com os outros movimentos da sociedade. Para Touraine (2006, p. 20), “os movimentos sociais são condutas coletivas e não crises ou formas de evolução de um sistema”.

O trabalho interventivo dos movimentos sociais pode, nesse sentido, ser percebido nos espaços não formais de aprendizagens, através de debates, seminários, encontros, oficinas e outros, permitindo que diferentes sujeitos se instrumentalizem de novos conhecimentos e, a partir deles “possibilite os indivíduos fazerem uma leitura de mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor” (GOHN, 2009, p. 31).

Assim, a construção da identidade deve e pode ser vista da perspectiva do reconhecimento de que o homem, enquanto sujeito dinâmico, é um ser condicionado tanto histórica quanto socialmente; logo, ele tanto pode como deve interferir na realidade que o cerca.

Essa dinâmica dos sujeitos em participar da sociedade de forma a conquistar a cidadania Lisboa e Manfrini (2005, p. 73) denomina de empoderamento, que serve para “entender e dimensionar o fortalecimento de capacidade de atores – individuais e coletivos – nos níveis local e global, público e privado, para a sua afirmação como sujeitos e para a tomada de decisões”.

Assim, o envolvimento dos sujeitos inseridos nos movimentos sociais, a partir da participação em espaços de estudos e debates, facilita as condições para que homens e mulheres identifiquem e avaliem com mais compromisso e responsabilidade, os saberes que convém para fortalecer a autonomia individual e

coletiva dos grupos envolvidos; bem como permitir que os indivíduos enquanto sociedade sejam capazes de partir da aquisição dos novos conhecimentos, viabilizar o protagonismo dos cidadãos, melhorar a qualidade de vida dos grupos e promover o desenvolvimento local.

Para Gohn (2013), a aprendizagem é consequência direta das práticas sociais; dessa maneira sua defesa parte do pressuposto de que o processo da aprendizagem é fruto das experiências das pessoas em situações de trabalho coletivo.

A cooperação dos sujeitos coletivos, fortalecidos pela participação nos movimentos sociais, permite a construção de identidade. Para Castells (1999), a construção da identidade significa que diferentes pessoas, ao se agruparem em organizações comunitárias, geram um sentimento de pertencimento e uma identidade cultural, comunal, em que os indivíduos, por intermédio da memória coletiva, estabelecem fontes peculiares de identidades, constituindo-se em forma de defesa contra as condições impostas pelo desalinho global e transformações sem controle e em ritmo acelerado.

É a partir desse contexto, que as mulheres quebradeiras de coco inseridas no MIQCB no povoado de Coquelândia, vêm se afirmando enquanto identidade de quebradeiras de coco babaçu, construída ao longo de anos, a partir de uma gama de mobilizações e lutas, com a finalidade de garantir o acesso livre ao “coco babaçu”, em razão da importância das palmeiras de babaçu para a sua manutenção física, social e cultural; bem como afiançar o respeito e a dignidade humana, fundamento basal e constitucional que está acima do direito de propriedade.

Nessa interpretação, a sociedade humana tratando-se de sua constituição, foi e continua sendo transpassada por contrastes, antagonismos e paradigmas, constituídos para a legitimação de poder; bem como a predominância e a ideologia na relação entre as diferentes classes sociais, as dominantes e dominadas, tencionando todas as formas de assimilação e racionalização da consciência dos indivíduos.

Para Stravacra (2013, p. 68), o século XXI é marcado por acontecimento que, a cada dia, torna-se mais fragmentado, o que propicia de forma ostensiva o acúmulo de renda de uma parcela ínfima da população, provocando a exclusão social e o não reconhecimento dos direitos humanos dos indivíduos.

É com base nesse modelo de sociedade, apresentado por Stravacra, que as mulheres quebradeiras de coco demandam através da participação no MIQCB a garantia de uma atividade extrativista, que se empenha na preservação das palmeiras de babaçu, seja em área de domínio privado ou público, haja vista que elas priorizam o uso das palmeiras nativas e não o domínio da terra. Para Geagro (2003, p. 47), “a participação efetiva das mulheres nas atividades do campo é contínua e crescente”.

Portanto, as quebradeiras de coco babaçu do MIQCB compõem um grupo social de identidade coletiva, que apresenta em suas lutas cotidianas, necessidades específicas para a realização das suas práticas sociais intrínsecas, pois possuem um modelo de trabalho e organização peculiar com a terra, além de recursos naturais diferenciados.

Shiraishi Neto (2006), em seus estudos, defende que, para as mulheres quebradeiras de coco, o acesso livre aos recursos naturais é um direito que tem maior valor e representatividade do que os direitos que assegurem a elas a propriedade da terra. Essa realidade é justificada tendo em vista que o fato de ter a posse da terra não representa para estas mulheres a incidência das palmeiras de babaçu.

Os estudos sobre territórios e cartografias, áreas de povoamento, são temas de grande interesse para as mulheres quebradeiras de coco, fato esse observado nas temáticas e discussões realizadas no VII Encontro das Quebradeiras de Coco Babaçu.

Para as quebradeiras de coco babaçu do MIQCB, existe uma grande simbologia territorial/espacial que ultrapassa as divisões geográficas tradicionais de simplesmente conceituar território; assim, a identidade de quebradeira de coco é ajuizada e vivida por meio de procedimentos que esquivam dos padrões

cartográficos estatais, pois seus estudos leva a interpretação de uma cartografia baseada na presença ou ausência das palmeiras de babaçu.

Nesse sentido, a identidade de quebradeira de coco tem relação direta com o “território” e a “luta”. Esses aspectos são constatados com grande destaque no depoimento de E.C.C., durante palestra realizada em uma faculdade, que ao abordar a história de luta das quebradeiras de coco no MIQCB fez as seguintes afirmações em relação a identidade:

Quando a gente fala da importância da identidade da quebradeira de coco, a identidade para nós significa o nosso território. Então para nós conseguirmos essa identidade, a gente tem que se fortalecer, tem que se organizar, tem que ter a coragem de botar a cara na reta e dizer o que é certo e o que é errado, entendeu? Pra gente conseguir a nossa identidade de quebradeira de coco, a gente vê que, muitas vezes, ainda hoje existe companheira que diz que tem vergonha de dizer “eu sou quebradeira de coco”, porque ela não se uniu pra buscar o conhecimento dos nossos direitos, e para saber o que é que significa ser quebradeira de coco. [...] Para nós essa é a nossa identidade de quebradeira de coco, é nós defendermos a nossa luta, para que nós venha a ter dias melhores para nossa família e toda população, porque se nós não lutarmos para nós preservarmos nosso território, daqui uns dias a gente não tem mais nada. E o que a gente está vendo aí é que as coisas estão ficando cada vez pior porque o povo não quer mais preservar. A gente luta pela preservação, o povo luta pela destruição, então para nós que somos quebradeiras de coco, isso é muito triste. Hoje quando a gente passa e vê o desmatamento, para nós é uma tristeza muito grande, pois está afetando a nossa identidade (E.C.C., 52 anos).

A identidade de quebradeira de coco babaçu, nas palavras de E.C.C., tem conotação direta com o território. O *território* é, nesse aspecto, o espaço geográfico que marca a presença das palmeiras de babaçu. Para tanto, a garantia dessa identidade, em suas falas, ocorre por meio da consciência coletiva e do fortalecimento do movimento, que exige que as mulheres envolvidas estejam em constante processo de estudos, debates, organização, planejamento, união e luta com o intuito de resistir ao modelo de dominação do capital e da falta de políticas de valorização e reconhecimento; assim como postular por mais direitos na garantia da preservação de sua cultura e da identidade de mulher quebradeira de coco.

Para Santinello (2011, p. 115), "a identidade dos indivíduos é construída pela necessidade de sobrevivência, bem como as intrínsecas variabilidades das relações sociais, e sua delimitação do contexto espaço e tempo em que o sujeito está

inserido”. Nessa continuidade, para as quebradeiras de coco babaçu, o desmatamento causado pela ação do homem provoca um sentimento de grande consternação, tendo em vista que o desaparecimento das palmeiras de babaçu é também o desaparecimento de seu território e, conseqüentemente, de suas heranças culturais e de sua identidade de quebradeira de coco babaçu.

Observa-se que as quebradeiras de coco constroem a concepção, adaptação e delimitação de suas fronteiras, regiões e propriedades, por meio das crenças, experiências e dos conhecimentos adquiridos, que se tornam, a partir desse entendimento, os espaços de luta pelo acesso aos babaçuais.

As observações coletadas durante pesquisa de campo e através das entrevistas com as histórias de vida permite-nos identificar que o trabalho de fortalecimento do pensamento coletivo e da necessidade da presença de luta constante das mulheres quebradeiras de coco babaçu na garantia de sua identidade/território, é fortalecida em todos os espaços de reuniões, de estudos e encontros efetuados pelo MIQCB, com o propósito de garantir o acesso ao território.

Os movimentos sociais, enquanto possibilidade de intervenção social e de tornar-se espaços para a construção de novos saberes, permitem, por meio da multiplicidade de ideias, o surgimento de uma identidade diversificada e impregnada de novos e relevantes conhecimentos, de outras vozes, de outras probabilidades de conhecer, interagir e participar de forma mais consistente e responsável na sociedade, levando os indivíduos a adquirir condições de atuar na sociedade de forma crítica e participativa.

São esses espaços de movimentação social, política e cultural e de aquisição de novos e significativos saberes que permitem a formação de sujeitos mais resistentes, autônomos e conscientes do seu papel na sociedade, na luta por transformações positivas e, principalmente, pelo aumento de sua autoestima e de sua autoconfiança.

Para Leon (2000), o desenvolvimento da liberdade de alternativa e de atuação, e a ampliação da capacidade de atuar dos sujeitos sobre os recursos e decisões que afetam suas vidas é o que se denomina de empoderamento.

Dessa forma, é a partir das vivências compartilhadas entre essas mulheres, no seio das matas, ou nos espaços de planejamento, reuniões, debates, estudos, lutas, intervenções, ensino e de aquisição de novos saberes com o intuito de tomar decisões que permitam ressignificar suas vidas e possibilitar melhores condições de vida, que seu universo cotidiano é conformado e suas histórias são resguardadas, refletidas e ressignificadas.

Percebe-se, por intermédio das intervenções das quebradeiras de coco, que o território tem um elo direto com a concepção que as mulheres possuem de identidade; para tanto a identidade é percebida em vários outros espaços, haja vista que este é assunto constante de seus planejamentos, reuniões, encontros, e de suas falas nos mais diferenciados espaços que se fazem presentes.

6.2 Saberes, Cultura e Identidade das Mulheres Quebradeiras de Coco

Há uma impossibilidade muito grande em pensar a vida humana sem história. A narrativa histórica que envolve o cotidiano do ser humano ao longo de suas transformações, transmite valores, visões de mundo e ajuda a compreender a sociedade do hoje, a partir de suas diferenças e semelhanças; bem como do comportamento cultural vivenciado pelas diferentes sociedades.

Até o aparecimento da modernidade, o homem era capaz de decidir, definir e localizar suas ações a partir de referenciais políticos e sócio-culturais estáveis; no entanto, as alterações estruturais provenientes da globalização e da deformidade das noções de tempo e espaço produziram novos desenhos para os muitos domínios de sociabilidade humana.

Nesse sentido, o século XXI surge marcado por uma sociedade cada vez mais complexa, dinâmica e conturbada, fruto das transformações provocadas pelo acelerado ritmo das informações, interferindo diretamente nas mudanças dos comportamentos culturais. Essas transformações culturais levam ao surgimento de uma população com a sua própria e distinta concepção de mundo, maneiras próprias de lidar com o tempo, espaço, o que reflete no cotidiano das relações

sociais, mudanças na vida familiar, nas reações com as diferentes situações de problemas e nas concepções de valores.

A cultura, nesse cenário, surge como instância onde o homem realiza sua humanidade, não sendo possível discutir as transformações do comportamento humano sem um olhar atento para ela, haja vista que as mudanças por que passa as sociedades não podem ser percebidas de forma estática, mas, acima de tudo, como produto coletivo da vida humana e como forte executor de identificação pessoal e social, um exemplo de comportamento que integra segmentos sociais e gerações e fomenta sua interação ao grupo.

Cultura é um território bem atual das lutas sociais por um destino melhor. É uma realidade e uma concepção que precisam ser apropriadas em favor do progresso social e da liberdade, em favor da luta contra a exploração de uma parte da sociedade por outra, em favor da superação da opressão e da desigualdade (SANTOS J., 2006, p. 45).

A cultura é apresentada como algo construído por meio das relações sociais, uma vez que esta é uma característica natural do homem que vive em sociedade. Ressalta-se ainda que cada grupo humano é detentor de suas particularidades e que essa realidade precisa ser vista como um viés para o progresso social, e para a liberdade em relação a dominação de uma sociedade em relação a outra.

No entanto, cada contexto cultural tem uma lógica própria que marca as características internas dessa realidade, a qual é fundamental conhecer para que façam sentido em suas práticas, tradições, bem como suas percepções e transformações. (SANTOS J., 2006, p. 8).

Linton (2000, p. 96), afirma que a cultura de qualquer sociedade “consiste na soma total de ideias, reações emocionais condicionadas a padrões de comportamento habitual que seus membros adquiriram [...] e de que todos, em maior ou menor grau, participam”; assim, a cultura nesse ambiente é indispensável aos membros de uma dada sociedade.

Portanto, a cultura é analisada como uma soma dos costumes, tradições, valores, é um jeito de ser e de pertencer a algum lugar ou grupo; é compreendida como um forte agente de identificação social e pessoal, e mais ainda, como um

modelo de comportamento que integra segmentos sociais e gerações, além de fomentar sua integração com o grupo, realidade essa, que pode ser bastante fortalecida através do envolvimento dos sujeitos em prol de lutas comuns.

É interessante salientar que no mundo de pluralidade cultural não existe uma única cultura e muito menos uma única história, mas várias histórias humanas, que expressam possibilidades de vida social diversificada e organizada.

Ainda nos estudos de Pires (2006), a cultura está relacionada aos componentes simbólicos do comportamento humano como a língua, religião, os hábitos de vida; assim, as convenções culturais não são vistas como sendo somente um estudo de costume, haja vista que sua importância se dá por defender que a cultura é o estudo do conhecimento e da evolução histórica da consciência humana.

Esse comportamento humano e, conseqüentemente cultural, é um indicativo de que a identidade não pode ser visualizada como algo estável, mas que o processo de interação mútua dos diferentes sujeitos nos mais diversos espaços sociais permite que o sujeito contemporâneo construa e fortaleça uma identidade, não na perspectiva da linearidade, mas de forma assimétrica (HALL, 2011).

O conceito identidade está diretamente vinculado à ideia de projeto, de algo que se encontra sempre em construção, distanciando-se, pois, da noção de repertório imagético que circunscreve o sujeito em torno de referenciais simbólicos supostamente estáveis, homogêneos, coesos e unificados (SILVEIRA, 2010, p. 70).

Ao estabelecer uma interlocução com o autor citado, é adequado afirmar que idealizar um discurso de identidade que seja único, coeso e completo em si mesmo, torna-se uma alegoria, situação que o sujeito, por meio de seus posicionamentos frente às realidades sociais, culturais, econômicas e políticas, assumem identidades múltiplas, permitindo que, através da história de vida, o sujeito adquira sentimento de pertença e dê sentido à sua vida.

Os seres humanos são seres interpretativos, instituidores de sentido. A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações (HALL, 2011, p. 26).

É em virtude da afirmação de Hall que se pode assegurar que o cenário contemporâneo é caracterizado por aceleradas e permanentes transformações, que nos permitem apontar que o arcabouço da história humana é determinado por meio de experiências vivenciadas em distintos contextos das relações humanas, bem como das experiências registradas mediante memória.

A memória não pode ser considerada como uma evocação literal do passado, mas antes uma reaproximação, ou melhor, uma recriação do vivido. Sendo assim, a memória está presente em tudo e em todos. Nós somos tudo aquilo que lembramos; nós somos a memória que temos (SILVEIRA, 2010, p. 73).

Assim, falar de memória não é fazer referência somente do passado, mas tratar de um fenômeno que traz por si só um sentimento de continuidade e de coerência, sendo também relacionado ao processo individual como o coletivo em construção, tornando-se uma pedra fundamental para o entendimento que se quer atribuir para a identidade.

Nesse sentido, é importante revelar que é comum para as mulheres quebradeiras de coco babaçu que fazem parte do MIQCB, se autoafirmar como identidade de quebradeiras de coco, para isso suas memórias são sempre revisitadas nos espaços de planejamento, estudo e realização de atividades fora e dentro das comunidades, como forma de comprovar para o grupo os avanços que já conquistaram a partir do envolvimento delas com o movimento. Para Pollak (1992, p. 5), “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva”.

A afirmação da identidade entre as quebradeiras de coco envolvidas no movimento é, portanto, confirmada por intermédio de suas falas, posicionamentos, posturas, instrumentos de trabalho e vestimentas. Para melhor entender esse contexto, salienta-se a fala de E.C.C. durante uma reunião de mulheres quebradeiras de coco realizada no povoado de Coquelândia, para organizar uma atividade de mobilização e conscientização em alusão ao Dia Internacional da Mulher.

Nós mulheres precisamos nos unir, precisamos fazer valer nossa identidade de mulher e também de quebradeira. Temos que mobilizar muitas mulheres pra essa atividade em nossa comunidade, porque assim todas as mulheres

tem a chance de conhecer seus direitos e ainda exigir respeito das suas famílias e maridos ou companheiros. Nós ainda temos muito pra conquistar companheiras em nossa sociedade, e tudo isso só será realidade de verdade se passarmos a mostrar nossa voz. Não podemos ter vergonha de dizer que somos quebradeiras de coco, e é isso que as demais companheiras precisam entender. Então vamos fazer uma atividade bonita em nossa comunidade, entregar nossos panfletos com tudo que somos e podemos fazer (E.C.C., 52 anos).

Percebe-se através do posicionamento de E.C.C. durante reunião, que movimentar o grupo e realizar atividades de conscientização é de grande significado para o fortalecimento da identidade da mulher quebradeira de coco, tendo em conta que é a conscientização e o reconhecimento de sua importância e de seu valor, enquanto sujeito de direitos e deveres, que vão possibilitar às mulheres integrantes do MIQCB, criar as condições para fazer o enfrentamento necessário para vencer o preconceito e a discriminação de parte considerável da sociedade; assim como lutar por políticas públicas de defesa dos babaçuais e do direito de permanecerem com a tradição da quebra do coco.

A identidade de um indivíduo é, nas palavras de Santinello (2011, p. 155), construída em decorrência da necessidade de sobrevivência, bem como as específicas oscilações das relações sociais, e sua demarcação do contexto espaço e tempo em que o sujeito está inserido.

De acordo com os relatos, para as mulheres quebradeiras de coco participar de atividades de mobilização e de sensibilização da sociedade, fruto de um planejamento e organização do movimento, é garantir que um maior número de pessoas possa conhecer a história e a importância do papel das quebradeiras de coco na sociedade.

Para Barqueiro (2012, p. 176), o empoderamento está relacionado à habilidade das pessoas de adquirirem conhecimento e controle sobre forças pessoais, com o objetivo de agir, de melhorar sua qualidade de vida, além de aumentar a capacidade de se sentirem influentes nas relações que determinam suas vidas.

Esse contexto, se verifica nas ações implementadas pelas quebradeiras de coco babaçu que acreditam que mobilizar a sociedade é uma forma de garantir o

reconhecimento, a valorização e o compromisso de todos em prol da garantia por mais justiça social.

Destaca-se para contemplar ainda o pensamento de Barqueiro, um pequeno trecho da entrevista de E.C.C., na qual para falar sobre a importância das articulações e mobilizações do MIQCB com outros segmentos da sociedade, tal como da necessidade de atrair um número cada vez maior de mulheres quebradeiras de coco para o movimento, fez o seguinte questionamento: “*se as pessoas não sabem quem nós somos, como vão nos respeitar? Como vão querer comprar nossos produtos?*” (E.C.C., 52 anos)

Outra importante colocação que merece ser salientada para uma avaliação mais completa da importância das mulheres quebradeiras de coco se inserir no movimento e, a partir do conhecimento adquirido, fortalecer sua identidade, falas e posicionamentos frente aos desafios de vencer o preconceito, a discriminação e a falta de apoio da sociedade, é o que diz R.S.G. (30 anos), quando durante entrevista e ao falar de sua militância no MIQCB afirmou que “*as mulheres que não estão inseridas no movimento são constantes o sentimento de negação da identidade*”, e acrescentou afirmando:

A identidade de quebradeira de coco é algo que já nasce com ela. O movimento aflora ainda mais a identidade. Quando as mulheres não conheciam o movimento, quando não eram organizadas, quando não faziam parte de nenhuma organização, elas eram muito mais discriminadas. No movimento aprendemos muitas coisas que não tivemos oportunidade, e que ajuda as mulheres a se aceitarem, a se sentirem importantes e melhorar de vida. Para você ter a dimensão, muitos são os depoimentos de mulheres em nossos encontros falando de como eram suas vidas antes de entrarem para o MIQCB. Vou contar a história de uma delas. Essa quebradeira de coco disse durante um encontro realizado pelo movimento que quando não fazia parte do movimento, ela tinha vergonha de se apresentar como quebradeira de coco. Por isso, muitas vezes, quando ela e suas irmãs vinham do mato e ouviam o som de algum carro, elas corriam para se esconder no mato, e quando não dava para se esconder elas jogavam no mato o cofo, machado, o coco que tinham quebrado o dia inteiro, e quando o carro passava começa outra agonia, porque elas tinham que procurar o que jogava no mato e catar o coco, porque as vezes o cofo caía deitado e derramava o coco quebrado. Ela contou também que ainda tiravam o pano da cabeça, tentava tirar as sujeiras das mãos, se sacudiam, procurava se arrumar, tudo para esconder sua identidade, esconder que eram quebradeiras de coco, porque elas eram muito discriminadas. E isso só acontecia porque nessa época as quebradeiras de coco eram discriminadas a ponto de serem agredidas psicologicamente, fisicamente, emocionalmente, muitas vezes pelos próprios companheiros e maridos, pois muitas pessoas viam as quebradeiras de coco como algo repugnante, como

algo sujo, como algo indigno de respeito, e por conta disso elas se desfaziam de sua identidade (R.S.G., 30 anos).

Para R.S.G., dizer que a identidade de quebradeira de coco já nasce com ela, é afirmar que o cotidiano, por meio dos costumes, dos comportamentos aprendidos e desenvolvidos através das relações sociais intra e extra familiares têm valor fundamental na construção do ser humano.

Descrever a identidade como algo que nasce com o indivíduo, é confirmar as ideias de Castells (1999), que defende que a construção da identidade está interligada ao contexto da vida social dos indivíduos. A identidade, nesse sentido, se constitui a partir do cotidiano, e da interação mútuas entre os seres.

Portanto, é de fundamental expressão compreender as construções e desconstruções vividas no interior do movimento social de quebradeiras de coco, possibilitada pelo interesse do grupo de adquirir novos aprendizados por meio das atividades realizadas pelo MIQCB, bem como da participação em outros espaços sociais de debate.

As aprendizagens das mulheres quebradeiras de coco são bastante demonstradas por intermédio de suas falas, pois seus discursos, nos muitos espaços em que frequentam, suas análises e posicionamentos demonstram um conhecimento que está além daqueles adquiridos no interior das matas, tendo em vista que boa parte dessas mulheres não tiveram oportunidade de dar continuidade a seus estudos.

A busca por novos saberes, nos mais variados espaços sociais, e do controle de sua própria vida e história, bem como da tomada de consciência das suas habilidades e competências para produzir, criar e gerir seus destinos permite às mulheres quebradeiras de coco, posicionar-se frente aos desafios e problemas da sociedade contemporânea, tendo em conta que suas reivindicações partem de um olhar crítico para as questões sociais, econômicas, políticas e culturais, na busca por uma sociedade com menos injustiças sociais e maior garantia de dignidade.

Para Lisboa e Manfrini (2005, p. 73), o empoderamento é a conquista do indivíduo enquanto ator social na conquista da cidadania, ou seja, é quando os indivíduos utilizam seus recursos, sejam eles econômicos, sociais, políticos ou

culturais, para atuar com compromisso e responsabilidade nos espaços e na defesa de seus direitos.

O empoderamento nosso é ter o conhecimento de defender a nossa natureza, as nossas raízes, a nossa cultura, isso é que é empoderamento, é a gente sair lá da base, ter aquele conhecimento o que é o sindicato, o que é associação, o que é os nossos direitos de mãe de família, de trabalhadora rural. De primeiro, no tempo da minha mãe, a quebradeira de coco não sabia nem o que era um celular. Um tempo desses chegou um rapaz e foi fazer uma pesquisa na minha casa, aí chegou, e eu estava com um celular em cima de um monte de coco, quebrando coco e um rádio lá tocando, aí ele olhou assim e disse: rapaz, quebradeira de coco é chique. Eu digo meu amigo, a quebradeira de coco que realmente é quebradeira que não tem vergonha de dizer que é quebradeira de coco ela é chique mesmo e eu tenho orgulho de ser chique, (risos) [...]. Antigamente o latifúndio chegava lá na casa da minha mãe e dizia aqui você não entra pra pegar um coco porque se você entrar aqui eu lhe corto de facão, eu duvido aqui agora qual é o que tem coragem de dizer isso pra Eunice, eu mudo até meu nome, por quê? Por que naquela época meus pais não conheciam, não sabiam o que eram os direitos, ah se falassem em direitos, eles achavam que já iam pra justiça, que ia dar era processo, cadeia, mas hoje não. Hoje toda quebradeira de coco tem um notebook por quê? Porque nós cansamos de sermos mal informadas, nós também precisamos ter informação porque nós somos quebradeiras de coco, somos da roça mais não significa que nós somos burras, não de maneira alguma, a gente está aqui para lutar, para buscar os nossos direitos, nossos conhecimentos de trabalhadora rural e de quebradeira de coco e a gente vai atrás e vai ficar com esse direito (E.C.C., 52 anos).

Para E.C.C., ter conhecimento é se empoderar, pois é a partir dos conhecimentos conquistados que as mulheres passam a explorar mais seus direitos e, conseqüentemente, impor-se diante da sociedade que discrimina e desvaloriza seu papel na sociedade.

O conhecimento, ainda na perspectiva do empoderamento, é o que permite à mulher conquistar um espaço na sociedade, que lhe garanta maior poder econômico, permitindo que esta encontre os meios necessários para se apropriar de bens, que possibilitam inclusive participar, cada vez mais, da sociedade da informação através do uso das tecnologias, situação destacada por E.C.C. A aquisição do conhecimento, a forma de oferecer para os indivíduos “legitimidade e autoridade, e sua construção e disseminação são ferramentas poderosas”. (OAKLEY; CLAYTON, 2003, p. 11).

A identidade também é contemplada na fala de E.C.C. que abaliza que uma mulher que realmente se assume quebradeira de coco, não nega sua identidade. Suas palavras nos permite afirmar que, para essa quebradeira de coco, há um reconhecimento claro em relação ao que ela percebe de diferenças entre a vida do homem do campo e da cidade, para tanto isso não representa, em suas concepções, qualquer impeditivo para não se apropriar de todas as ferramentas, bem e serviços que todo sujeito de direito possui.

O anseio de mudanças das quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia, o desejo pelo conhecimento, a busca por informação, a vontade de aprender e de conquistar novos espaços, assim como de lutar por uma sociedade mais consciente e cidadã foram apresentados também em uma audiência pública, realizada na Câmara Municipal de Imperatriz, em abril de 2015, em que mulheres quebradeiras de coco fizeram-se ser ouvidas com o objetivo de cobrar políticas públicas de valorização e direitos.

Na tribuna, J.T.S. deu o seguinte depoimento ao falar dos problemas que enfrentavam por conta do grande número de árvores de eucalipto que estão sendo plantadas na região e que estão atingindo diretamente a sobrevivência e a manutenção das quebradeiras de coco no Maranhão.

Senhores vereadores, eu quebro coco desde os meus sete anos de idade, não sei fazer outra coisa que não quebrar coco. Sobrevivi a fome porque minha mãe quebrava coco, e eu sustentei meus sete filhos por que também quebrava coco. Hoje já não temos mais local para quebrar coco, tudo está sendo tomado pelo eucalipto, e não temos visto ninguém fazer nada por nós. Só vejo o governo defender os empresários e fazendeiros. Sobreviver do coco é um direito que temos, e todos sabem que existe uma lei do babaçu livre [...], e hoje estamos aqui para saber de vocês porque essa lei não funciona em Imperatriz. Tudo que sei e sou devo ao coco babaçu, é por ele que estou aqui, para cobrar nossos direitos, para cobrar de vocês que vejam que muitas pessoas também vivem do coco babaçu, e se não for feito nada, daqui mais alguns dias teremos mais gente passando fome, porque não vai sobrar mais babaçuais. Muito obrigada, era isso que eu tinha pra dizer(J.T.S., 65 anos).

É notório o significado que o coco babaçu apresenta na fala dessa mulher quebradeira de coco, que ao buscar na memória a sua infância evidenciou que desde os sete anos de idade vive da quebra do coco, e apresenta que viver essa realidade foi o garantidor da sobrevivência de sua família diante da fome por que passou ao lado de seus pais e filhos.

J.T.S. cobra um posicionamento do poder público para garantir o acesso livre das quebradeiras aos babaçuais, tendo em vista que a Lei do Babaçu Livre garante a proibição da derrubada das palmeiras de babaçu, e o acesso livre das mulheres às matas, para tanto, pontua que a lei existe, contudo não há o cumprimento dela por parte dos proprietários de terras.

E acrescenta ainda, que a falta de políticas públicas que garanta a permanência e manutenção das famílias no campo, representará em um futuro próximo, um número cada vez maior de pessoas em condições de vida cada vez mais difíceis.

As observações realizadas nos espaços de quebra do coco nos momentos das reuniões e, em visitas aos espaços familiares, permite-nos apontar que a participação das mulheres quebradeiras de coco no MIQCB, assegura-lhes uma sucessão de oportunidades para a obtenção de novos e significativos saberes, situação essa que possibilita às integrantes do grupo obter maior poder organizacional e, dessa forma, lutarem por mais direitos, justiça, igualdade social e, principalmente, que encontrem cenários propícios para melhorar sua realidade social e econômica e, assim, garantir melhor qualidade de vida para sua família e comunidade.

Retornamos ao olhar do empoderamento na concepção de Freire e Shor (1986) que, muito mais que um invento individual ou psicológico, configura-se como um processo de ação coletiva. Desse modo, enquanto processo e resultado, o empoderamento pode ser compreendido como surgido de um processo social, no qual os sujeitos sociais tomam posse de suas próprias vidas pela interação constante e contínua com os outros, gerando um pensamento crítico em relação ao contexto vivido e, principalmente, favorecendo a construção da capacidade individual e coletiva, e possibilitando a transformação de relações de poder tanto no contexto social como particular.

O empoderamento envolve um processo de conscientização, a passagem de um pensamento ingênuo para uma consciência crítica. Mas isso não se dá no vazio, numa posição idealista, segundo a qual a consciência muda dentro de si mesma, através de um jogo de palavras num seminário. A conscientização é um processo de conhecimento que se dá na relação dialética homem-mundo, num ato de ação-reflexão, isto é, se dá na práxis (FREIRE, 1979).

Nessas circunstâncias, os movimentos sociais se apresentam como sendo esse espaço de conscientização, de construção, de luta, tornando-se um espaço de saberes, ou seja, de educação, em que por si só ela não pode dar o poder as pessoas, mas pode ser a ponte para que os sujeitos sejam capazes de aumentar suas habilidades, seus recursos e, assim, possibilitar que esses sujeitos adquiram poder sobre suas vidas. Portanto, empoderamento é “permitir os indivíduos a ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão” (HOROCHOVSKI; MEIRELLES, 2007).

O MIQCB representa para as mulheres quebradeira de coco, o espaço em que se processa a autoaprendizagem e a aprendizagem coletiva com o objetivo de propiciar aos participantes do movimento condições para adquirir as ferramentas necessárias para vencer os obstáculos, provocados pela falta de terra, das dificuldades ao acesso aos babaçuais, pelas condições mínimas para exercer suas atividades de coleta e quebra do coco com dignidade, assim como busca maior valorização e respeito perante o poder público e a sociedade em geral.

Nesse sentido, o movimento passa a ser a porta de entrada para o fortalecimento coletivo a partir da aquisição de novos aprendizados, possibilitando que essas mulheres tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade. Para melhor expressar o significado da participação das mulheres no MIQCB, destaca-se um trecho da entrevista concedida por T.J.C.P. que explicita os benefícios para sua vida em fazer parte de um movimento de mulheres quebradeiras de coco babaçu:

Eu no movimento, já fiz muita coisa, já participei de muitas reuniões, de muitos estudos. Já tivemos a presença de pesquisadores de muitos lugares do Brasil pra falar pra nós. Tudo que sabemos hoje é porque o movimento fez com nós tivesse mais oportunidade de aprender. E tudo que nós aprendemos nós levamos para as outras companheiras [...]. Nossa vida, já melhorou muito, porque antes tudo era mais difícil, ninguém queria saber de nós, e hoje nós somos chamadas para muitos lugares para falar da quebradeira. Nós também temos melhorado devagarinho nossa vida dentro de casa, porque no MIQCB nós temos como vender mais nossos produtos [...]. (T.J.C.P., 59 anos).

O movimento próprio das quebradeiras de coco babaçu por meio dos muitos espaços de socialização e interação do grupo, apresenta-se na vida das mulheres, como um ambiente de oportunidades propício para obter os instrumentos

imprescindíveis, fundamentados pelas trocas de saberes que conquistados e compartilhados entre seus membros, permita que essas mulheres extrativistas pensem de forma autônoma e tornem-se sujeito da construção do conhecimento, propensas para as novas oportunidades de aprendizagens.

A experiência dos movimentos sociais é marcada por esses processos de fluxos e refluxos, visibilidade e invisibilidade, avanços e espera. Nessa continuidade onde se intercalam desejos e concretudes, onde se desenham e se executam projetos, que os movimentos se constituem, se movimentam e se transformam, transformando quem o cerca (MESQUITA, 2006, p. 126-127).

J.T.S., em uma das várias reuniões realizada pela direção do MIQCB da Regional de Imperatriz para planejamento de atividades fez uma intervenção de grande relevância ao tratar do número de mulheres que ainda não haviam se associado ao MIQCB e fortaleceu o posicionamento de que era urgente a necessidade de atividades com o objetivo de levá-las mais a participarem de um mesmo projeto de luta.

Companheiras, precisamos provocar mais mulheres a participar da nossa luta, não podemos deixar que tantas mulheres fiquem sem se associar ao nosso movimento. Se essas mulheres estivessem aqui estaríamos muito mais fortes para lutar. Por isso, vamos pensar em fazer mais reuniões de mobilização nas comunidades. Enquanto não fazemos nada, as empresas estão chegando cada vez mais nas comunidades e usando elas, seus filhos e maridos para trabalhar pra eles, e assim ajudar a destruir nossas palmeiras(J.T.S. 65 anos).

O posicionamento de J.T.S. demonstra sua consciência política, pois é contundente em afirmar o fato de muitas mulheres não participarem do movimento de quebradeira de coco as deixam mais vulneráveis e, dessa maneira, mais propensas a aceitarem sem questionamentos a presença, cada vez maior, de investimento do agronegócio e de empresas que utilizam como matéria-prima o eucalipto, situação essa de combate constante das mulheres da Regional de Imperatriz que fazem parte do MIQCB.

Enfatiza-se que para atender o mercado econômico do capital nas áreas que hoje correspondem ao universo das quebradeiras de coco babaçu no povoado de Coquelândia, grandes investimentos vêm sendo realizados através do plantio de

eucalipto com o objetivo de servir de matéria-prima para empresa de papel e celulose instalada na região e, ainda, com o agronegócio.

Os grandes investimentos feitos na região representam na atualidade a derrubada de centenas de palmeiras de babaçu, fonte de renda e o garantidor de uma identidade coletiva de mulheres que vivem e sustentam suas famílias por meio da coleta e quebra do coco; bem como da segurança de um modelo de vida que representa um comportamento de grupos humanos que aprenderam através do cotidiano de suas relações familiares a prática da cultura da quebra do coco.

Figura 15 - Quebradeira de coco em um dia de trabalho extraíndo as amêndoas do coco babaçu.



Foto: Autora da Dissertação, 2015.

Para as mulheres militantes do MIQCB, participar e estar envolvidas nas atividades do movimento permite que mais mulheres vivenciem experiências coletivas de vida, que levam a promoção da consciência auto emancipadora e desperta um sentimento de pertencimento que se torna evidente em suas falas, depoimentos, em seus discursos referentes às relações cotidianas familiares, bem como, em suas práticas da realização do trabalho.

Para Oakley e Clayton (2003), o empoderamento que surge fundado nas relações coletivas resulta na maior capacidade para os grupos para se constituírem

e, desse modo, atender suas necessidades ou conquistar maior acesso ao poder econômico, social e político.

Assim, as quebradeiras de coco babaçu, enquanto comunidade tradicional, detentora de necessidades específicas como; o direito a terra, acesso aos babaçuais, e conseqüentemente, o direito ao reconhecimento de sua identidade como quebradeira de coco babaçu revela-se diante da sociedade como exemplo de luta por dignidade humana, resistência e força coletiva.

São mulheres que mesmo diante de uma sociedade marcada pelo preconceito e discriminação provocados por um modelo de sociedade machista e preconceituosa e ocupar um espaço de trabalho do ambiente rural com predominância histórica do masculino, desafiam a sociedade por um modelo de sociedade igualitária.

6.4 Identidade, poder e gênero

A luta das mulheres na conquista por igualdade e justiça tem sido a bandeira de luta de milhares de mulheres ao longo de séculos. A mulher submissa, tratada como objeto sexual e exemplo de fragilidade humana está, cada vez mais, deixando de existir, dando espaço a mulher trabalhadora, independente, batalhadora, ciente de seus direitos e deveres perante a sociedade.

Derrubar tabus e revolucionar tradições são conseqüências da presença de mulheres em lugares antes restritos aos ambientes masculinos; desse modo, muitos são os resultados alcançados pelas mulheres na garantia por espaços na sociedade, porém, tem-se muito pelo que lutar e transformar, pois o preconceito, a discriminação, as desigualdades e a violência, ainda são tormentas que atingem o universo das mulheres.

Ser mulher e quebradeira de coco é condição humana de enfrentamento constante para reprimir os desafios de uma sociedade marcada pelo preconceito e discriminação, que luta pela igualdade de gênero. Para Lisboa (2005, p. 70), “a igualdade de gênero é o processo de ser justo com as mulheres e os homens”.

Dessa maneira, o MIQCB se manifesta a essas mulheres como pendão de luta cotidiana para a conquista de direitos, autonomia e para vencer as expressões mais agudas das desigualdades sociais, procurando cercear circunstâncias em que suas histórias são silenciadas e oprimidas.

Para melhor compreendermos os comportamentos de autoafirmação, independência, liberdade e autonomia ressalta-se as falas das mulheres em diferentes espaços de atividades, que contemplam espaços diferenciados de lutas, conquista e também derrotas.

O espaço do cotidiano do trabalho das mulheres quebradeiras de coco babaçu é uma atividade realizada sempre no coletivo. Para as mulheres irem para as matas, para a realização da coleta e quebra do coco, é de grande significado que essas atividades sejam feitas na companhia das companheiras, como elas se autodenominam, para tanto as motivações são as mais diferenciadas.

A realização do trabalho coletivo, realizada pelas mulheres quebradeiras de coco, para a coleta e quebra do coco é um comportamento cultural que ao longo de séculos permeia a vida dessas mulheres agroextrativistas, que nas primeiras horas do dia, sob o calor do sol ainda agradável, percorrem longas distâncias em busca do coco babaçu (BARBOSA, 2013).

Um importante contexto a ser considerado no povoado de Coquelândia é que para essas mulheres, trabalhar na companhia de outras companheiras é para muitas a maneira para se sentirem mais seguras no interior das matas, tendo em vista que muitas mulheres, ao longo de décadas, já foram, segundo seus depoimentos, vítimas de violência sexual, física e psicológica durante período em que estiveram nas matas realizando suas atividades diárias para sustento e sobrevivência de suas famílias.

Dessa forma, o ambiente natural da realização da coleta e quebra do coco representa para essas mulheres um espaço de trabalho e sobrevivência, bem como se torna um ambiente propício para o planejamento de metas, socialização, problemas, tristezas, dores e alegrias. Para Barbosa (2013, p. 212), “o espaço de

sociabilidade criado em torno da quebra do coco é muito relevante no aprendizado dessa prática e na sua continuidade”.

As observações feitas durante pesquisa permitem apontar que as mulheres quebradeiras de coco ao saírem para suas unidades de sustento realizam suas atividades seguindo um modelo que é próprio de todas as mulheres quebradeiras. A forma do vestir, os instrumentos de trabalho, a maneira de coletar e quebrar o coco são características comuns entre os diferentes sujeitos, porém realizando as mesmas atividades.

É ritmado e intenso o som emitido pela ação dessas mulheres, quando, sentadas ao chão, com uma das mãos, seguram o babaçu acima da lâmina de um machado, preso a uma de suas pernas, e com a outra mão desferem golpes em partes e retira suas amêndoas (BARBOSA, 2013, p. 33).

Para tanto, momentos de grande descontração também são vivenciados durante o cumprimento das suas atividades nas matas. Os momentos de alegrias podem ser percebidos através das piadas, dos sorrisos e das cantorias realizadas por elas.

As mulheres quebradeiras de coco, durante entrevista, afirmaram que cantar tem representações diferentes, pois as músicas podem estar sendo cantadas por elas, como forma de afastar de suas lembranças as tristezas e sofrimentos diários, como também para representar a alegria do grupo. “Tem vezes que a gente chega até triste aqui, mas sempre tem uma companheira que anima a gente, que canta e que conta piada (risos), aí não tem jeito, o nosso ânimo melhora” (J.T.S., 65 anos).

Gamba (2004, p. 27), afirma que a música pode proporcionar grandes possibilidades aos indivíduos, pois melhora o raciocínio lógico, a sensibilidade, a concentração, a experiência corporal e amplia o sentido, a valorização e o respeito ao próximo. As músicas³⁵ retratam a história, luta e força das quebradeiras de coco babaçu, para tanto é fundamental sublinhar que essas não são cantadas somente

³⁵As músicas cantadas fazem parte dos grandes repertórios de músicas criadas pelas próprias quebradeiras de coco, ou pelo grupo de mulheres “As Encantadeiras: quebradeiras de coco babaçu que cantam e encantam”. As Encantadeiras é um grupo de mulheres quebradeiras de coco que hoje reservam parte de suas vidas, para apresentações de shows que retratam a história das quebradeiras de coco.

durante a realização de suas atividades de trabalho, mas também nos espaços de estudo, encontros, oficinas e seminários realizados pelo MIQCB.

Para as mulheres militantes do MIQCB, a música, segundo depoimentos, também serve como estratégia para trabalhar, principalmente nas oficinas com os jovens, pois com o uso das músicas várias temáticas são discutidas, já que são músicas que falam dos sonhos, derrotas, vitórias e lutas das mulheres membros do movimento, assim como valoriza o papel da mulher quebradeira na sociedade.

Realizar trabalho dentro do movimento por intermédio da música é permitir um ambiente motivador, harmonioso e de valorização da cultura local, tendo em vista que as músicas fazem um diálogo direto com o universo das quebradeiras de coco babaçu, através de suas histórias e lutas, permitindo que suas vozes sejam ouvidas por vários outros espaços da sociedade.

T.J.C.P. e R.S.G., durante entrevista, e ao serem estimuladas a falar sobre o porquê dos muitos momentos de cantorias nas matas, encontros, seminários, reuniões e oficinas afirmaram que:

Nossa cantoria representa nossa história de luta, nela falamos da nossa guerra para defender nossos babaçuais, das mortes que já tivemos nas matas por conta da proibição de deixar as mulheres entrar nas fazendas. Nossos cantos também falam das nossas conquistas, de nossa identidade, da nossa união no MIQCB. Então cantar é muito importante pra nós quebradeira. E quando estamos no meio do mato também cantamos, assim, nos alegamos e também as horas passam mais rápido (risos) (T. J. C. P. 59 anos)

A música entre as mulheres quebradeira de coco é algo muito forte. Cantamos em todos os espaços que estamos reunidas, porque a música trata da nossa história. A música também é muito usada em oficinas com jovens. Com a música a gente pode fazer com que eles conheçam mais a história de seus ancestrais. E também com a música a gente faz com que os jovens se interessem mais pelas oficinas. Fazemos comparações com as músicas nossas e as músicas que hoje mais chamam a atenção dos nossos jovens. Por isso, fazer nossos jovens gostar das músicas que falam da história de suas mães, é fazer com que essas cantorias não sejam esquecidas jamais. Por isso a música é tão importante. Além de que cantar é muito bom para a alma (risos) (R.S.G., 30 anos).

Ao ser levada a buscar em sua memória o significado da música na vida das quebradeiras de coco, T.J.C.P. apontou que a música representa a história de luta, morte e conquistas de todas as mulheres que vivem do que é retirado e produzido

do coco babaçu. Para essa mulher, o cantar permite que, durante a realização de suas atividades nas matas em conjunto com outras mulheres, elas vivam momentos de entusiasmo e alegrias.

Já R.S.G. ressalta que a música tem amplo significado para garantir a identidade de quebradeiras, pois se tornou hábito em todos os espaços em que se encontram reunidas, assim como, são frequentes em ambientes de encontros com os jovens, com o escopo de permitir que estes aprendam a reconhecer, valorizar e respeitar a história de suas origens, e acima de tudo não permita que suas vozes sejam silenciadas e esquecidas. Conforme Stravracas (2013, p. 65), “a música como forma de representação humana, por si só faz-se necessária e justificável”.

Destarte, a música passa a ser uma forma de estandarte de luta, pois através da música, suas histórias chegam a diferentes espaços e mobilizam um maior número de pessoas que, estando presentes nos eventos realizados pelas mulheres quebradeiras de coco, ou que estejam participando, suas histórias passam a ser conhecidas e, conseqüentemente, mais respeitadas e valorizadas. Conforme Stravracas (2013, p. 61), a música “está presente na vida em sociedade como um das mais antigas formas de representação cultural, conseguindo reunir pessoas e grupos em torno de uma mesma atividade”.

Para Matos (2005), a música tem significados de grande valor para os sujeitos envolvidos, pois ela não representa uma produção isolada e muito menos individual, mas acima de tudo como elemento de aprendizagem cultural.

Das músicas mais cantadas nos espaços coletivos das mulheres quebradeiras de coco, destaca-se alguns trechos que são considerados pelas quebradeiras como hinos, pois de forma contínua elas são entoadas nas atividades do movimento e, também, durante realização de suas atividades diárias de trabalho.

Destaca-se que os trechos das músicas descritas na dissertação foram fruto de observações realizadas durante pesquisa de campo, participando de encontros, reuniões, palestras, oficinas e acompanhando o trabalho das mulheres quebradeiras de coco nos babaçuais.

Quem trás vida ao mundo é a mulher. Quem luta a vida inteira com muita fé. Quem cuida da família com capacidade e ainda luta junto à sua comunidade. A mulher tem valor, vamos reconhecer no seu dia a dia seu trabalho justifica. É a mulher que luta por uma renovação. É bom ter a mulher participando da política(Música: Quem traz a vida ao mundo)

Eu sou mulher trabalhadeira. Eu também sou brasileira. Faço parte da nação. Eu tô correndo com medo da sociedade. Quando dura a liberdade ter que disposição. Pra lutar forte nessa Pátria varonil. Precisamos de um Brasil que tenha libertação (Música: Sou Mulher Trabalhadeira).

As músicas cantadas pelas mulheres quebradeiras de coco representam diferentes contextos, crenças, afeição, conhecimentos e sentidos de suas realidades dentro do movimento de mulheres, uma vez que por intermédio da música as mulheres expressam os sentimentos que possuem em relação às palmeiras de babaçu, bem como reconhecem sua importância na luta pela preservação dos babaçuais, da batalha constante junto as suas comunidades, do incentivo pela participação das mulheres nos espaços políticos da sociedade e, por conseguinte, a defesa da valorização da mulher e do seu trabalho.

Nota-se que as músicas também fortalecem o sentimento de nacionalidade das mulheres, que se reconhecem com parte importante do estado brasileiro, dispostas a travar uma luta constante por uma pátria para todos e por um país que garanta a liberdade. A música se torna um registro de grande dimensão para que a história da vida dessas mulheres não seja levada ao esquecimento.

Levando-se em consideração esses aspectos, é correto afirmar que a identidade coletiva de um grupo de pessoas, ou comunidade é compreendida dentro da questão social, conseqüentemente está conectada ao conceito particular que o indivíduo faz de si e de sua interação com fatores sociais, dando origem à constituição de grupos que se constituem, a fim de um mesmo ideal.

Os ambientes de socialização hodiernos na cotidianidade dos indivíduos são as principais alusões para a formação de tais identidades coletivas. Para Alonso; Costa; Maciel (2007, p. 159), a conexão desses indivíduos é antes de mais nada, uma interação sociocultural e pessoal, por meio da qual interpretações comuns, laços afetivos, lealdade comunitária e o sentimento de pertencimento a grupo se constroem.

Assim, o cotidiano é uma peça importantíssima para se entender os processos de transformações, já que o “lugar” é o ambiente privilegiado daquilo que se considera ser à base das relações sociais, além de ser também o espaço em que se desenham, emergem e se gestam as transformações vistas como necessário às demandas sociais, bem como são construídos novos saberes.

Os novos saberes surgem a partir de situações internas e externas ao movimento, assim como os acontecimentos diários que envolvem os sujeitos no dia a dia. Para Santos (2006, p. 146), “são nos momentos de crises, de instabilidade, de insegurança que as identidades culturais preferencialmente se manifestam e se afirmam”.

Freire contempla a grande discussão do papel do conhecimento frente aos desafios e homens e mulheres que, para vencer as barreiras das desigualdades sociais, precisam se empoderar de ferramentas para possibilitar a autonomia e liberdade, pois “a grande tarefa humanista e histórica dos oprimidos é libertar-se a si e aos opressores”(FREIRE, 1987, p. 17); dessa forma, a construção da identidade está diretamente relacionada com o contexto social da vida humana, tendo em conta que todas as intervenções sociais e todos os tipos de características de identidade estão diretamente conectados ao ser em contato com o outro.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazer considerações sobre algo que caracteriza a dinamicidade da vida de diferentes sujeitos sociais, no sentido de evidenciar e compreender as constantes mudanças pelas quais uma sociedade passa, não é tarefa simples, contudo, requer um olhar atento, rigoroso e responsável por parte do pesquisador.

Concluir, quando ainda estamos a caminhar, quando compreendemos que a vida, seus sujeitos e suas histórias não é algo pronto e acabado, assim como pensar, conceituar, interpretar e analisar mulheres camponesas e extrativistas, como as quebradeiras de coco babaçu vistas, nesta pesquisa, como mulheres e atrizes em cenas ativas, não é percurso fácil de ser delineado.

Desse modo, essa pesquisa revela um caminho de mulheres que através da luta constante dentro do movimento, procuram garantir sua identidade de quebradeiras de coco babaçu, o direito de conquistar espaços na sociedade com o intuito de sobrevivência, reconhecimento, autonomia e empoderamento, elementos essenciais para a garantia da dignidade humana.

No entanto, as mulheres quebradeiras de coco babaçu precisam, diariamente, enfrentar fortes desafios provocados pelas mudanças de um modelo de economia globalizante com prioridade aos grandes investimentos do capital, que surgem trazendo consequências danosas para subjugar suas culturas, valores e tradições que se apresentam entranhadas na comunidade por meio da coleta e quebra do coco babaçu, reveladas por meio de seus comportamentos, relatos e depoimentos

.As mutações da sociedade contemporânea são verificadas, sentidas e interpretadas pelas mulheres a partir da participação e envolvimento dentro do movimento de quebradeiras de coco babaçu, sendo tais mutações legítimas, imprescindíveis e, até interessantes; contudo, essas são mulheres conscientes de que no processo de mudança existem ganhos e perdas de valores e práticas cotidianas significativas, assim, o fortalecimento das mulheres em buscar por novos saberes permite que essas busquem readequar os dois universos: ontem e hoje.

A pesquisa, que tem como título “Movimentos Sociais, Aprendizagem e Mulheres do Povoado de Coquelândia / Imperatriz/MA”, tem como objetivo geral verificar se os movimentos sociais, enquanto espaços não-formais de ensino e aprendizagem possibilitam o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia, no município de Imperatriz - MA.

Desta forma, é interessante destacar quais significativas categorias delinearão o resultado dessa pesquisa, possibilitando que categorias como: mulher, trabalho, aprendizagem, movimento e família estejam mesclados aos conceitos de identidade, cultura e empoderamento, por meio da fundamentação dos teóricos e das vozes e comportamentos das atrizes desse universo da pesquisa.

Com o intuito de alcançar o objetivo geral desta pesquisa foi necessário definir três objetivos específicos os quais agora retomamos: identificar no movimento social, o ensinar e o aprender como possibilidades de empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia; conhecer as concepções das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia em relação ao movimento social nos aspectos de ensino e aprendizagem; verificar se o movimento social enquanto espaço não-formal de aprendizagem constrói a identidade cultural das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia.

As considerações finais a que chegamos, em relação ao *primeiro objetivo*, o qual é identificar, no movimento social, o ensinar e o aprender como possibilidades de empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia, foi possível por meio da realização da observação participante e dos depoimentos, apresentando os seguintes resultados:

- O movimento das mulheres quebradeiras de coco babaçu (MIQCB) através de atividades constantes, como reuniões, planejamentos, encontros, oficinas, palestras e outros, realizadas por elas enquanto movimento social, na sede, ou nas comunidades, ou até mesmo executado por outras instituições, mas que estiveram presentes como participantes do processo, torna-se extremamente relevante para a sobrevivência, manutenção da cultura da quebra do coco e da identidade de quebradeiras.
- O movimento fortalece as mulheres extrativistas a lutarem por seus direitos a partir da necessidade de conhecer e compreender as mudanças sócio-político, econômico e cultural da sociedade e do seu entorno, e assim buscar as estratégias necessárias para vencer desafios como o preconceito, discriminação, falta de políticas públicas, garantia do acesso a terra e aos babaçuais.
- As aprendizagens, adquiridas em diferentes tempos e oportunidades, possibilitam que as mulheres quebradeiras de coco por meio da obtenção de saberes, desenvolvam a habilidade e potencialidades enquanto coletivo para o trabalho com maior qualidade, percebidos durante a movimentação do grupo na coleta e venda dos produtos derivados do coco babaçu em busca de um empoderamento econômico e individual, o que refletem mudanças reais, tais como autonomia financeira, que leva a uma maior valorização tanto da família como da sociedade.
- Uma análise distante de ingenuidade dos espaços coletivos permite também afirmar que, a diversidade de possibilidades de construção do conhecimento, viabilizada pelas muitas estratégias pensadas e desenvolvidas pelas mulheres quebradeiras de coco babaçu, tem provocado mudanças valorosas mudanças na vida dessas mulheres, respaldadas através de suas vozes quando tratam dos saberes adquiridos por elas em diferentes espaços sociais, proporcionados através do MIQCB, e que tem, conseqüentemente, possibilitado às mulheres maior autonomia, em termos gerais, assegurando-lhes melhor qualidade de vida.
- O movimento, por meio do fortalecimento das quebradeiras de coco, permite o reconhecimento e a visibilidade de mulheres que excluídas de direitos,

foram silenciadas na história e, conseqüentemente, ficaram de fora de espaços relevantes da sociedade.

- Todos os espaços observados, que serviram para a coleta de informações durante a pesquisa, foram marcados pela presença e participação das mulheres quebradeiras de coco, que nas diversas atividades do MIQCB concordaram, discordaram do que foi debatido e explanado, em lugares diferenciados onde estiveram presentes, representando sua profissão e sua identidade, bem como demonstrando a capacidade de avaliar as muitas informações que receberam no contexto social, econômico, político e cultural e, acima de tudo, com capacidade de contextualizar usando como referência seus cotidianos de vida e luta.
- As observações realizadas durante a pesquisa nos permitem apontar que as mulheres que fazem parte do MIBCB ocupam cenários mais participativos da sociedade, tornam-se mais independentes, com maior poder de decisão, apresentando-se como lideranças dentro das comunidades.

Ao observar e refletir sobre os espaços coletivos das quebradeiras de coco babaçu em ambientes não-formais de aprendizagens como os espaços de reuniões, debates, encontros, oficinas, palestras e outros, foi nossa preocupação empreender um olhar globalizante para a concepção de ensino e aprendizagem das quebradeiras de coco.

Com a intenção de contemplar o *segundo objetivo*, que é conhecer as concepções das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia em relação ao movimento social nos aspectos de ensino e aprendizagem, foi necessário a realização da entrevista semi-estruturada, a qual possibilitou chegar aos seguintes resultados:

- A concepção que as quebradeiras de coco possuem de ensinar e aprender, dentro do espaço do movimento, transcendem os limites dos espaços formais de aprendizagem, passando a serem vistos e defendidos como todos os espaços em que elas se reúnem, discutem, planejam, estudam, debatem e que servem para adquirir conhecimentos para lutar por direitos à terra, ao

acesso livre aos babaçuais, à defesa por garantia de direitos para a mulher, por oportunidade de participarem em diferentes espaços sociais e políticos, bem como por melhores condições de vida para elas e suas famílias.

- A aquisição do conhecimento é vista e idealizada pelas mulheres quebradeiras de coco apoiadas em seus relatos, depoimentos e entrevistas, como uma forma de ensino e de aprendizagem adquiridos ao longo da vida, através das tradições, das memórias, bem como pela participação em reuniões, debates, encontros, oficinas, palestras e outros eventos organizados pelo MIQCB.
- Os saberes adquiridos pelas quebradeiras de coco através da participação no movimento social tem proporcionado a consciência cidadã dessas mulheres, verificada através de depoimentos, em que as mesmas declaram suas concepções de vida, de trabalho, de mulher e de identidade, possibilitando assim, a construção de um cenário mais promissor em que a justiça e a igualdade social estejam a seu favor, perpassam por uma movimentação social delas unidas por objetivos comuns em prol do grupo.
- O ato de ensinar e aprender para as quebradeiras de coco se realiza de forma espontânea, exigindo não um tempo ou uma forma específica para o processo do aprender ou ensinar, mas, principalmente, interesses coletivos, em que as particularidades e/ ou dificuldades dos sujeitos envolvidos são vistas como fatores determinantes para pensar estratégias que contemplem as diferentes realidades.
- A forma de pensar das mulheres, a partir da inserção e do envolvimento no movimento e, acima de tudo, dos saberes assimilados em questões voltadas para direitos da mulher, leis, política e território, tornaram-nas defensoras firmes de um processo de desenvolvimento sustentável, fortalecimento de movimentos sociais para as gerações de hoje e do amanhã, do empoderamento de mulheres e para a autonomia econômica, política e individual.
- No universo das quebradeiras de coco, os processos de ensino e aprendizagem não dependem, imediatamente, de uma ação intencional de ensino, pois na medida em que consideramos o aprender como um processo permanente e interminável, eliminamos dele a obrigatoriedade da

estruturação formal de um ato ensinante, incorporando-os às experiências cotidianas dos sujeitos sociais.

- Para as quebradeiras de coco babaçu, a educação não é o sinônimo tão somente da escola, trata-se de uma compreensão mais ampla, mas que não ignora que os processos escolares são importantes e fundamentais.

Com a finalidade de atingir o *terceiro objetivo*, que é verificar se o movimento social enquanto espaço não-formal de aprendizagem constrói a identidade cultural das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia, as observações realizadas e os depoimentos dados através da entrevista de história de vida permitiram concluir que:

- A construção da identidade das mulheres quebradeiras de coco babaçu é construída e ressignificada através da luta por territórios, pela defesa dos babaçuais, pelo direito de se verem donas de seus espaços e do de direito a ter voz e veze, principalmente, através do modelo de luta comum.
- A identidade de ser mulher e quebradeira de coco é mais bem elaborada quando estas passam a se enxergar mulheres sócio-políticas, participantes da construção política, bem como da economia e cultura de uma localidade.
- Os saberes adquiridos no movimento, em estudos de temáticas diversas pelas mulheres quebradeiras em suas atividades, com temas gerais que envolvem o universo político e econômico, possibilitaram-nas empreender discussões significativas recorrentes sobre questões pontuais referentes aos seus cotidianos de trabalho, assim como das questões voltadas para as discussões sobre identidade.
- No cenário de luta política-ambiental e de mobilização das mulheres e diante de um processo de luta por reconhecimento e respeito, essas quebradeiras de coco se auto identificam através do sentimento de pertença, das vestimentas, das cantorias, características que as identificam tanto dentro quanto fora do seu universo.
- A identidade das quebradeiras de coco é percebida através de suas memórias, tendo em vista que a memória não é tão somente a imaginação e construção social, mas, acima de tudo, experiências comuns de vida,

representadas através das histórias comuns, dos sentimentos, das ideias e comportamentos culturais, bem como no modelo de produção econômico compartilhado.

- O conceito de identidade utilizado nesta pesquisa, construído através da voz e do cotidiano de mulheres quebradeiras de coco babaçu em seus espaços de trabalho, familiar e de atividades coletivas do movimento, visa compreender sujeito dentro de uma perspectiva contemporânea, procurando adaptar-se às múltiplas situações da vida social, adversas ou não, mas que se apresentam em diferentes cenários do dia a dia.
- As relações de gênero se manifestam no universo das mulheres quebradeiras de coco inseridas no movimento, pela compreensão que possuem de que suas histórias precisam ser ressignificadas, de modo que se percebam protagonistas de suas histórias, proprietárias de suas vidas, corpo e de sua autonomia financeira.
- O trabalho planejado e realizado das mulheres dentro do movimento, por meio de seus espaços de entendimento coletivo, permite que a identidade da mulher e quebradeira de coco seja fortalecida paulatinamente, dando espaço a sujeitos autônomos e conhecedores de direitos e deveres.

Por fim, retomamos o problema que motivou este estudo: se a relação existente entre movimento social e aprendizagem contribui no processo de empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia no Município de Imperatriz-MA; e a hipótese: que os movimentos sociais, enquanto espaços não-formais de ensino e de aprendizagem possibilitam o empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia, para fazermos a sua confirmação.

Diante de todo o exposto, podemos afirmar que as concepções que as mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia possuem de movimento social nos aspectos de ensino e aprendizagens possibilitam-nas à busca pelo empoderamento e, os movimentos sociais, enquanto espaços não-formais de aprendizagem, garantem a identidade cultural das mulheres quebradeiras de coco babaçu de Coquelândia.

Portanto, ressaltamos que os objetivos desta pesquisa foram alcançados e esperamos que esta represente uma contribuição no mundo acadêmico para uma postura de valorização e respeito aos diferentes sujeitos, a exemplo das mulheres quebradeiras de coco babaçu, bem como um olhar de reconhecimento e respeito a todos os espaços não-formais de ensino e aprendizagem, o que revela que o processo do ensinar e aprender é construído paulatinamente, através das relações sociais coletivas, como condição necessária para o indivíduo usufruir de direitos construídos pela sociedade.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. **Quebradeiras de coco – identidade e mobilização: legislação específica e fontes documentais e arquivísticas**. São Luís: MIQCB, 1995.

_____, Alfredo W. B. de. **Conhecimento tradicional e biodiversidade: normas vigentes e propostas**. 1º vol. Manaus: Fundação Ford, 2008.

ALMEIDA, Kamila S.; DIMENSTEIN, Magda; SEVERO, Ana K. **Empoderamento e atenção psicossocial: notas sobre uma associação de saúde mental**. Interface (Comunicação, Saúde, Educação), Botucatu, v. 14, n. 34, p. 577-89, jul.-set. 2010. Disponível em: <http://issuu.com/revista.interface/docs/34_>. Acesso em: 22 abr. 2014.

ALMEIDA, Alfredo V. B. de **A ideologia da decadência: leitura antropológica a uma história da agricultura no Maranhão**. Rio de Janeiro: Casa 8/FUA, 2008.

ALMEIDA, Alfredo V. B. de. **Quebradeira de Coco Babaçu: identidade e Mobilização**. São Luis: Estação Publicidade & Marketing Ltda, p.11-23, 1995.

_____. Movimentos sociais na Amazônia in Amazônia, mito e desencanto. **Revista Debate**. Salvador: Publicação CESE (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), p.83-115, 1995.

ALONSO, Angela. **As Teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate**. In: Lua Nova, Núm. 76, 2009, pp. 49-86. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ln/n76/n76a03.pdf>>. Acesso em 05 de fevereiro de 2014.

ANASTASIOU, Léa das G. C.; ALVES, Leonir Pessate. Estratégias de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**. 5. ed. Joinville: Univille, 2005.

ARAÚJO, Helciane de F; CARVALHO, Cynthia M. C; MAGALHÃES, Ana C. **As quebradeiras de coco babaçu e a luta pelo fim da sujeição no campo**. In: Direitos Humanos no Brasil: relatório da Rede Social de Justiça e Direitos Humanos. São Paulo: Fundação Heinrich Böll, 2004.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

AZEVEDO, Daviane A. de. Movimentos Sociais, Sociedade Civil e Transformação Social no Brasil. **Revista Multidisciplinar da UNIESP**. Saber Acadêmico, n 09, Jun. 2010/ ISSN 1980-5950. Disponível em:

<<http://www.uniesp.edu.br/revista/revista9/pdf/artigos/18.pdf>>. Acesso em: 12 julho de 2015>. Acesso em: 25 abr. 2014

BARBOSA, Viviane de O. **Na terra das palmeiras: Gênero, Trabalho e Identidades no Universo de Quebradeiras de Coco Babaçu no Maranhão**. 2013.160 f.

Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos) – Universidade Federal da Bahia. Disponível em:

<http://www.posafro.ufba.br/_ARQ/dissertacao_viviane_barbosa.pdf> Acesso em: 25 abr. 2014

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, Edelvira M. de M. **Eu, Imperatriz**. Imperatriz, MA: AIL; São Luis, 2012.

BASTOS, Maxwel M. **Espaços de formação profissional de educação: saberes e movimentos em rede**. In: GARCIA, Regina L. (Org.). *Aprendendo com os movimentos sociais*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

BARQUERO, Vivian A. **Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual**. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. Disponível

em:<<http://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>>. Acesso em: 24 abr. 2014.

BEM, Arim S. do. **A centralidade dos movimentos sociais na articulação entre o estado e a sociedade brasileira nos séculos XIX e XX**. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 97, p. 1137-1157, set./dez. 2006. Disponível

em:<<http://www.scielo.br/pdf/es/v27n97/a04v2797.pdf>> Acesso em: 18 abr. 2014.

BIESDORF, Rosane K. **O Papel da educação formal e informal: educação na escola e na sociedade**. *Revista ItinerariusReflectiones*. v 1, n 10, Jataí, 2011.

Disponível em:<<https://revistas.ufg.br/index.php/ritref/article/view/20432>>. Acesso em: 20 mar. 2014.

BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classe**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

BOLZAN, D. **Formação de professores: compartilhando e reconstruindo conhecimentos**. Porto Alegre. Mediação, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1998.

BRANT, V.C. Da resistência aos movimentos sociais: a emergência das classes populares em São Paulo. In: SINGER, P.; BRANT, V.C. (Org.). **São Paulo: o povo em movimento**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: CEBRAP, 1983.

BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: nº 9394/96**. Brasília: 1996

BRASIL. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. – Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Ministério da Educação, Ministério da Justiça, UNESCO, 2007. Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br/sedh/edh/pnedhpor.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2014

CARVALHO, Isabel.C.M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2004.

CAREGNATO, Rita C.A.; MUTTI, Regina. **Pesquisa qualitativa**: análise de discurso versus análise de conteúdo. Florianópolis: Texto Contexto Enferm, 15(4), p. 679-84 out-dez; 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a17>>. Acesso em: 05 jun. 2014.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2. ed. V.2 - São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Wagner Cabral da. **Sob o Signo da Morte**: Decadência, violência e tradição em terras do Maranhão. 2002. 200 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: 2002.

COLBARI, Antônia de L. **Rumos do movimento sindical no Espírito Santo**. Vitória: Flor e Cultura, 2003.

CORREIA, F. João Carlos. **Comunicação e Cidadania**: os Media e as Identidades nas Sociedades Pluralistas. Portugal: Universidade da Beira Interior. Tese de Doutorado, 2001.

DOIMO, Ana Maria. **A vez e a voz do popular**: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70. Rio de Janeiro: Relume-Dumará; ANPCS, 1995.

EICOS. Estudos Interdisciplinares de Comunidades e Ecologia Social. **Empoderamento**: participação, solidariedade e desenvolvimento. p.1, 2006. Disponível em: <<http://www.eicos.psycho.ufrj.br/portugues/empoderamento/empoderamento.htm>> Acesso em: 22 abr. 2014

FAVARETO, A. Agricultores, trabalhadores. Os trinta anos de novo sindicalismo rural no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. ANPOCS, São Paulo, v. 21, n. 62, 2006.

FERRAZ, Siney. **O movimento camponês no bico do papagaio**: sete barracas em busca de um elo. 2. Ed. Imperatriz; Ética, 2000.

FILHO, Jair do A. **A economia política do babaçu**: um estudo da organização da extratoindústria do babaçu no Maranhão e sua tendências. São Luís: SIOGE, 1990.

FRANKLIN, Adabelto. **História de Imperatriz**. Breve história de Imperatéria. Imperatriz: Ética, 2005

_____. **Apontamentos e fontes para a história econômica de Imperatriz.** Imperatriz, MA: Ética, 2008.

FERRO, Marc. **A revolução russa de 1917.** Tradução de Maria P. V. Resende. São Paulo, 2 ed., Editora: Perspectiva, 2004.

FREIRE, Paulo. **Conscientização.** São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia** – o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos / Paulo Freire. – São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FIEMA - Federação das Indústrias do Estado do Maranhão. **Sistema Fiema é parceiro imprescindível, diz presidente da Suzano.** Disponível em: <<http://www.fiema.org.br/noticia/21863244/sistema-fiema-e-parceiro-imprescindivel-diz-presidente-da-suzano/>>. Acesso em: 21 de abr. 2014.

FRIEDMANN, J. **Empowerment:** uma política de desenvolvimento alternativo. Portugal. CELTA, 1996.

GAMBA, Ana. P. Alto e bom som. **Páginas Abertas**, São Paulo, v. 29, n. 20, p. 26 a 35, jun./jul. 2004.

GASPAR, Alberto. A Educação e a Educação Informal em Ciências: Luzes no Oriente. **História em revista.** Rio de Janeiro: Editora Cidade Cultural, 1990. Disponível em: <http://www.casadaciencia.ufrj.br/Publicacoes/terraincognita/cienciaepublico/artigos/art14_aeducacaoformal.pdf>. Acesso em: 04 de agosto de 2015

GEHLEN,IVALDO. **Território, Cidadania, Identidades e Desenvolvimento Local Sustentável.** In: RIELLA, Alberto (Org.). Globalización, desarrollo y territorios menos favorecidos. Montevideo: Universidad de La República, 2006. p. 265– 283.

GERHARDT, Tatiana E. Métodos de pesquisa. (Org.) Tatiana EngelGerhardt e Denise Tolfo Silveira; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4ª reimpressão. Editora Atlas, 2002.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil.** 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. Aprendizagens em Pedagogias Alternativas: Movimentos Sociais. Desigualdade & Diversidade. **Revista de Ciências Sociais da PUC-Rio**, ed. dupla, n 12, p. 13-27, jan/dez, 2013. Disponível em:

<<http://desigualdadeediversidade.soc.puc-rio.br/media/05%20-%20artigo%201%20-M%20G%20Gohn.pdf>>. Acesso em: 2 de agosto de 2015.

GOHN, Maria da Glória. **Sociologia dos movimentos sociais**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014

_____. Educação Não Formal e o Educador Social em Projetos Sociais. Maria da Glória Gohn; Ligia A. Vercelli (org.) **Educação não formal**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.

_____. **Movimentos Sociais e Educação**. 8. ed., São Paulo: Cortez, 2012.

_____. Movimentos e lutas sociais na história do Brasil. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011a.

_____. **Movimentos Sociais na Contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação. v. 16, n. 47, p. 333-361, maio-ago. 2011b. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>. Acesso em> 14 mar. 2014

_____. **Educação Não- formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas** . Ensaio: aval. pol.públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v14n50/30405.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2014.

_____. Educação não-formal na pedagogia social. In: I Congresso Internacional de Pedagogia Social, n 1, 2006, Proceedings online. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Availablefrom: Acesso em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100034&lng=en&nrm=abn>. Acesso em: 28 July. 2015.

_____. **Teorias dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

_____. **História dos movimentos e lutas sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. **Movimentos sociais e educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

GONÇALVES, Luciléia F. L. **Emancipações municipais e aplicação de recursos públicos**: um estudo de caso no setor educacional em Cidelândia e São Pedro da Água Branca no Maranhão. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010.

GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. **A Reinvenção do Maranhão Dinástico**. São Luís: Edições UFMA; PROIN(CS), 2000.

GUERREIRO FILHO, Antônio. **O poder da camisa branca**. São Paulo: Ed. Futura, 2011.

GHANEM, Elie; TRILLA, Jaume. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2008.

GROPPO, Bruno. **O comunismo na história do século XX**. Tradução de Arlete Dialetochi. Lua Nova, São Paulo, 75: 115-141, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n75/07.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2014.

GROSSI, Patrícia; Aguiniski, Beatriz. "Por uma nova ótica e uma nova ética na abordagem da violência contra mulheres nas relações conjugais". In: GROSSI, Patrícia; WERBA, Graziela (Orgs.). **Violências e gênero: coisas que a gente não gostaria de esquecer**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 19-45
HAGUETTE, Teresa. M. F. **Metodologia Qualitativa na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade. In: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 103-133.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes da Silva. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil. Editora UFMG, 2003.

HERMANN, Jaqueline. **Canudos Destruído em Nome da República** : Uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 2, n°. 3, 1996, p. 81-105. Disponível em: http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg3-4.pdf Acesso em: 18 abri. 2014.

HOBSBAWM, E.J. **A era das revoluções: Europa 1789 – 1848**. 15.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2001.

HOROCHOVSKI, Rodrigo R.; MEIRELLES, Giselle. **Problematizando o conceito de empoderamento**. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis, 2., 2007. Disponível em: http://www.sociologia.ufsc.br/npsms/rodrigo_horochovski_meirelles.pdf. Acesso em: 24 abr. 2014.

HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. Traduzido da 3.edição por Waltensir Dutra. 21. ed.; rev. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1986.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Estados@**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ma>. Acesso em: 20 fev. 2014.

INAUGURAÇÃO da fábrica da Suzano, dia 20, deverá trazer Dilma Rousseff a Imperatriz. **O Progresso**, Imperatriz, 11 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.oprogressonet.com/politica/inauguracao-da-fabrica-da-suzano-dia-20-devera-trazer-dilma-rousseff-imperatriz/1282.html>> Acesso em: 15 abril. 2014.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em extensão**, vol. 7, p. 55 a 66, Uberlândia, 2008.

JUNIOR, José C. A. **A organização das quebradeiras de coco babaçu e a refuncionalização de um espaço regional na microrregião do médio mearim maranhense**. 2007. 176 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Urbano) - Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <<https://ayres1000.files.wordpress.com/2008/01/dissertacao-de-jose-costa-ayres-junior-ufsc-quebradeiras-de-coco-babacu-2007.pdf>>. Acesso em: 17 de nov. 2015.

KLEBA, Maria E; COMERLATTO, Dunia; COLLISELLI, Liane. **Promoção do empoderamento com conselhos gestores de um polo de educação permanente em saúde**. Revista Texto & Contexto: Enfermagem, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 335-342, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v16n2/a18v16n2.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2014.

LEON, Magdalena. "Empoderamiento: relaciones de las mujeres con el poder". **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 2, p. 191-205, 2000. Disponível em: <<http://www.rbcdh.ufsc.br/index.php/ref/article/view/11935/11201>>. Acesso em: 26 de julho de 2015.

LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LINTON, Ralph. **O Homem**: uma introdução à antropologia. Tradução de Lavínia Vilela. Ed. Martins Fontes, 2000.

LISBOA, Teresa K.; MANFRINI, Daniele B. Cidadania e Equidade de gênero: políticas públicas para mulheres excluídas de direitos humanos. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 8, n. 1; jan./jun., p. 67-77, 2005. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/viewFile/7103/6570>>. Acesso em: 8 de agosto 2015.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 2008.

LUNA, Regina Celi Miranda Reis. **A terra era liberta**: um estudo da luta dos posseiros pela terra no vale do Pindaré-MA, São Luís: EDUFMA/ Secretaria de educação do Estado do Maranhão, 1984.

MAGNOLI, Demétrio; BARBOSA, Elaine S. B. Liberdade versus igualdade. In. **O mundo em desordem**. (1914-1945). vol 1, Rio de Janeiro: Record, 2011.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Uma Teoria Científica da Cultura**. Tradução José Auto. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

MESQUITA, Benjamim Avino de. As mulheres agroestatistas do babaçu – a pobreza a serviço da preservação do meio ambiente. **Rev. Pol. Pública**. São Luis, v. 12, n. 1, p. 53-61, jan./jun. 2008. Disponível em: <file:///D:/Downloads/Artigo_5.pdf>. Acesso em: 15 de julho de 2015.

MESQUITA, Marcos R. **Identidade, cultura e política**: os movimentos estudantis na contemporaneidade. 2011. 377f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontífca Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em:<http://www.sapientia.pucsp.br/tde_arquivos/3/TDE-2007-06-01T11:18:04Z-3410/Publico/PSO%20-%20MARCOS%20R%20MESQUITA.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2014.

MELUCCI, A. **A intervenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.

MINAYO, Maria C. de S. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MIRANDA, Camila M.; CASTILHO, Neuza Aparecida N.C.; CARDOSO, Vanessa Cristina C. **Movimentos Sociais e Participação Popular**: luta pela conquista de direito sociais. Revista da Católica, Uberlândia, v.1, n. 1, p. 176-185, 2009. Disponível em:<http://www.catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv1n1/15_Movimentos_sociais.pdf> Acesso em: 20 abr. 2014

MARX, Karl. **O Capital**. Crítica da Economia Política. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. ed. Nova Cultural Ltda. São Paulo, 1996. v 1.

MELLO, Vico D. S; DONATO, Manuela R. A. **O pensamento iluminista e o desencantamento do mundo**: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. Revista Crítica Histórica, Ano II, n 4, dez. 2011. Disponível em:<<http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/118/O%20Pensamento%20Iluminista%20e%20o%20Desencantamento%20do%20Mundo.pdf>> Acesso em: 20 abri 2014.

MICHAEL, Pollak. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Capraro/memoria_e_identidade_social.pdf>. Disponível em: 15 de agosto de 2015.

MOURA, Marinaide R. O Simbólico em Cassirer. Revista Ideação, Feira de Santana, n.5, p.75-85, jan./jun. 2000. Disponível em: < <http://www.uefs.br/nef/marinaide5.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2015.

NASCIMENTO, Maria N. **Geografia do Maranhão**. São Paulo: FTD, 2001.

NUNES, J. A. Um novo cosmopolitismo? reconfigurando os direitos humanos. In:

BALDI, C. A. (Org.). **Direitos humanos na sociedade cosmopolita**. Rio de Janeiro: Renovar, 2004.

OAKLEY, Peter; CLAYTON, Andrew. **Monitoramento e avaliação do empoderamento (“empowerment”)**. Tradução de Zuleika Arashiro e Ricardo Dias Sameshima. São Paulo, Instituto Pólis, 2003.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **Amazônia: monopólio, expropriação e conflitos**. 3. Ed. Campinas-SP: Papirus, 1990. (Série educando).

OLIVEIRA, Erival da S. **Direitos humanos**. 2. Ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2011.

PIRES, Maria L. B. **Teorias da Cultura**. 2. ed. Lisboa. Universidade Católica Editora, 2006.

PACHECO, Joice O. **Identidade Cultural e Alteridade: problematizações necessárias**. Revista eletrônica da UNISC. Santa Catarina, 2004. Disponível em: http://www.unisc.br/site/spartacus/edicoes/012007/pacheco_joice_oliveira.pdf. Acesso em: 22 de agosto de 2015.

PAOLI, Maria Célia. **Movimentos Sociais, Cidadania, Espaço Público: Perspectivas Brasileiras para os Anos 90**. Revista Crítica de Ciências Sociais, N 33, out 1991. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/33/Maria%20Celia%20Paoli%20-%20Movimentos%20Sociais,%20Cidadania,%20Espaco%20Publico.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2014.

PATEMAN, Carole. **Participação e teoria democrática**, Rio de Janeiro, Paz e Terra 1992.

PESTANA, Thiago V. **Planejamento urbano e a atividade siderúrgica: os impactos socioambientais na comunidade de Pequiá de Baixo em Açailândia/MA**. 2014. 133 f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento) – Centro Universitário Univates, Lajeado, 2014.

PETRUCCI, Valéria Bezzera Cavalcanti; BATISTON, Renato Reis. **Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade**. In: PELEIAS, Ivam Ricardo. (Org.) **Didática do ensino da contabilidade**. São Paulo: Saraiva, 2006.

POLLACK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In: Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol5, n. 10, 1992. Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em 18 abr. 2014.

PRÍNCIPE. L; DIAMANTE, J. **Desmitificando a educação não-formal**. Revista Acadêmica eletrônica Sumaré. Disponível

em:<http://www.sumare.edu.br/Arquivos/1/raes/06/raesed06_artigo01.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2014.

RÊGO, J. L. e ANDRADE, M. P. História de Mulheres: breve comentário sobre o território e a identidade das quebradeiras de coco babaçu no Maranhão. **50 Agrária**, São Paulo, n 3, 2006. Disponível em: < [http://www. Downloads/87-169-1-SM.pdf](http://www.Downloads/87-169-1-SM.pdf)>. Acesso em: 22 de agosto de 2015.

REPÓRTER BRASIL, Organização de Comunicação e Projetos Sociais. "**Deserto Verde**" - Os impactos do cultivo de eucalipto e pinus no Brasil – São Paulo: Escravo, nem Pensar!, 2011. Disponível em: <<http://www.escravonempensar.org.br/biblioteca/deserto-verde-os-impactos-do-cultivo-de-eucalipto-e-pinus-no-brasil/>> Acesso em: 5 de abril de 2014.

ROUANET, Sérgio Paulo. Razão negativa e razão comunicativa. In_____. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras.

SANTINELLO, Jamile. A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos. Rev. Estud. Comun., Curitiba, v. 12, n. 28, p. 153-159, maio/ago. 2011.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Raimundo Lima dos. **O Projeto Grande Carajás e seus reflexos para a cultura extrativista no Maranhão**. Imperatriz, Ma: Ética, 2011.

_____. **Associação, memória e luta das quebradeiras de coco no Maranhão: o povoado de Petrolina**. Revista MÉTIS: história & cultura p. 49-65. 8, n. 15, p. 49-65, jan./jun. 2009. Disponível em:<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/viewFile/725/530>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

_____.**Reinventando um mundo: quebradeiras de Imperatriz em busca de um caminho**. Imperatriz: Ética, 2008.

_____. **A (não) Reforma Agrária de FHC: Problemas e Perspectivas no Assentamento Alegria**. Imperatriz: Ética, 2007.

SANTOS, M. S. **Memória coletiva e teoria social**. São Paulo: AnnaBlume, 2003.

SIQUEIRA, Sandra M. M. **O Papel dos movimentos sociais na construção de outra sociabilidade**. Disponível em: <http://coordenacaoescolagestores.mec.gov.br/ufpe/file.php/1/coord_ped/sala_7/arquivos/O-papel-dos-movimentos-sociais-na-construcao-de-outra-sociabilidade.pdf> . Acesso em 13 de janeiro de 2014.

SILVA Vanderlei da S. O Ceu como Espaço de Construção do Sujeito Através da Educação Não Formal. Maria da Glória Gohn; Ligia A. Vercelli (org.) **Educação não formal**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2013.

SILVA, Tomaz T. da. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SILVA, Carmen. **Nosso trabalho sustenta o mundo.**/ Carmem Silva; Rivane Arantes; Verônica Ferreira. Série Mulheres em Movimento; n 2– Recife SOS 24 de Corpo, 2012

SILVEIRA, Fabrício J. N. da. Biblioteca, memória e identidade social. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.15, n.3, p.67-86, set./dez 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v15n3/05.pdf>>. Acesso em: 18 de agosto de 2015.

SHIRAIISHI NETO, J. **Leis do babaçu livre: práticas jurídicas das quebradeiras de coco babaçu e normas correlatas**. Manaus: Fundação Ford, 2006.

SOBOTTKA, Emil A. Movimentos sociais e a disputa pela interpretação da realidade. In: GUARESCHI, Pedrinho; HERNANDEZ, Aline; CÁRDENAS, Manuel. **Representações sociais em movimento**: psicologia do ativismo político.

SOUSA, Andréia Nádia Lima de. **Globalização**: Origem e Evolução. Caderno de Estudos Ciência e Empresa, Teresina, Ano 8, n. 1, jul. 2011. Disponível em: <<http://www.faete.edu.br/revista/Artigo%20Andreia%20Nadia%20Globalizacao%20A BNT.pdf>>. Acesso em: 18 de agosto de 2015.

SOUZA, Dileno D.L.de. **Movimentos sociais, ONGs e educação**: um estudo de caso. Aparecida, SP: Idéias& Letras, 2009.

SCHERER-WARREN. Ilse . Movimentos sociais e geração de novos direitos em tempos globais: o caso brasileiro. In: GOHN; BRINGEL (Org). **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

_____. **Redes de movimentos sociais**. Edições Loyola, 2.ed. São Paulo, 1996.

_____. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, vol. 21, nº 1, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000169&pid=S0102-6992201300010000400023&lng=en>. Acesso em: 22 de agosto de 2014.

SCHMITZ, Egídio. **Fundamentos da Didática**. 7 ed. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.

SLACK, N.; CHAMBERS, S.; JOHNSTON, R. **Administração da produção**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político; tradução de Ana Maria Sallum. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SPINDOLA Thelma; SANTOS R. da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisadora. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo. Vol. 37, n 2, 2003. Disponível em: <

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0080-62342003000200014&script=sci_arttext. Acesso em: 01 de nov. 2015.

TOURAINÉ, Alain. **Na fronteira dos movimentos sociais**. Traduzido por Ana Liési Thurler. *Soc. Estado*. 2006, vol.21, n.1, p. 17-28.

_____. **Palavra e sangue: política e sociedade na América Latina**. Campinas. Editora Unicamp, 1989

TRILLA, Jaume. **Educação formal e não-formal: pontos e contrapontos** / Jaume Trilla; Elie Ghanem; Valéria Amorim Arantes (org.), São Paulo: Summus, 2008. (Coleção pontos e contrapontos).

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008

TROVÃO, José Ribamar. **O processo de ocupação do território maranhense**. São Luís: IMESC, 2008.

VERÁS, Roberto. Notas sobre educação participativa em um contexto de mudança social. In: GARCIA, Regina L. (Org.). **Aprendendo com os movimentos sociais**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

VERGARA, Sylvia C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A - TERMO DE CONCORDÂNCIA DA ASSOCIAÇÃO DO MOVIMENTO INTERESTADUAL DAS QUEBRADIERAS DE COCO BABAÇU - MIQCB

À senhora Coordenadora do MIQCB

Eu, Rosyjane Paula Farias Pinto, aluna regularmente matriculada no Curso de Pós-graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino do Centro Universitário UNIVATES de Lajeado, RS, venho solicitar a autorização para coletar dados neste estabelecimento, para a realização de minha pesquisa de Mestrado, intitulada :“MOVIMENTOS SOCIAIS, APRENDIZAGEM E MULHERES DO POVOADO DE COQUELÂNDIA/IMPERATRIZ/MARANHÃO” tendo como objetivo geral: Analisar o papel do Movimento Social sob a visão da educação no processo de empoderamento das mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia no município de Imperatriz - MA.

Afirmo ainda, que as coletas de dados serão realizadas por meio de observações, questionários e entrevistas junto as quebradeira de coco babaçu que fazem parte da direção do MIQCB na região tocantina, e com as mulheres quebradeiras de coco do povoado de Coquelândia no município de Imperatriz.

Desde já, agradeço a disponibilização, visto que a pesquisa contribuirá para fortalecer e valorizar o movimento do MIQCB, bem como, divulgar a importância social, econômica e cultural da quebradeira de coco babaçu na formação do município de Imperatriz-MA.

Pelo presente termo de concordância declaro que autorizo a realização da pesquisa prevista com as mulheres quebradeiras de coco do povoado de Coquelândia no município de Imperatriz-MA.

Data ____/____/____

Coordenadora do MIQCB

Rosyjane Paula Farias Pinto
Mestranda em Ensino– UNIVATES

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

Com o intuito de alcançar o objetivo proposto para este projeto: “MOVIMENTOS SOCIAIS, APRENDIZAGEM E MULHERES DO POVOADO DE COQUELÂNDIA/IMPERATRIZ/MARANHÃO”, venho através deste documento convidar-lhe a participar desta pesquisa que faz parte da dissertação de mestrado desenvolvida no programa de Pós Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Ensino, tendo como Orientadora a Professora Dra. Neli Teresinha Galarce Machado.

Deste modo, no caso de concordância em participar desta pesquisa ou, ficará ciente de que a partir da presente data:

- Os direitos de fazer relatório das observações feitas durante o período em que tiver contato com os sujeitos sociais dessa pesquisa, que são as mulheres quebradeiras de coco babaçu do povoado de Coquelândia no município de Imperatriz.

- Os direitos da entrevista gravada realizada pela pesquisadora, será utilizada integral ou parcialmente, sem restrições;

- Os direitos das fotografias tiradas durante o período da pesquisa, serão analisados com os critérios necessários para que não crie constrangimentos para os sujeitos dessa pesquisa.

- Estará assegurado o anonimato nos resultados dos dados obtidos, sendo que todos os registros ficarão de posse da pesquisadora por cinco anos e após esse período serão extintos. Será garantido também:

- Receber a resposta e/ou esclarecimento de qualquer pergunta e dúvida a respeito da pesquisa;

- Poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, deixando de participar do estudo, sem que isso traga qualquer tipo de prejuízo.

Assim, mediante termo de Consentimento Livre e Esclarecido, declaro que autorizo minha participação nesta pesquisa, por estar esclarecida e não me oferecer nem um risco de qualquer natureza. Declaro ainda, que as informações fornecidas nesta pesquisa podem ser usadas e divulgadas neste curso Pós-graduação *stricto sensu*, Mestrado em, bem como nos meios científicos, publicações eletrônicas e apresentações profissionais.

Participante da pesquisa

Pesquisadora: Rosyjane Paula Farias Pinto
rosyfada@hotmail.com

Imperatriz (MA) _____ de _____ de 2014

APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM AS QUEBRADEIRAS DE COCO BABAÇU DO POVOADO DE COQUELÂNDIA SOBRE: MOVIMENTOS SOCIAIS, ENSINO E APRENDIZAGEM, IDENTIDADE E EMPoderAMENTO

- 1- Seu nome completo, idade e função no MIQCB.
- 2- O que é ser filha de mulher quebradeira de coco babaçu?
- 3- Como ocorre o ensino dentro do MIQCB?
- 4- Você acredita que o MIQCB proporciona a quebradeira de coco babaçu momentos significativos de aprendizagens? De que forma?
- 5- Qual a importância dos espaços de reuniões para vocês mulheres quebradeiras de coco?
- 6- Qual o significado que o coco-babaçu tem na vida de vocês quebradeiras de coco?
- 7- Qual a importância das mulheres inseridas no MIQCB participarem de palestras, congressos e outras atividades realizadas pelo movimento?
- 8- Qual a importância da música cantada por vocês quebradeiras de coco em todos os espaços coletivos que se encontram?
- 9- Qual a importância de envolverem os jovens das comunidades nas atividades de quebradeiras de coco?
- 10- Quais os fatores que na atualidade deixam mais difícil para as quebradeiras de coco em situação difícil?
- 11- O que é ser mulher, quebradeira de coco babaçu e militante do MIQCB?
- 12- O que é ser uma quebradeira de coco empoderada?
- 13- O que mudou em sua vida depois que começou a participar do MIQCB?
- 14- Como você é vista pelos seus filhos e companheiros depois de participar do MIQCB?
- 15- Fale de você: sua infância, alegrias, tristezas, conquistas.

